

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA**

**RAONI PEREIRA RODRIGUES**

**REPETIÇÃO, REGRESSÃO E OS DESTINOS DA ONIPOTÊNCIA INFANTIL:  
REFLEXÕES SOBRE O NARCISISMO PRECOCE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

**SÃO PAULO, MAIO DE 2023**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA**

**RAONI PEREIRA RODRIGUES**

**REPETIÇÃO, REGRESSÃO E OS DESTINOS DA ONIPOTÊNCIA INFANTIL:  
REFLEXÕES SOBRE O NARCISISMO PRECOCE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

(Versão Corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Daniel Kupermann

**SÃO PAULO, MAIO DE 2023**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pereira Rodrigues, Raoni

Repetição, regressão e os destinos da onipotência infantil: reflexões sobre o  
manejo do narcisismo precoce na clínica psicanalítica / Raoni Pereira Rodrigues;  
orientador Daniel Kupermann. -- São Paulo, 2023.

132 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) --  
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Repetição. 2. Regressão. 3. Desdamparo. 4. Ferenczi. 5. Clínica psicanalítica. I.  
Kupermann, Daniel, orient. II. Título.

RODRIGUES, R.P. **Repetição, regressão e os destinos da onipotência infantil:** reflexões sobre o manejo do narcisismo precoce na clínica psicanalítica. 2023. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

*Para todos aqueles que algum dia confiaram a mim  
suas dores mais profundas e fizeram de mim o que  
eu sou.*

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só existe porque eu tive o privilégio de ser acompanhado por uma rede enorme de pessoas que, ao longo de quase três anos e meio, de formas mais diretas ou indiretas, deram sustentação para que as reflexões aqui apresentadas ganhassem corpo e amadurecessem.

Assim, agradeço ao Professor Daniel Kupermann por reconhecer e destacar, do meu confuso projeto inicial, o problema da repetição e me apresentar ao artigo conjunto de Ferenczi e de Rank que se tornou a pedra fundamental desta investigação. Agradeço a paciência com que acolheu minhas ansiedades – que não foram poucas – ao longo desses anos de orientação.

Agradeço aos colegas em geral do PSIA, que desde 2019, me acompanharam nas minhas inquietações e também me ajudaram a achar os caminhos dessa pesquisa.

Agradeço ao Professor Nelson Ernesto Coelho Jr. pelo entusiasmo com que leu e discutiu meu trabalho no exame de qualificação; foi fundamental ver a minha pesquisa pelos seus olhos, assim como foram fundamentais as contribuições de Eugênio Canesin Dal-Molin para organizar a multiplicidade de assuntos que concernem os fenômenos de repetição. Agradeço, a propósito, por poder contar com a presença de Débora Gaino Albiero e Clarissa Giacomo da Motta na qualificação, amigas queridas que, como egos e ouvidos auxiliares, me ajudaram a absorver as orientações.

Agradeço ao Alexandre Maduenho pela generosidade ao longo dos oito anos de grupos de estudos que você conduziu. Você me influenciou profundamente e me ensinou a *ler* psicanálise. Sou igualmente grato ao Eduardo Lettiere que, por outro lado, me ensinou a *ver* psicanálise durante os dez anos em que foi meu supervisor.

Agradeço aos colegas do Grupo Itinerante, Gabriela Urbano, Frederico Ventura, Marcos Salém e Maurício Porto pela parceria e pela escuta.

Agradeço ao José Moura Gonçalves Filho por me fazer conhecer o imenso poder curativo de uma relação e também seus limites. Agradeço à Nayra Cesano Ganhito pela sustentação e por me fazer chegar são e salvo até aqui. Agradeço à Ana Godoy pelo entusiasmo, pela generosidade e pela alegria com que me acompanhou nesse

processo de escrita. A leveza que eu pude experimentar foi devida a sua capacidade de exorcizar demônios.

Tive o imenso privilégio de ter cruzado o caminho e seguir caminhando ao lado de pessoas maravilhosas nessa vida. Aos muitos amigos que se interessaram pelo meu processo, que foram solidários, me incentivaram, valorizaram as minhas ideias e botaram fé na minha capacidade de trabalho, aos que se preocuparam comigo, me ofereceram ajuda e acalmaram as minhas angústias, meu muitíssimo obrigado. São tantos que não cabe listar aqui, mas em especial agradeço à Fernanda Ghiringhello Sato por me apresentar o caminho das pedras e me acompanhar desde o processo de seleção até o depósito do texto final, vendo crescer a dissertação dentro de mim.

Agradeço imensamente aos meus pacientes que compreenderam e toleraram meus momentos de ausência e indisponibilidade, principalmente na longa reta final da escrita. Sem vocês nada disso seria possível.

Não posso deixar de reconhecer o privilégio de ter pais como os meus. Vocês acreditam em mim de um jeito quase desconcertante. Obrigado por terem criado as condições necessárias para que eu chegasse até aqui. A realização desta pesquisa serviu inclusive para transformar algo da minha relação com vocês, me fez vê-los com outros olhos e amá-los ainda mais intensamente.

Agradeço profundamente, sobretudo, à parceria de Leandro Bacha, meu companheiro na vida, por permanecer firme e forte ao meu lado enfrentando as turbulências desse processo. A gente junto é *tão* bom! Obrigado por todos os dias renovar a convicção de que bons encontros são mesmo possíveis.

Agradeço, por fim, a você leitor que apostou que nestas elaborações existe algo de valor. Espero lhe fazer jus.

*É preciso imaginar Sísifo feliz.*  
Albert Camus, *O mito de Sísifo*, 1941.



## RESUMO

RODRIGUES, R.P. **Repetição, regressão e os destinos da onipotência infantil: reflexões sobre o manejo do narcisismo precoce na clínica psicanalítica.** 2023. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A presente dissertação realiza uma investigação do manejo da repetição na clínica psicanalítica. O volume está organizado em três partes. Partindo de uma afirmação do valor do retorno à metapsicologia como método de investigação em psicanálise, a primeira parte explora de que forma o movimento psicanalítico foi amadurecendo a partir dos impasses que a clínica apresenta para o psicanalista e como a repetição surge como um desafio teórico-clínico no artigo *Recordar, repetir, elaborar*. O estudo desse artigo permite ver ambiguidades no posicionamento de Freud a respeito das formas de interpretar e manejar os fenômenos de repetição na transferência, ambiguidades que indicam a descoberta de um novo campo de fenômenos subjetivos que não operam segundo as leis do princípio de prazer e que dizem respeito às origens da constituição narcísica. A segunda parte é dedicada ao estudo da organização do narcisismo precoce, em que se constata a ampla participação da repetição nos processos psíquicos que fundam o aparelho psíquico, a partir do instante do nascimento e da perturbação econômica que esse acontecimento representa para o psiquismo. Uma vez destacadas as importantes realizações da repetição na arquitetura da mente, salta aos olhos sua dupla função terapêutica: o potencial de comunicação dos conteúdos infantis na transferência e a possibilidade de levar o paciente a regredir a modos mais infantis de relacionamento. Esta segunda será explorada na terceira parte da dissertação que começa com uma reflexão sobre as fronteiras entre adoecimento e a saúde psíquica e sua relação com os fenômenos de repetição. Na sequência, são discutidas as atitudes necessárias para o enfrentamento dos desafiantes momentos regressivos do paciente e para o amadurecimento das modalidades adoecidas de relacionamento, com o objetivo de favorecer que o sujeito possa restaurar a confiança nos objetos do mundo e possa resgatar a tranquilidade de se experimentar passivo numa relação, sem sentir-se ameaçado por aquilo que ele, em função de seu relaxamento, deixou de controlar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Repetição. Regressão. Desamparo. Ferenczi. Clínica psicanalítica.

## ABSTRACT

RODRIGUES, R. P. **Repetition, regression and the destinies of child omnipotence**: reflections on early narcissism in the psychoanalytic clinic. 2023. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This thesis investigates how repetition is handled in the psychoanalytic clinic. The volume is organized in three parts. The first part begins by affirming the importance of reclaiming metapsychology as a research method in psychoanalysis. It then examines how the psychoanalytic movement has been maturing as a result of the impasses posed to the psychoanalyst by the clinic and how repetition emerges as a theoretical-clinical challenge in the article Remembering, Repeating and Working-Through (1914a). The study of this article allows us to see the ambiguities in Freud's position on the ways of interpreting and handling the phenomenon of repetition in transference. These ambiguities indicate the discovery of a new field of subjective phenomena that do not work according to the laws of the pleasure principle and are concerned with the origins of the narcissistic constitution. The second part focuses on the study of the organization of early narcissism and confirms that repetition plays a significant role in the psychological processes that lay the foundations of the psychic apparatus from the moment of birth and the economic disturbance that this event represents for the psyche. Once we have highlighted the important effects of repetition on the architecture of the mind, its twofold therapeutic function stands out: the communicative potential of infantile contents within transference and the possibility of leading the patient to regress to more infantile modes of relationship. The latter will be examined in the third part of the thesis, which begins with a reflection on the boundaries between illness and psychic health and their relationship with repetition phenomena. Following this, we will discuss the necessary actions for confronting the patient's challenging regressive moments and for the maturation of the diseased modes of relationship, with the aim of helping the subject to restore their trust in the objects of the world and to recover the tranquility of experiencing a passive state in a relationship, without feeling threatened by what they, as a result of their relaxation, have ceased to control.

**KEYWORDS:** Repetition. Regression. Helplessness. Ferenczi. Psychoanalytic Clinic.

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | 13  |
| <b>1 REPETIÇÃO NA METAPSICOLOGIA: DIFICULDADES E IMPASSES</b>   | 18  |
| 1.1 Retorno à metapsicologia e método de pesquisa em psicanálise  | 19  |
| 1.2 Transformações teórico-clínicas da psicanálise: a edificação de um método e seus limites                                    | 24  |
| 1.3 O lugar ambíguo da repetição em <i>Recordar, repetir, elaborar</i> e a abertura para o que está além do princípio de prazer | 32  |
| 1.4 A concepção do narcisismo precoce e a turbulência no corpo teórico-clínico da psicanálise                                   | 39  |
| <b>2 REPETIÇÃO E NARCISISMO PRECOCE</b>   | 50  |
| 2.1 Os desafios do narcisismo precoce: o mundo, o outro e as relações   | 51  |
| 2.2 Regressão talássica e a função adaptativa da repetição  | 59  |
| 2.3 A Pulsão de domínio e o papel da repetição no desenvolvimento do aparelho psíquico  | 67  |
| 2.4 A repetição na transferência: via de acesso à organização precoce do psiquismo e às condições de fundação do ego            | 75  |
| 2.5 Reflexões acerca do aumento da capacidade de ação que acompanha o desenvolvimento psíquico                                  | 84  |
| <b>3 MANEJO DA REPETIÇÃO E OS DESTINOS DA ONIPOTÊNCIA INFANTIL</b>  | 89  |
| 3.1 O limite das ambições onipotentes e o encontro com a castração  | 90  |
| 3.2 Nuances do manejo da repetição  | 101 |
| 3.2.1 <i>A experiência de regressão: repetição diferencial</i>  | 101 |
| 3.2.2 <i>A atmosfera de confiança e o manejo da frustração</i>  | 107 |
| 3.2.3 <i>Condição de passividade e a relação com a alteridade</i>   | 113 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>3.3 Problemas de fronteira e a afirmação de uma ética da passividade</b> | 118 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | 125 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | 128 |

## INTRODUÇÃO

“A maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou” diz Rilke nas cartas que endereçou ao jovem poeta, o que traduz parte do sentimento de se pesquisar sobre a clínica psicanalítica, especialmente aquilo que envolve a repetição. A começar pelo fato de que a repetição é um objeto de pesquisa difícil de recortar. Aparece numa mesma queixa recorrente que um paciente faz ao longo de anos em sua análise. Pode ser vista num sintoma que reincide ciclicamente na vida do sujeito, de forma misteriosa em certos momentos. Se acha nas insistências de formas cristalizadas com que alguém trata a si e os outros nas relações. Percebe-se a repetição nos rituais que às vezes organizam, às vezes aprisionam a vida das pessoas. A lista é infindável... Em função disso, como é um fenômeno facilmente observável, que atravessa longitudinalmente a clínica, é importante especificar quais aspectos da repetição se está tratando.

O que organiza um pouco essa vastidão e dá um norte para esta investigação é que, com frequência, certos comportamentos repetitivos são desafiadores para os analistas, e, em função disso, são comumente interpretados como *resistência* do paciente ao tratamento. Nesses contextos, a repetição parece indicar os pontos em que o paciente não se deixa modificar mesmo que, aparentemente, isso esteja trazendo dificuldades para sua vida ou para o avanço de sua análise. Assim, o objeto dessa investigação é a repetição na medida em que ela faz lembrar as fixações, conferindo-lhe um contorno mais definido.

Investigar a repetição por este ângulo permite supor que os movimentos repetitivos sejam necessidades do psiquismo, o que conduz a pesquisa para um ponto ainda mais específico da literatura psicanalítica: os estudos sobre o funcionamento do aparelho psíquico. É nesse arcabouço teórico que esta dissertação mergulha, pois o cuidado com o sofrimento humano convoca o psicanalista que tem gosto pelo encontro analítico e respeito pelo sofrimento de seu paciente a realizar sucessivos mergulhos nas descrições metapsicológicas, o farol que orienta a navegação pelas águas nebulosas da transferência.

O interesse em realizar essa investigação vem da constatação de que, muitas vezes, a repetição, tomada como resistência, acaba sendo mal interpretada e as dificuldades que ela instaura na situação analítica, ao invés de serem superadas, são

aprofundadas. Esse “erro de leitura” frequentemente instala um abismo entre paciente e analista, produzindo um sofrimento desnecessário, que pode levar inclusive ao interrompimento da análise. Por isso, o grande objetivo deste estudo é investigar a função da repetição na arquitetura da mente para refletir sobre o manejo da repetição na clínica psicanalítica e ampliar a escuta dos analistas.

O esforço deste trabalho é, partindo de um problema cotidiano da clínica, colocar a metapsicologia para trabalhar, articulando conceitos e ideias de modo a encontrar outros ângulos para interpretar esse desafio que se apresenta para os psicanalistas. Assim, para compreender o fenômeno clínico da repetição, faz-se uma investigação das nuances metapsicológicas dos processos psíquicos e das tendências de repetição atuantes no psiquismo.

É importante que o leitor saiba de partida que a repetição não será trabalhada a partir da articulação mais usual que é feita com a pulsão de morte e é necessário tecer alguns comentários breves a respeito dessa decisão. A pulsão de morte é, indiscutivelmente, desde sua formulação por Freud em 1920, um grande imbróglio metapsicológico. Há quem atribua grande importância a este conceito, há quem não veja muito sentido em sua formulação. Ao seu redor parece existir uma zona nebulosa e obscura que fez da pulsão de morte, muitas vezes, um conceito coringa, que serve para o psicanalista dar a ela o sentido que lhe convém e usá-la sem muito critério, especialmente para interpretar as situações mais desafiadoras na clínica que não consegue compreender: *ah, isso é muita pulsão de morte.*

Um exemplo disso é a associação direta e reducionista que se faz da agressividade, do ódio e da destrutividade com a pulsão de morte. Essa parece ser uma associação apressada e um tanto grosseira, que atropela inúmeras nuances do funcionamento psíquico e acarreta consequências importantes para a clínica, principalmente ao afetar a escuta dos analistas simplesmente porque tal associação tende a demonizar, e não a acolher, as necessidades expressas pelos pacientes na transferência através da agressividade. A psicanálise pode mais.

O tema da pulsionalidade conduz o psicanalista a um universo de abstrações e aos limites do saber psicanalítico. Apesar de ser um campo de estudos fundamental, a decisão por não realizar um mergulho nesse ponto específico da teoria se deve à intenção de manter este estudo o mais perto possível da situação analítica, e a associação imediata da repetição com a pulsão de morte parecia conduzir a

investigação para uma outra direção. Na verdade, parecia conduzir mais para um beco sem saída, pois tal pareamento não dava tanto fôlego para a investigação que se desejava realizar e não permitia tantas articulações: afinal, pensar no manejo da repetição abre muito mais portas do que pensar em manejar a pulsão de morte.

Foi com alegria que se encontrou um comentário de Ferenczi que legitimou a decisão de deixar a pulsão de morte mais de lado e considerar a repetição por outros vieses. Figueiredo (2002, n.p.), citando fragmentos de anotações de Ferenczi, destaca o seguinte entendimento: “mas em vez de pulsão de morte seria preferível escolher uma palavra que exprima a completa passividade deste processo”. Esses processos psíquicos que, ao invés de serem atribuídos a uma pulsão de *morte*, seriam mais bem explicados se a dimensão da passividade estivesse incluída na descrição, serão apresentados ao longo desta dissertação. Todavia, é importante destacar essa observação desde já porque a palavra *morte* carrega um peso significativo que induz, não raro, um olhar pejorativo sobre as tendências de repetição que atuam no psiquismo, obscurecendo as funções psíquicas fundamentais que elas desempenham no funcionamento e no desenvolvimento do aparelho mental, conforme se buscou evidenciar ao longo do trabalho. A intenção aqui foi dar um outro tratamento para os fenômenos de repetição e os movimentos regressivos.

A principal inspiração para estudar a repetição pela via da constituição do narcisismo e não da pulsão de morte foi o trabalho conjunto de Ferenczi e Rank, *Metas para o desenvolvimento da psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática* (1924 [2022]). Nessa comunicação, os autores realizam uma revisão das soluções encontradas pelos analistas para o problema da repetição e avaliam retroativamente se elas serviram mais para acalmar as angústias dos analistas ou para tratar de fato do sofrimento dos pacientes. A crítica dos autores é o que fundamenta metapsicologicamente a necessidade de se questionar a associação direta que se faz da repetição com a resistência e aponta o caminho para o mergulho na metapsicologia em direção ao narcisismo precoce, algo que, segundo eles, estava sendo negligenciado pela comunidade psicanalítica de modo geral.

Essa, aliás, é uma noção que requer uma introdução mais detalhada. Porque se utilizar dessa expressão – *narcisismo precoce* – quando já existe na psicanálise a expressão consagrada narcisismo primário? A trilha deixada pelo próprio Freud, em *Recordar, repetir, elaborar* (1914a [1996]), aponta para fenômenos subjetivos que

acontecem antes do surgimento do ego como instância organizada. Assim, uma vez que se pretende investigar os fenômenos subjetivos de uma fase *anterior* à estruturação do ego, e que se compreende que o momento do narcisismo primário é o momento em que as pulsões convergem para o próprio aparelho psíquico, criando a unidade egóica, se fez necessária a utilização de uma expressão mais adequada.

Esta decisão encontrou sustentação em Balint (1968 [2014]), que muito se dedicou ao estudo das primeiras organizações subjetivas, e considerava que a teoria do narcisismo primário não dava conta de descrever os fenômenos que se passam no psiquismo do ser humano nos primeiros momentos da vida, logo após o nascimento. Os processos psíquicos precoces são apresentados em detalhes nesta dissertação, mas é importante ter em mente, desde já, que, nesse mergulho nas descrições do funcionamento psíquico, são exploradas as consequências psicológicas da passagem de um ambiente de unidade harmônica, o útero, em que se vivia um sentimento oceânico, para um ambiente marcado pelas separações entre o sujeito e seus objetos de satisfação. Em função da profunda dependência do recém-nascido de seu entorno cuidador, isso faz da relação originária algo fundamental para a estruturação e o desenvolvimento do aparelho mental.

Em razão da ênfase na precocidade dos processos e dos desafios existenciais desse momento do desenvolvimento subjetivo que serão estudados, é necessária a utilização de uma expressão que marque a diferença desse momento posterior, em que já emerge um ego organizado para contar a história e cujos processos subjetivos são de outra ordem. Para marcar essa diferença, portanto, narcisismo *precoce*.

O que se constata, como o leitor poderá perceber, é que essa forma de estudar os fenômenos de repetição, voltando o olhar para as relações objetais e para os percalços da constituição narcísica, conduziu a pesquisa para uma região de fronteiras. Entre a primeira e a segunda tópica. Entre a pulsão e seus objetos. Entre a realidade psíquica e a realidade material. Entre saúde e adoecimento psíquico. Entre Freud e Ferenczi. Chegando às fronteiras entre aquilo que o psiquismo pode realizar e aquilo que está fora da sua capacidade de ação. Entre o sujeito e o mundo, mas também entre o sujeito e ele mesmo.

Descrições que são trabalhadas em três partes. Na primeira, num movimento de valorização da metapsicologia como lastro para enfrentar os desafios da clínica, faz-se uma apreciação do amadurecimento da teoria psicanalítica desde suas origens até



o surgimento da repetição como questão para a clínica. A intenção é poder observar de que forma foram enfrentados os obstáculos anteriores à repetição e como esse enfrentamento fez a técnica avançar e a teoria amadurecer. Muitas pesquisas adotam esse método de refazer as trilhas que a psicanálise percorreu no seu processo de edificação, de modo a localizar melhor os problemas clínicos que se quer estudar em meio aos outros impasses que a teoria precisou solucionar.

Na segunda parte do trabalho, apresentam-se as funções que a repetição desempenha no aparelho psíquico desde as origens, os processos psíquicos em que está envolvida e quais realizações ela opera no psiquismo, de modo a evidenciar os significados da atividade repetitiva. Quando ficam evidentes seus significados, compreende-se o potencial de comunicação da repetição, que é capaz de revelar, na situação analítica, as formas como as tendências libidinais se organizaram, nas origens da constituição do psiquismo, entre inibições, fixações e possibilidades de satisfação, e como essas organizações fundaram o ego e possibilitaram a adaptação do sujeito ao mundo que habita. Isto põe abaixo a interpretação de que a repetição seria um mero obstáculo ao sucesso de uma análise.

Esse percurso pretende preparar as reflexões apresentadas na terceira e última parte desta dissertação, sobre o manejo da repetição na clínica. Se, por um lado, os movimentos de repetição são organizadores da experiência subjetiva precoce, por outro, eles estão na fundação do adoecimento psíquico. Com essa significação ambígua, a repetição, ao reinstalar na transferência uma dinâmica relacional de um tempo anterior da vida do paciente, realiza uma experiência regressiva que, apesar de exigir muito da disposição psíquica do analista, possui um altíssimo valor terapêutico por permitir que sejam refundadas as formas do sujeito se relacionar com os objetos da realidade.

Espera-se que esta apresentação, que tenta dar algum sentido para a experiência de repetição, ajude o leitor a perceber quais batalhas os pacientes que repetem compulsivamente na transferência estão enfrentando e que possa também se surpreender com a importância que a repetição pode ter na dinâmica do psiquismo.

## 1 REPETIÇÃO NA METAPSICOLOGIA: DIFICULDADES E IMPASSES

Os impasses que os fenômenos de repetição trazem para a clínica desafiam a compreensão dos psicanalistas já há bastante tempo. Assim, para manejar as dificuldades com as quais se depara no cotidiano, é importante conhecer como a psicanálise historicamente interpretou e enfrentou os obstáculos que encontrou pelo caminho, para melhor compreender aquilo que especialmente diz respeito à repetição – tarefa que será realizada nesta primeira parte do trabalho.

De saída, marca-se um posicionamento e uma forma de enfrentar os desafios impostos pela clínica. Um movimento de retorno às bases metapsicológicas, próprio do método científico da psicanálise, que vai em busca de um lastro conceitual no qual o psicanalista possa se ancorar quando surgem os vendavais e maremotos que a relação analítica às vezes faz/deixa aparecer. Esse trabalho de retorno à metapsicologia nas situações limite é o que permite ao analista ampliar sua capacidade de escuta e fortalecer o potencial terapêutico da psicanálise, que pode se manter aberta às novas formas de sofrimento que não param de chegar nos consultórios (e nos demais espaços onde o psicanalista se faz presente). Manter-se aberto ao novo e remetido aos fundamentos metapsicológicos deixa o psicanalista numa posição de tensão necessária para fazer a técnica avançar com força e rigor metodológico.

Com este olhar, a segunda seção realiza uma breve varredura, desde os primórdios da clínica psicanalítica até a publicação de *Recordar, repetir, elaborar* (1914 [1996]), de quais eram os entendimentos a respeito do que fazia sofrer os pacientes e de quais eram as propostas terapêuticas decorrentes dessas compreensões. É interessante acompanhar, em linhas gerais, de que forma o saber psicanalítico veio concebendo as causas do sofrimento psíquico para entender como a repetição surge como problema para a clínica.

Na sequência, será evidenciada a bagunça que os fenômenos de repetição na transferência causaram no corpo teórico-clínico da psicanálise. Através da análise de uma ambiguidade da posição de Freud, presente em *Recordar, repetir, elaborar* (1914 [1996]), pode-se flagrar uma grande lacuna no entendimento dos psicanalistas sobre as nuances do funcionamento psíquico. Em decorrência disso, Freud volta mais uma vez sua atenção para o estudo do desenvolvimento do aparelho psíquico e dos

processos que se dão nas origens da vida mental e, com isso, revoluciona o campo psicanalítico.

O percurso, nesta primeira parte, pretende evidenciar quão longe a investigação do problema da repetição levou Freud, e a última seção trata de sua descoberta fundamental: aquilo que está *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]), fora da capacidade representacional do psiquismo, e que diz respeito ao funcionamento e à organização precoce do narcisismo e do próprio aparelho psíquico. Em função de suas descobertas, Freud reinterpreta a repetição e vai trabalhar para ancorá-la profundamente no seio do funcionamento mental, quando reformula as forças e os imperativos que regem o aparelho psíquico.

### **1.1 Retorno à metapsicologia e o método de pesquisa em psicanálise**

A clínica psicanalítica não tem lastro sem que a escuta e a prática estejam orientadas pela metapsicologia. É isso que ensina Freud criador do método científico da psicanálise. Metapsicologia é o conjunto das hipóteses teóricas da psicanálise, compostas por modelos conceituais, princípios de funcionamento e ficções teóricas que descrevem os processos psíquicos em seus aspectos dinâmicos, tópicos e econômicos e que permitem fundamentar a prática do psicanalista. Como descreve Garcia-Roza, a metapsicologia “não designa uma realidade existente, mas um modo de falar de existentes” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 14). Trata-se de um conjunto conceitual construído principalmente a partir de avanços, revisões e acréscimos inspirados no que a experiência clínica ensina a respeito do sofrimento psíquico e de sua superação<sup>1</sup>. A genialidade de Freud foi justamente esta: inventar um modelo para o aparelho psíquico que orientasse um método terapêutico eficaz para tratar dos males da alma.

A tarefa de cuidar do sofrimento dos pacientes sempre foi o coração de todo avanço teórico, de toda compreensão que a psicanálise pôde desenvolver desde sua origem. No curso de sua evolução, foram os desafios da clínica que cobraram um

---

<sup>1</sup> Embora a experiência com o paciente no setting analítico seja a principal fonte de material que subsidia as hipóteses sobre o funcionamento psíquico, vale lembrar que a psicanálise pôde enriquecer bastante ao longo de sua história também a partir da observação do fenômeno humano em outros contextos fora da clínica, como é o caso da análise que Freud faz de Schreber (*Notas psicanalíticas sobre um relato de paranoia* (1911)) que se dá a partir da análise de suas memórias (*Memórias de um doente dos nervos* (1903)), ou a partir de observações sociológicas como acontece em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) e em *Mal estar na civilização* (1929).

alargamento das possibilidades terapêuticas e que levaram os psicanalistas a se debruçar reiteradamente sobre as descrições metapsicológicas dos processos psíquicos com a intenção de aprofundar sua compreensão para, assim, melhor interpretar os fenômenos psíquicos que observavam. O psicanalista convive com a delicadeza de curar e de simultaneamente pesquisar com a psicanálise.

Freud, guardião atento desta relação de interdependência entre teoria e prática, teve que sustentar uma tensão desafiadora entre fortalecer e expandir o corpo teórico e a potência da clínica psicanalítica, por um lado, e, de outro, protegê-la dos maus analistas: daqueles que empregavam mal a teoria em seu trabalho clínico, realizando verdadeiras análises selvagens, ao mesmo tempo que tinha que guardá-la daqueles que, no afã de curar, desconfiguravam teoricamente a psicanálise violentando seus fundamentos. Esta tensão entre inovar ao mesmo tempo em que se mantém o rigor metapsicológico é uma tensão necessária para o fortalecimento do movimento psicanalítico.

Ao se estudar o avanço da técnica ao longo do desenrolar do movimento psicanalítico, é intrigante notar (a partir do que descrevem Kupermann (2019) e Dean-Gomes (2019)) que, num intervalo de mais de vinte anos, entre 1914 e 1937 (entre *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914a [1996]) e *Análise terminável e interminável* (1937a [1996]), ao lado de *Construções em análise* (1937b [1996])), Freud não tenha escrito nenhum texto com orientações específicas sobre a técnica e sobre a atitude do analista durante o tratamento, aos moldes do conjunto de textos que ficaram conhecidos como os *textos técnicos*. Fato que deixou algumas cicatrizes no movimento psicanalítico, pois estas recomendações apresentadas na década de 1910 foram prescritas por ele antes de muitas descobertas fundamentais que os psicanalistas realizaram a respeito da organização, do desenvolvimento e do funcionamento do psiquismo. Ou seja, os escritos psicanalíticos que tratavam do âmbito da técnica psicanalítica estavam carecendo de atualização uma vez que as antigas orientações estavam distantes das descrições metapsicológicas mais recentes. Distância da qual Freud era consciente e cuja tarefa de aproximação foi incumbida a seus discípulos.

Se, por um lado, havia este problema do distanciamento crescente entre teoria e prática, paralelamente, no âmbito do fazer clínico, o desafio central que os psicanalistas enfrentavam naquele momento – na segunda metade da década de

1910 – era o manejo das resistências ao tratamento. Problema diretamente ligado à questão da eficiência do processo psicanalítico.

A resistência era um problema clínico que exigiu um mergulho nas bases do método psicanalítico para ser esclarecido. Tarefa que Ferenczi realizou com tanta dedicação que o fez merecer o reconhecimento público de Freud no V Congresso Internacional de Psicanálise em 1918 na cidade de Budapeste (publicado nas obras completas com o título *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* (1919 [1996])). Seu trabalho com o enfrentamento das resistências, conhecido como técnica ativa, foi reconhecido por Freud como o mais avançado na tarefa de acessar os conteúdos mais reprimidos, sendo apontado como o futuro da técnica psicanalítica. Nesta ocasião, Freud admite a incompletude dos conhecimentos psicanalíticos e afirma que “os progressos da nossa terapia, portanto, sem dúvida prosseguirão ao longo de outras linhas<sup>2</sup>; antes de mais nada, ao longo daquelas que Ferenczi, em seu artigo *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1919), denominou recentemente de ‘atividade’ por parte do analista” (FREUD, 1919 [1996], p. 175).

Em sua investigação, Ferenczi, com a intenção de oferecer aos analistas mais instrumentos para driblar tais resistências, ancora-se no entendimento metapsicológico que preconizava a livre associação (a regra fundamental) e a abstinência de satisfações na situação analítica como método para se revelar o fluxo e os impedimentos da libido e, assim, propõe uma atuação mais ativa por parte do analista sobre o desenrolar da libido e sobre o fluxo associativo a fim de, finalmente, *soltar as línguas* e fazer surgir conteúdos inconscientes até então inacessíveis. A ação do analista, segundo ele, deveria intervir no jogo de forças que mantinha o equilíbrio libidinal que sustentava o sintoma e que estava organizado de uma forma a produzir sofrimento ao sujeito.

Com este aval de Freud acerca de suas compreensões, com o campo carecendo de novas elaborações a respeito da relação entre teoria e técnica<sup>3</sup> e com um problema clínico de peso no sapato dos analistas (a resistência ao tratamento), Ferenczi empreende junto com Otto Rank um esforço de atualização da técnica psicanalítica

---

<sup>2</sup> Outras linhas diferentes daquelas ancoradas na ideia de neutralidade que acabaram por incentivar os analistas a adotarem uma postura mais fria, distante e rígida em relação ao sofrimento de seus pacientes.

<sup>3</sup> Segundo Dean-Gomes (2019), Freud havia inclusive proposto um prêmio para quem, no congresso de 1922 em Berlim, apresentasse o melhor trabalho a respeito desta questão.

no início dos anos 1920. Esforço que culmina num trabalho importante intitulado *Metas do desenvolvimento da psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática* (1924 [2022])<sup>4</sup> que, apesar de não ser tão popular, é considerado por grandes psicanalistas como o nascimento da psicanálise moderna (Dean-Gomes, 2019).

Nesse trabalho, os autores, munidos de uma visão crítica a respeito da prática psicanalítica de então e preocupados com “uma crescente desorientação que tomou conta dos analistas nos últimos anos, sobretudo no que diz respeito a questões prático-técnicas” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 16), buscam estabelecer uma coerência entre a técnica, dominada até então pelo imperativo da tarefa de rememoração, e a inevitabilidade da compulsão à repetição descrita por Freud em 1920. Por este motivo, as elaborações presentes nessa publicação contêm insights bastante potentes para os objetivos desta pesquisa.

Vale destacar aqui a forma como Ferenczi e Rank encaram a questão da interdependência entre a teoria e a prática pois eles trazem apontamentos cruciais acerca do método de pesquisa em psicanálise. Para eles o esforço de atualização da técnica se fazia necessário também pois a postura de certos atores da comunidade psicanalítica pervertia a relação original entre teoria e prática. Ao invés de se apoiarem no conhecimento adquirido sobre o funcionamento psíquico para potencializar a escuta, a capacidade interpretativa da psicanálise e seu poder terapêutico, alguns psicanalistas se utilizavam da clínica apenas como forma de referendar e legitimar a veracidade da teoria psicanalítica e seu próprio saber (e com isso reafirmar seu próprio narcisismo). Uma inversão que para eles configurava uma grave falha ética e técnica que deixava de lado a vocação original da psicanálise: o compromisso com o sofrimento e com a cura dos pacientes. Neste movimento, tais analistas indiretamente acabavam por responsabilizar o paciente e seu sofrimento pelas limitações que eram, na verdade, da teoria e do método psicanalíticos. Uma inversão que fazia a clínica e o sofrimento dos pacientes passarem a ser vistos como “obstáculo” para o sucesso da psicanálise ao invés de serem tomados como a principal inspiração para a teorização e para as revisões das construções teórico-clínicas. Este é um problema sério pois tal atitude poderia levar à estagnação da evolução do saber psicanalítico.

---

<sup>4</sup> Essa publicação é mais conhecida pelo título da tradução anterior, *Perspectivas da psicanálise (sobre a interdependência da teoria e da prática)* (1924 [2011]). Nesta pesquisa, essa obra será sempre referenciada pelo título da sua nova tradução para língua portuguesa lançada em 2022 pela editora Quina.

A crítica dos autores sugere que a relação entre metapsicologia e técnica psicanalítica seja tal que a primeira seja tomada como um conjunto de operadores para a clínica, devendo estar a serviço dela e não ser tomada como um sistema fechado que exista e se desdobre por si só, de forma independente do que os fenômenos na clínica indicam. Os autores estão preocupados pois, segundo eles, “parece-nos que nas análises procura-se muito mais fatores relevantes para a teoria do que aqueles que são analiticamente decisivos” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 64).

Anos depois, em 1928 em *Elasticidade da técnica psicanalítica*, Ferenczi irá propor a metáfora da tira elástica (“é necessário, como uma tira elástica, ceder às tendências do paciente, mas sem abandonar a tração na direção de suas próprias opiniões” (FERENCZI, 1928 [2011], p. 37)) que, além de ser uma boa imagem para ilustrar a atitude clínica do psicanalista diante de seu paciente, pode ser tomada como metáfora para descrever também a relação entre o fazer clínico e o saber psicanalítico: a prática clínica seria isso que exige elasticidade e adaptabilidade em relação às necessidades e ao sofrimento dos pacientes, e a metapsicologia e a ética psicanalítica essa força de tração que convoca o analista para sua forma original, de onde ele parte e ao que está remetido em sua prática, e que faz com que a função analítica não se estique para além da conta e arrebente, perdendo, assim, sua função e sua potência. A imagem da tira elástica traz sobretudo a imagem desta posição de tensão, própria do método científico da psicanálise descrita acima, o que faz da elasticidade não só uma imagem para o bom manejo do *setting*, mas também um método de produção de saber em psicanálise.

Ancorados, portanto, nesta ética que se apoia na metapsicologia para melhor enxergar os fenômenos na clínica, a dupla de autores vai olhar para o problema da resistência ao tratamento e da estagnação das análises à luz das novas descrições das tendências de repetição atuantes no psiquismo.

Esta é uma articulação que tem consequências significativas para o manejo das análises pois, após 1920, a repetição (uma das faces do que era então interpretado como resistência) passava a ser compreendida como uma tendência que compunha o funcionamento psíquico normal (o que será detalhado adiante), e, portanto, não poderia mais continuar sendo tratada como algo que não é bem-vindo no processo

terapêutico. Isso eleva a resistência e a repetição para outro patamar dentro do tratamento, trazendo tensionamentos importantes para a tradição psicanalítica.

Para os objetivos desta pesquisa, o trabalho conjunto de Ferenczi e Rank é um grande aliado, pois nele os autores apresentam um outro entendimento da repetição dentro da técnica psicanalítica, não mais um mero obstáculo para a cura, ou uma simples forma de resistência ao tratamento. Assim, compreender em detalhes o que lhes permite defender essa interpretação é uma etapa importante dessa investigação. No entanto, antes de explorar a argumentação da dupla de autores, é interessante apresentar como estava o campo em que se insere a discussão que eles propõem. Deste modo, o itinerário nesta jornada se inicia com um breve estudo da evolução da técnica e das compreensões psicanalíticas que as sustentavam, tentando acompanhar especialmente a maneira em que a repetição surge como questão para os psicanalistas.

## **1.2 Transformações teórico-clínicas da psicanálise: a edificação de um método e seus limites**

Para apreciar em detalhes o desafio da clínica após 1920, quando as tendências de repetição – lidas até então como signos da resistência ao tratamento – são reinterpretadas à luz da compulsão à repetição, por Ferenczi e Rank em *Metas do desenvolvimento da psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática* (1924 [2022]), é interessante, antes, preparar o terreno e apresentar alguns pontos da teorização e da técnica psicanalíticas que entrarão no debate que eles irão propor. É um bom organizador para esta apresentação descrever em linhas gerais as transformações que a técnica psicanalítica sofreu e as contradições que precisou enfrentar ao longo do amadurecimento do seu corpo teórico, focando, em cada momento, na descrição das compreensões sobre o que faz sofrer e o que faz curar.

Assim, o objetivo desta seção é apreciar o surgimento de balizas fundamentais para a técnica psicanalítica percorrendo o trajeto que se inicia nos primórdios da clínica freudiana e se desenvolve até chegar no artigo de Freud, *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914, em que ele aborda o problema da repetição na clínica psicanalítica. Pretende-se destacar a maneira como essas balizas vão se articulando e se desdobrando a partir do reconhecimento dos limites do saber psicanalítico e da



necessidade de novas concepções sobre o funcionamento mental para o enfrentamento dos impasses nas análises.

Afinal, como indicado na seção anterior, é a prática clínica que, simultaneamente, enquanto revela a potência das hipóteses sobre o funcionamento mental e as causas do sofrimento psíquico, indica as limitações dessas descrições e do método terapêutico, mostrando assim aos analistas suas insuficiências. Já se constata esta dinâmica desde a utilização das técnicas de hipnose.

Quando Freud se utilizava da hipnose como método terapêutico, ele se apoiava na hipótese de que havia, em algum lugar fora da consciência dos sujeitos, “segredos patogênicos nocivos”, como descrevem Roudinesco e Plon (1998, p. 335), que seriam responsáveis pelo adoecimento psíquico dos pacientes. Neste estágio da compreensão psicanalítica, eram as memórias perdidas de experiências de cunho sexual vividas na infância que estavam na origem das afecções psíquicas. Assim, se nesse contexto o que fazia sofrer eram as memórias esquecidas, o esforço terapêutico deveria se concentrar em descobrir essa memória patogênica a partir da influência do hipnotizador. Nesses primórdios, é importante notar que, ao lado da afirmação desse método terapêutico, já estava posto o problema da resistência ao método, já que alguns pacientes não se mostravam hipnotizáveis.

A resistência é um conceito que exerceu um papel decisivo no aparecimento e no aperfeiçoamento da técnica psicanalítica: “todo o progresso da técnica analítica consistiu numa apreciação mais correta da resistência” afirmam Laplanche e Pontalis (1982 [1992], p. 459). O estudo das causas das resistências e dos critérios de analisabilidade é uma etapa fundamental da evolução do saber psicanalítico, pois realiza um questionamento das fronteiras do conhecimento sobre o funcionamento mental e dos limites que a técnica encontra no caminho de atingir seu objetivo maior: livrar o paciente de seu sofrimento psíquico. É a preocupação com a superação das resistências ao método terapêutico que levou Freud a rever sua técnica e abandonar a hipnose, passando a adotar o método catártico.

Este método também se apoiava na concepção de que o tratamento deveria permitir a emergência de um evento traumático esquecido, em relação ao qual o sujeito não pôde extravasar adequadamente os afetos penosos que foram despertados na ocasião. A diferença era que no método catártico o paciente não estava mais submetido à influência do hipnotizador, este era convidado a ocupar uma

posição mais ativa na relação terapêutica e falar livremente sobre seu sintoma. A associação livre se torna a conhecida regra fundamental do método psicanalítico, por permitir a revelação dos conflitos psíquicos que estão fora da consciência e que são causadores do sofrimento. Esses conflitos se mostram através da forma como, justamente, impedem a livre circulação de ideias e pensamentos; através daquilo que o paciente não deixava ver diretamente e que se anunciava nas entrelinhas de seu discurso.

A hipótese principal do método catártico é que esses afetos penosos, impossibilitados de serem vividos pelo ego do sujeito no momento do trauma, são dissociados da experiência perturbadora e ficam impedidos de serem integrados ao conjunto de sua vida psíquica. Ocorre a dissociação entre o afeto e a representação, e o destino desses afetos é o deslocamento para outros representantes que ganham, com isso, o significado emocional da experiência traumática, causando sofrimento e mobilizando as defesas.

Fundamentada nessa hipótese, a aposta terapêutica consistia em encontrar o momento perdido da formação do sintoma para que este se reproduzisse na situação analítica de modo que a conexão entre os afetos e a memória perdida pudesse ser restabelecida e que a descarga desses afetos pudesse acontecer mediante a atividade consciente. Esta é a tarefa de ab-reação, que promovia a cura pela possibilidade de o sujeito experimentar, de uma forma adequada e compatível com seu ego, toda a intensidade desses afetos, podendo finalmente elaborar a experiência traumática e livrar-se dos efeitos perturbadores desta memória patogênica que fora apartada da consciência. Note-se que, baseado nessas hipóteses, tem grande importância aquilo que o analisando vive efetivamente com seu analista para a superação dos seus sintomas.

O entendimento fundamental de Freud, que decorre dessas concepções, é apresentado claramente no artigo sobre as *Neuropsicoses de defesa* (1894 [1996]), em que ele se dá conta de que o psiquismo desempenha uma função defensiva; função fundamental a partir da qual ele delineia sua inovadora concepção de vida psíquica<sup>5</sup>. Nesse momento da teorização, entende-se que as defesas são acionadas

---

<sup>5</sup> Função que, posteriormente, em 1920, ele virá a afirmar como uma das tendências do aparelho psíquico: proteger-se ou defender-se das perturbações que ameaçam seu equilíbrio. As defesas são um conceito tão central que a análise dos diferentes mecanismos de defesa que um sujeito pode apresentar será um dos pilares da atividade diagnóstica em psicanálise.

exclusivamente pelo ego que as mobiliza em resposta ao desprazer e a angústia causados pelo investimento em certas representações que são incompatíveis com o conjunto das demais representações que o compõem. As defesas construirão sintomas que impedem, mas somente em parte, que essas representações se manifestem, ao mesmo tempo que permitem, também em parte, que essas representações sejam investidas indiretamente pela capacidade que os afetos têm de se deslocar pela cadeia associativa – realizando deste modo uma verdadeira solução de compromisso.

A constatação dessa capacidade de deslocamento dos afetos e condensação das representações pela cadeia associativa leva ao reconhecimento da dimensão simbólica do aparelho psíquico. O que opera um giro importante na compreensão a respeito daquilo que faz sofrer: a dimensão econômica, da intensidade dos afetos que causam perturbação, vai deixando de ter o protagonismo no adoecimento psíquico, embora não perca sua importância, cedendo lugar para a dimensão dos significados das representações. É nesse contexto que Freud abandona a teoria da sedução<sup>6</sup> por “não acreditar” mais na sua neurótica e junto com ela abandona o protagonismo do trauma como causa do adoecimento psíquico (MASSON, 1984). Esta polêmica mudança de compreensão<sup>7</sup> a respeito do que faz sofrer é o momento decisivo em que Freud reconhece a centralidade da sexualidade infantil, não na dimensão das experiências sexuais vividas precocemente (dos traumas portanto), mas no que diz respeito aos efeitos das fantasias e dos desejos que povoam a psique da criança desde o início de seu desenvolvimento subjetivo. É o momento da afirmação da centralidade da realidade psíquica para o método psicanalítico.

A investigação psicanalítica se dedicará, então, não mais em buscar a memória perdida do acontecimento traumático, mas em descobrir qual a fantasia e qual o

---

<sup>6</sup> A teoria da sedução é a hipótese que explica o sofrimento psíquico a partir do efeito de uma experiência traumática, sendo o trauma uma experiência perturbadora de cunho sexual vivida na infância que não pode ser elaborada pelo psiquismo da criança dada sua imaturidade de recursos psíquicos. A teoria da sedução concebe dois tempos para o trauma: o momento do acontecimento traumático propriamente, que fica enquistado no psiquismo sem possibilidade de significação, e o momento do retorno da memória do trauma após o amadurecimento psíquico e sexual do sujeito, momento em que a experiência pode ser vivida em seu horror, causando sofrimento e mobilizando defesas; o famigerado momento do retorno do recalco.

<sup>7</sup> O abandono da teoria da sedução é polêmico porque este movimento de atribuir o adoecimento neurótico às fantasias faz com que a experiência vivida concretamente perca lugar e importância na teoria e na prática psicanalíticas. O que se vê é um movimento de interiorização do conflito: perdem protagonismo os conflitos do sujeito com o mundo externo passando a serem mais importantes os conflitos intrapsíquicos.

desejo inconsciente que está mobilizando as defesas. Defesas que são mobilizadas pelo ego para proteger a psique contra a realização desses desejos infantis e dessas fantasias de prazer cuja satisfação representa perturbação – na forma de desprazer e angústia – para o ego do sujeito, por serem incompatíveis com ele. A partir desse entendimento, a aposta terapêutica consistirá num trabalho de reconhecimento destes conteúdos infantis mantidos sob recalque e na subsequente substituição destes por formas de prazer mais compatíveis com a realidade e com o ego do sujeito, através da sublimação e de investimentos objetivos possíveis.

Esse amadurecimento do saber psicanalítico a respeito da dinâmica dos conflitos intrapsíquicos ressignifica a noção de resistência. A revelação dos desejos e fantasias inconscientes esbarra na oposição imposta inconscientemente pelo próprio ego do analisando ao acesso deste material, uma força que tem por objetivo manter o *status quo* psíquico. É a mesma força defensiva, portanto, que (1) protege o ego e a consciência contra o conteúdo recalcado, que (2) produz os sintomas e o adoecimento, que (3) sustenta a transferência e que (4) mobiliza as resistências ao avanço da análise.

Essa descoberta confere à resistência um lugar de destaque não só na dinâmica psíquica, mas também na dinâmica do tratamento. Se inicialmente Freud se esforçou para driblar a resistência, foi por ainda não ter se dado conta do potencial de revelação que ela possui e por não ter percebido que ela é uma via de acesso ao recalcado e ao segredo do adoecimento psíquico dos pacientes — tal qual o são a associação livre e os sonhos. Nesse ponto do amadurecimento do conhecimento psicanalítico, o tratamento se reconfigura novamente e fica adiada a ambição de achar a causa específica da formação dos sintomas, em favor do esforço de, antes, identificar as resistências inconscientes do paciente e revelá-las a ele. Identificar as resistências significava identificar a dinâmica conflitiva que sustenta o sintoma e a aposta freudiana era que, uma vez revelada esta dinâmica conflitiva e superadas as resistências, as fantasias e os desejos infantis mantidos sob censura iriam aparecer naturalmente.

Apesar dessa sutil modificação, o objetivo da análise permaneceria o mesmo: preencher as lacunas da consciência, superando a repressão sobre os conteúdos recalcados. Compreendia-se que, somente assim, o sujeito poderia reconhecer e elaborar seus desejos e formas de satisfação infantis, superando, desta forma, o

conflito que eles estabelecem com o ego — o que permitiria, finalmente, que tais desejos pudessem fazer parte do conjunto da vida psíquica do sujeito.

O pressuposto subjacente a praticamente todas as formulações metapsicológicas descritas até aqui é, segundo Maduenho (2010), o princípio de prazer: descrição fundamental em que o psiquismo se orienta e se organiza em função da evitação do desprazer e da busca pelo prazer. Esta é uma hipótese presente nas formulações freudianas desde *A interpretação dos sonhos* (1900), e que está intimamente atrelada a outra premissa fundamental que é o peso das primeiras experiências de satisfação para a organização subjetiva – experiências que são constituidoras do desejo. Freud se dedica a detalhar o pilar metapsicológico do princípio de prazer no artigo *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911 [2004]). Nesse trabalho, ele apresenta uma direção para o desenvolvimento do psiquismo que parte de uma modalidade de satisfação autoerótica, que visa a obtenção de um prazer imediato através do investimento libidinal na memória das primeiras experiências de satisfação (uma satisfação alucinatoria), e que evolui para o princípio de realidade. Este é um desenvolvimento que descreve a capacidade psíquica de adiar a satisfação libidinal, aguentar mais tensão no interior do sistema psíquico, para encontrar na realidade e nos objetos do mundo uma satisfação mais efetiva para as exigências pulsionais.

Esta descrição interessa, pois ela amplia o entendimento sobre o conflito psíquico que mantém a resistência e que produz os sintomas: o adoecimento passa a se dar em função das “tentativas vãs humanas de se distanciar da realidade, fixando-se numa satisfação autoerótica” (MADUENHO, 2010, p. 42). Consequentemente, isso amplia a complexidade do esforço terapêutico, que envolverá também o trabalho de permitir aos pacientes abdicarem dessas satisfações infantis “alucinadas”, que satisfazem muito insatisfatoriamente, e suportarem o risco de buscar objetos de satisfação na realidade. Para que isso possa acontecer, o peso sufocante do recalçamento precisa ser removido de cima desses desejos infantis proibidos de se manifestarem.

Todo o aparato técnico desenvolvido até aqui pela psicanálise visou dar conta de compreender e interpretar o desejo inconsciente, o sonho, o recalque, o sintoma, o ato falho e a transferência. Processos subjetivos orientados pela tendência de busca de prazer e evitação do desprazer, e pela tensão do conflito inconsciente entre o ego

e o desejo infantil. Além disso, todos esses processos se dão – como também aponta Maduenho (2010) – a partir do entendimento de que o trabalho do psicanalista se dá sobre a dimensão representacional do psiquismo, a partir de sua dimensão simbólica; o que mantém em segundo plano a dimensão afetiva da análise e aquilo que efetivamente se experimenta na relação transferencial com o analista durante o tratamento. Neste ponto desta apresentação vale fazer alguns apontamentos sobre a transferência.

Transferência designa, em psicanálise, o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre a figura do analista numa *repetição* de modalidades relacionais infantis vividas com um forte sentimento de atualidade, impulsionada pela impossibilidade de o desejo inconsciente se anunciar diretamente. A capacidade de estabelecer transferência está diretamente ligada à capacidade do psiquismo de realizar deslocamentos, num movimento em que “o desejo inconsciente se exprime e se disfarça” em diferentes representações (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982 [1992], p. 516), respondendo àquela necessidade de conciliar a pressão por satisfação exercida pelo desejo infantil e a impossibilidade do ego de que este se realize.

No início do pensamento psicanalítico, a transferência era, para Freud, antes de tudo, um dos principais obstáculos que se opunham à rememoração do material recalçado. Isto porque, segundo seu entendimento inicial, a transferência não passava de um caso particular de deslocamento sintomático do afeto de uma representação para outra, com a diferença que acontecia em direção à figura do analista. A recomendação, nesses primórdios, era abordar a transferência como qualquer outro sintoma que deveria ser enfrentado para *pôr fim a esta necessidade defensiva de ocultar o desejo infantil* e realizar o deslocamento dos desejos inconscientes para objetos substitutos em busca de uma satisfação clandestina.

É Ferenczi quem aponta que, na transferência, o analista é colocado pelo inconsciente do paciente no lugar das figuras parentais amadas ou temidas, com quem o paciente reproduz a ambivalência emocional vivida com essas figuras. Isso faz com que a transferência se diferencie dos demais deslocamentos sintomáticos que o sujeito faz, conferindo-lhe a valiosa capacidade de dar acesso ao conteúdo infantil recalçado. O reconhecimento da transferência como repetição de padrões infantis é o primeiro pilar da *valorização das experiências de repetição no tratamento psicanalítico*.

O debate sobre a função terapêutica da repetição na transferência, tangencia outra questão de interesse: o valor e o lugar, na técnica psicanalítica, daquilo que se vive com o analista num processo de análise. Esta investigação pretende trazer também alguma contribuição sobre esse assunto demonstrando nuances específicas da repetição na transferência.

O fato é que, no momento da escrita de *Recordar, repetir e elaborar*, em 1914, entre a rememoração e a repetição, os analistas estavam às voltas com essa contradição da transferência: ao mesmo tempo em que ela significava um obstáculo à rememoração, ao esconder o desejo inconsciente infantil, a transferência constituía-se como uma via de acesso de “atualidade irrecusável” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982 [1992], p. 518) aos elementos do conflito infantil e à problemática singular do paciente<sup>8</sup>. Assim, da mesma forma que a resistência veio ganhando um lugar central para a técnica psicanalítica, por sua potência de revelar o conflito inconsciente, a transferência também ganha um lugar cada vez mais importante no tratamento psicanalítico, e juntamente com elas, a repetição.

Com base em todas essas compreensões a respeito da resistência e da transferência, apesar das contradições, o método se aprimora e passa a consistir no oferecimento de um lugar, um palco, para a transferência se realizar, de modo que os conflitos intrapsíquicos – que são efeito das relações intersubjetivas vividas na infância – possam manifestar-se numa relação aberta à comunicação e à possibilidade de elaboração. Elaboração da transferência, de acordo com todas essas construções metapsicológicas, consiste no trabalho de fazer lembrar o infantil recalçado que está se reeditando na relação com o analista. O que torna a interpretação da resistência e da transferência dois aspectos complementares da técnica freudiana nesse contexto das elaborações de *Recordar, repetir e elaborar* (1914a) — tema que será trabalhado a seguir.

---

<sup>8</sup> A Transferência ganha um lugar tão central na teoria e no método psicanalíticos que a forma como o sujeito estabelece a transferência, a capacidade de fazê-la ou não, se tornam um dos elementos fundamentais dos critérios de analisabilidade e da atividade diagnóstica para a psicanálise (ao lado da análise dos mecanismos de defesa que o sujeito empreende). O entendimento de então era que sem transferência o analista não poderia ter acesso ao material inconsciente que deveria ser trabalhado.

### **1.3 O lugar ambíguo da repetição em *Recordar, repetir, elaborar* e a abertura para o que está além do princípio de prazer**

O objetivo nesta seção é observar a maneira como, no artigo *Recordar, repetir, elaborar* (1914a [1996]), Freud trabalha o tema da repetição e sua íntima e intrincada ligação com a resistência e a transferência. Este momento é importante, pois, segundo Maduenho (2010), a partir do reconhecimento da repetição como problemática para a clínica psicanalítica, todo aquele sistema complexo de hipóteses e orientações técnicas, apresentado na seção anterior, vai começar a balançar. As descrições metapsicológicas, no estado em que estavam, começavam a se mostrar insuficientes para compreender a totalidade dos fenômenos psíquicos com que o psicanalista se deparava na sala de análise. E era a repetição que anunciava as fronteiras ou as limitações do aparato teórico-clínico psicanalítico calcado na dimensão representacional do psiquismo. Freud ainda não tinha elaborações sobre o que havia além dessas fronteiras, mas o que estava despontando no horizonte era “algo que falaria de uma outra forma de alienação de si mesmo que não corresponderia totalmente ao inconsciente recalçado”, não sendo “exatamente acessíveis ao trabalho do psicanalista em suas determinações técnicas orientadas pela regra fundamental” (MADUENHO, 2010, p. 12).

Isso é importante destacar desde já, pois ajudará a tornar mais evidente o porquê da posição ambígua de Freud em relação ao tema da repetição que está presente nesse artigo de 1914. Como se pretende demonstrar adiante, fica flagrante na argumentação de Freud que a dificuldade em dar lugar para a repetição no seio do método psicanalítico se deve à falta de ferramentas metapsicológicas que descrevessem o que existe para além do princípio de prazer e da capacidade representacional do psiquismo. Mas, feito este aviso, esta seção se inicia com as ferramentas conceituais que Freud tinha em mãos na ocasião da elaboração de *Recordar, repetir, elaborar* (1914a [1996]).

Naquele ponto, havia a convicção de que o tratamento psicanalítico consistia no oferecimento de um lugar para a transferência se realizar; lugar em que os conflitos intrapsíquicos pudessem manifestar-se na relação com o analista através desse jogo de esconde-esconde do desejo infantil recalçado. Esse método estava ancorado no



pressuposto de que era a revelação do recalco e o preenchimento das lacunas da consciência que traria a cura e a superação desse jogo defensivo de disfarces do desejo – entendimento que está apoiado, sobretudo, na centralidade da dimensão representacional do psiquismo, regida pelo princípio de prazer<sup>9</sup>.

O oferecimento deste lugar para a transferência se realizar vai exigir do analista condições para manejar a instalação da neurose de transferência. Situação clínica que ocorre quando todos (ou grande parte) dos deslocamentos sintomáticos do paciente são direcionados para a figura do analista, o que faz convergir para ele o simbolismo de todos os seus sintomas. Nas palavras de Laplanche e Pontalis, a neurose de transferência faz com que “todo o comportamento patológico do paciente vem se recentrar na sua relação com o analista” que o faz “substituir a sua neurose comum por uma neurose de transferência que pode ser curada pelo trabalho terapêutico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982 [1992], p. 309). Uma substituição que configura uma região intermediária entre a doença e a vida real, entre o que aconteceu no passado (os conflitos infantis) e o que está se desenrolando atualmente na relação analítica. Esta é uma grande oportunidade dentro do tratamento pois os conflitos infantis ficam mais acessíveis à influência do analista que tem em suas mãos a possibilidade de auxiliar o paciente a realizar uma reconciliação com este material reprimido. Porém, o manejo da neurose de transferência é delicado pois este é também o momento em que ocorre a intensificação dos conflitos infantis do paciente com o surgimento, na relação analítica, de novos e mais profundos impulsos libidinais. É quando a análise fica mais angustiante e mais desafiadora tanto para o paciente quanto o analista. É por esta razão que Freud se dedica ao tema da neurose de transferência pois entende que é pelas dificuldades do seu manejo que se justifica a estagnação e o fracasso de certas análises, que falham em remover o paciente destas modalidades infantis de satisfação libidinal.

Assim, dedicado a compreender e contornar tais dificuldades, Freud vai tratar em *Recordar, repetir, elaborar* (1914a [1996]) de um desafio em particular nesse caminho de realizar a rememoração. Ele apresenta a existência de um grupo de fenômenos psíquicos – as fantasias primitivas e os afetos experimentados muito precocemente – que não está sujeito à mesma lógica da rememoração das

---

<sup>9</sup> Maduenho (2010) sugere que neste momento da teorização o psíquico corresponde, é equivalente, ao que é representacional.

representações recalçadas. Para esse grupo de fenômenos, a dinâmica do lembrar, de trazer a luz o recalçado, não faz sentido uma vez que, dada a precocidade dessas experiências, tais fantasias e afetos jamais chegaram a adentrar a consciência. São fenômenos psíquicos que sequer foram percebidos, porque a “consciência” não estava lá.

A dificuldade para os analistas está no fato de que, apesar de não poderem ser efetivamente lembradas, essas são experiências que também deveriam ser submetidas à lógica da revelação. Mas como acessar algo que não faz parte do conjunto das representações recalçadas? Segundo o entendimento de Freud, a via de acesso a estas experiências precoces seria justamente a repetição: o paciente “o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, 1914a, p. 165, grifos do autor). Aquilo que o paciente não consegue lembrar passa a fazer parte de sua vivência nas relações e ele revive o drama que não consegue dizer: “o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico” (FREUD, 1914a [1996], p. 165)<sup>10</sup>. Com essa afirmação, Freud deixa claro que a repetição tem uma função importante dentro do processo analítico e que ela vem para engrossar o caldo da neurose de transferência, sendo esta forma particular de o paciente “recordar” o essencial de suas experiências precoces. Experiências de “máxima importância”, nas suas palavras, que entram em cena através de uma vivência efetiva com a figura do analista.

É neste ponto que se depara com a ambiguidade que está presente no posicionamento de Freud acerca da repetição, da transferência e da resistência. Embora descreva o caráter revelador da repetição, Freud insiste em associá-la à resistência considerando a repetição ainda como um mecanismo sintomático, que se esforça para esconder o conteúdo infantil. Isto sugere que Freud tem em mente a existência de um “recordar ideal”, que seria uma revelação livre de resistências do conteúdo inconsciente na forma de representação para a consciência. O que está colocado aqui, vale reforçar, é esta ênfase na atividade representacional do psiquismo e, conseqüentemente, do processo psicanalítico. O esforço do analista consistiria,

---

<sup>10</sup> Um movimento que Freud nomeia, já aqui em 1914, como uma compulsão à repetição. Fica sugerido neste artigo que esses fenômenos quando são recuperados na análise estão realizando um outro processo além da rememoração, processo que ficará evidente nas elaborações de Freud em *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]).

então, em manter os impulsos libidinais na esfera psíquica das representações, de modo que a repetição deveria ser transformada em recordação<sup>11</sup> – uma vez que é entendida como esse obstáculo para o recordar ideal. Freud está tão focado em privilegiar a dimensão representacional que descreve a seguinte fórmula: quanto maior a tendência à repetição, mais a repetição substituirá a possibilidade de recordar e maior seria a resistência ao tratamento. Este entendimento de Freud mantém, no final das contas, a repetição como sendo uma “escolha defensiva”, que impede que o sujeito ganhe consciência sobre seus conteúdos inconscientes e que interrompe o processo de análise ao paralisar a rememoração e a associação livre.

Nesse momento, orientado por essas ferramentas conceituais, o manejo que Freud propõe para eliminar o efeito da repetição no tratamento é uma proposição ambígua e circular. Ele se apoia, por um lado, no reconhecimento do potencial de comunicação da repetição na transferência e, por outro, se apoia na concepção desse “recordar ideal” para então propor que o analista acolha a tendência à repetição que se apresenta na transferência, com a ressalva de que a repetição deve ser limitada o máximo possível. Uma construção vaga em que se permite ao paciente repetir, mas só um pouco:

É obrigatório deixá-lo reviver um certo fragmento de sua vida esquecida, mas tem de cuidar para que o doente mantenha uma certa distância em relação à situação que lhe permita, apesar de tudo, reconhecer naquilo que surge como realidade o reflexo renovado de um passado esquecido. (FREUD, (1914a [1996]), p. 310).

A orientação de Freud é que, uma vez que acontece a repetição, o esforço terapêutico consistirá em remeter essas situações libidinais de volta ao passado através da interpretação. Não fica claro, contudo, o quanto e por quanto tempo é permitido ao paciente repetir.

O efeito dessa ambiguidade é que a repetição ganha um lugar discreto na técnica psicanalítica. Simplesmente porque ela representa um perigo para o desenrolar da análise ao dificultar a dissolução da neurose de transferência nessa atualização insistente, na relação com o analista, dos conteúdos infantis que estão fora da memória. A este respeito, Balint comenta que, até ser admitida na técnica, a repetição,

---

<sup>11</sup> Será somente no final de sua produção, em *Construções em análise* (1937b [1996]), que Freud irá diminuir a relevância das recordações e da memória das experiências progressas no tratamento psicanalítico.

por ser sempre interpretada “como uma temível forma de resistência e, depois, como um sintoma de compulsão à repetição e, finalmente, como exemplo clínico mais importante da pulsão de morte” (BALINT, 1968 [2014], p. 131), teve uma história maldita na teoria e na prática psicanalítica. O que fez com que “seu papel como aliado terapêutico só fo[sse] mencionado uma vez, muito de passagem, e depois aparentemente esquecido ou eclipsado por seus aspectos ameaçadores” (BALINT, 1968 [1986], p. 131).

No entanto, mesmo que discreta, a afirmação de um lugar para a repetição resgata o valor daquilo que se experiencia efetivamente com a pessoa do analista. Faz ressurgir, no pensamento, freudiano algo que há tempos tinha sido descartado do método terapêutico: a ab-reação dos afetos inconscientes, processo abandonado junto com o método catártico. Essa observação é importante pois além de esse ser um movimento que resgata a dimensão afetiva do processo analítico, coloca-a diretamente ligada ao sucesso de uma análise. Conforme aponta Kupermann (2019), Freud, em *Recordar, repetir e elaborar*, descreve três dimensões do trabalho da análise: primeiro reafirma o lugar da rememoração dos conteúdos recalçados (aspecto mais usual do método), em seguida amplia o entendimento sobre o aspecto terapêutico da repetição na transferência, que explicita aquilo que não pode ser lembrado, e, por fim, introduz uma terceira dimensão do trabalho da análise: a perlaboração. A perlaboração é essa realização da análise que se dá justamente pela vivência na relação com a pessoa do analista da intensidade dos afetos infantis que estão fora da memória. Somente assim se pode realizar a integração deste conteúdo que se manifesta através da repetição e finalmente poderá ser dissolvida a neurose de transferência. O que fica admitido com isso é que não basta a interpretação da repetição para que ela seja superada e a análise possa avançar. Segundo Kupermann “é apenas por meio de um trabalho realizado sobre o afeto que o sujeito em análise efetuará o reconhecimento de si que o permitirá ‘existir de modo diferente’” (2019, p. 34). Ou seja, é somente através do enfrentamento dos conflitos que envolvem o analista que o paciente poderá recordar, repetir e, então finalmente, perlaborar seus conflitos com o desejo infantil recalçado.

Há uma última consequência importante das elaborações freudianas apresentadas no artigo de 1914 que merece destaque – consequência que já foi antecipada no início dessa seção e que agora será detalhada. O reconhecimento de

que há elementos que estão fora da consciência, mas não por efeito de uma ação defensiva, desorganiza o corpo teórico centrado no princípio de prazer como regente dos processos psíquicos. Ao admitir a existência de elementos que não estão sujeitos à lógica do recalçamento, Freud admite paralelamente que existem fenômenos subjetivos cuja relação com a consciência não obedece a lógica defensiva contra representações desagradáveis, o que suscita muitos questionamentos. Que outra lógica seria essa? Que outra tendência estaria organizando o funcionamento mental que não a necessidade de evitar o desprazer? Quais seriam, então, as prioridades do psiquismo? Como compreender a partir disso a noção de defesa?

Como se nota, dar lugar para os elementos psíquicos que se manifestam através da repetição era um desafio tanto no âmbito da prática clínica quanto no âmbito da teorização sobre os processos psíquicos. E, se do ponto de vista do método, a solução que Freud encontra é meio inconsistente, era porque a coisa não estava muito melhor do ponto de vista da metapsicologia. A ambiguidade sobre a qual Freud está assentado diz respeito a certos aspectos da dinâmica do aparelho psíquico dos quais ele começava a se dar conta, mas que ainda não podia descrever metapsicologicamente. Isso quer dizer que, *mais do que uma mera dificuldade, essa ambiguidade em torno da repetição é um indício da descoberta de algo novo*: a existência de outras tendências atuantes no psiquismo. Tendências que não operam em conformidade com as leis do universo representacional e que não se orientam a partir do imperativo da obtenção do prazer.

Quando Freud afirma, neste artigo de 1914, que é preciso substituir repetição por recordação, ele fornece pistas importantes para a compreensão da função da repetição dentro dos processos psíquicos: ao invés de esconder o conteúdo infantil incompatível com a consciência, a repetição está realizando o esforço de tentar lembrar algo que ainda não pôde ser representado pelo psiquismo. *A repetição é, portanto, a face dessa outra tendência organizadora dos processos psíquicos*. Por esta razão o estudo dos fenômenos de repetição é tão pertinente para se aprofundar o conhecimento nas fronteiras do saber psicanalítico.

É exatamente a esse esforço de aprofundar o saber psicanalítico que Freud se dedica após a escrita de *Recordar, repetir, elaborar*. Ele se empenha em reorganizar o corpo teórico da psicanálise depois de suspeitar da existência de um psiquismo maior e mais complexo que o universo representacional regido pelo princípio de

prazer. Assim, por exemplo, depois do reconhecimento de que existem elementos que são inconscientes, mas não o são por motivos defensivos, ele escreve, em 1915, o artigo *O inconsciente*, afinal de contas era necessário descrever que novo inconsciente é este que não é composto apenas por representações desprazerosas excluídas da consciência pela ação do recalque. Essa e outras reformulações metapsicológicas cruciais vão sofisticar, e muito, o entendimento sobre o funcionamento e a organização do aparelho psíquico para além das ambições de busca pelo prazer – especialmente as formulações que se dedicam a descrever o desenvolvimento subjetivo precoce.

É por essa razão que, como foi apresentado anteriormente, a técnica psicanalítica descrita em *Recordar, repetir, elaborar* fica desatualizada, pois, apesar de nos anos posteriores Freud trabalhar para tentar resolver essa ambiguidade que ronda a repetição, nesse artigo de 1914, diante do terreno pantanoso do manejo da neurose de transferência e das resistências, ele ainda finca os pés no protagonismo da rememoração e da revelação do conteúdo representacional recalcado como estratégia terapêutica. Sem levar em consideração a sofisticação do conhecimento sobre os processos psíquicos que surgiu nos anos posteriores, o psicanalista que fica apenas com as orientações presentes no artigo de 1914 não é capaz de tratar adequadamente do sofrimento de parte dos pacientes que precisam da psicanálise. É esta lacuna que o trabalho conjunto de Ferenczi e Rank tentará preencher. Uma das consequências diretas dessa má compreensão é, por exemplo, considerar os pacientes com uma maior tendência para a repetição na transferência como sendo mais resistentes quando eles estão, na verdade, apresentando outras demandas para o analista.

Os avanços na metapsicologia irão sugerir que, para esses sujeitos, é necessário que algo aconteça antes, uma vez que – como indica a tendência à repetição – eles estão com a constituição da capacidade representacional comprometida. Por este ângulo, evidencia-se a violência do psicanalista que interpreta como resistência algo que ainda não pode se desenvolver no psiquismo. É como chamar de resistente quem não consegue ler sem antes ter sido apresentado às letras. Evidencia-se também o risco de empobrecimento de uma psicanálise que deixa de fora do processo analítico a tarefa de trabalhar em favor deste desenvolvimento.

#### 1.4 A concepção do narcisismo precoce e a turbulência no campo teórico-clínico da psicanálise

A afirmação no final da seção anterior de que, para certos pacientes, é necessário que algo aconteça antes do trabalho com as representações recalçadas só é possível porque o conhecimento metapsicológico avançou bastante depois da publicação de *Recordar, repetir, elaborar* (1914a [1996]). O objetivo desta seção é detalhar especialmente algumas nuances das novas descrições do desenvolvimento precoce do psiquismo, compreender por que elas são tão cruciais e de que forma impactaram a comunidade psicanalítica.

Já desde as primeiras descrições do narcisismo, no artigo *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914b [2004]), Freud apontava que

[...] há um material de particular relevância para nosso tema que ainda aguarda elucidação. Refiro-me às perturbações que o narcisismo original da criança está exposto, às reações com as quais o narcisismo se defende dessas perturbações e também às vias que o narcisismo, nesse processo, é forçado a percorrer. (FREUD, 1914b [2004], p. 111).

Refletir sobre a constituição narcísica era uma necessidade teórico-clínica e Freud dedicou algumas importantes publicações posteriores para tratar desse assunto – destacam-se *Luto e melancolia* (1917 [2006]), *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]) e *O ego e o id* (1923 [2007]). São trabalhos que ampliaram significativamente o conhecimento sobre os fenômenos que se dão no início da vida psíquica e o que existe no psiquismo antes da instalação do regimento do princípio de prazer.

A partir desses trabalhos, o campo psicanalítico que já vinha lidando com sérios impasses, como descrito anteriormente, se vê obrigado a realizar mais acomodações entre o que já vinha sendo afirmado e as novas proposições freudianas. Tais inovações teóricas, algumas vezes, ao invés de desfazerem as ambiguidades e contradições existentes, introduziram novas, como é o caso do artigo *Além do princípio de prazer* que é especialmente controverso. Na ocasião de sua publicação o

artigo causou muito barulho na comunidade psicanalítica por parecer para alguns especulativo demais<sup>12</sup> e por supostamente estar distante da clínica<sup>13</sup>.

É importante deter-se nesse artigo pois essa é daquelas publicações de virada, que revolucionam profundamente um campo de saber. As elaborações que Freud apresenta reconfiguram as forças e as tendências que regem o funcionamento psíquico, a partir da reflexão profunda acerca da função do aparelho psíquico – uma preocupação elementar para se compreender o que faz sofrer e o que faz curar.

Como descrito anteriormente, Freud já estava ciente dos limites do princípio de prazer como explicação para a totalidade dos fenômenos subjetivos. No artigo em questão, este é o problema que ele explora inicialmente: a percepção de que “seria incorreto falar de um domínio do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos” (FREUD, 1920 [2006], p. 137), uma vez que é facilmente observável que a maioria desses processos não conduz ao prazer. Freud se dedica a analisar alguns exemplos de desprazer com os quais o psicanalista se depara e que não se explicam pelas leis do princípio de prazer. Um deles é a neurose de guerra ou neurose traumática.

Esse é um quadro psicopatológico que se desenvolve a partir de traumas e choques intensos que agridem o psiquismo vindos do exterior (como acidentes e ferimentos de guerra). Essas perturbações promovem uma reação sintomática em que o sujeito fica preso, revisitando incessantemente o momento do trauma – o que provoca uma enorme angústia para o sujeito. O entendimento de Freud sobre a neurose de guerra merece destaque.

É bom lembrar que Freud tem em mente as elaborações apresentadas em *Luto e melancolia* (1917 [2006]) quando analisa a neurose de guerra. Nesse artigo, ele interpreta a melancolia e a hipocondria como quadros psicopatológicos que se

---

<sup>12</sup> Roudinesco e Plon, citando Laplanche e Pontalis, afirmam que *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]) é “o texto mais fascinante e mais desnorteante da obra freudiana’, tamanha a ousadia e a liberdade nele evidenciadas pelo seu autor, foi rejeitado por numerosos psicanalistas, inclinados a considerar a ousadia como falta de rigor e a liberdade de tom como uma deriva especulativa” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 485).

<sup>13</sup> Segundo o entendimento de Peter Gay (1988), a formulação da pulsão de morte nessa refundação da teoria pulsional não parece ser uma transposição direta da clínica, diferentemente das demais reformulações que Freud trouxe para a teoria como a ampliação do conceito de sexualidade e o desenvolvimento da teoria do narcisismo. O que soa bastante estranho. A ideia da compulsão à repetição, elemento chave que o leva a propor uma pulsão regressiva e conservadora, já está na cabeça de Freud desde *Recordar, repetir, elaborar* (1914 [1996]), artigo em que trata essencialmente da técnica psicanalítica como destacado anteriormente. Sem contar o fato de que esse artigo de 1920 tem como um de seus pilares argumentativos a análise do problema clínico das neuroses de guerra e dos sonhos traumáticos.



desenvolvem a partir de ameaças significativas ao narcisismo do sujeito – como a perda do objeto que sustenta a experiência narcísica. Ameaças que se deram num momento precoce do desenvolvimento subjetivo em que o narcisismo não estava ainda bem estruturado, sem tantas condições, portanto, para resistir a elas. Essa perturbação ameaça a organização subjetiva como um todo e mobiliza reações mais drásticas, diferentes daquelas comumente observados na neurose. O que merece destaque, portanto, é que Freud interpreta a neurose de guerra como um quadro que tem a mesma natureza da melancolia e a hipocondria; ou seja, como uma reação psicopatológica ante uma ameaça à integridade narcísica.

A associação desses três quadros é importante porque Freud sedimenta, com essa operação, um outro campo de conflitos: não mais o campo da conflitiva entre as instâncias psíquicas e o desejo inconsciente, mas os percalços da relação do psiquismo com o mundo exterior. Um campo de conflitos que é mais dramático quanto mais inaugural é a relação do sujeito com o mundo, uma vez que quanto mais no início da vida estão os sujeitos, mais dependentes do mundo externo eles são. O que está em questão, essencialmente, nesse campo de conflitos é a constituição e a sustentação do narcisismo a partir das relações objetais.

No que diz respeito à neurose de guerra, a problemática dos conflitos com a realidade externa aparece através das experiências traumáticas e das reações do psiquismo que são necessárias para defender-se delas. Freud resgata a noção de trauma, que tinha sido há muito tempo deixada de lado (junto com o abandono da teoria da sedução), e redescreve a situação traumática como sendo um afluxo excessivo de excitações que inunda o interior do aparelho psíquico, subjugando sua capacidade defensiva – um problema para o psiquismo independentemente do seu grau de desenvolvimento. Diz ele:

Não há dúvida de que um acontecimento como trauma exterior provoca uma grave perturbação na economia energética do organismo, além de acionar todos os mecanismos de defesa, e o princípio de prazer é, logo de início, colocado fora de ação. Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundem o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esses excessos de estímulo capturando-o, enlaçando-o [*binden*] psiquicamente para então poder processá-lo. (FREUD, 1920 [2006], p. 154).

Esta é uma passagem bem importante. Primeiro porque Freud afirma que o princípio de prazer não é um processamento que dá conta de lidar com os efeitos perturbadores das intensidades traumáticas. É preciso que haja algo além dele pois, no momento do trauma (tal qual ele redescrive aqui), o que está em jogo não é satisfazer ou não moções pulsionais que podem ser incompatíveis com o ego do sujeito: diante do trauma, a prioridade é sobreviver a essas intensidades desorganizadoras, e para isso são necessárias outras reações para proteger-se delas. Nessa passagem, Freud especifica que reações são essas: a captura e o enlaçamento dessas intensidades. Mas o que isso quer dizer?

Nas palavras de Maduenho, “o princípio do prazer depende de um primeiro trabalho de estruturação elaborada das excitações que atingem o psiquismo” (MADUENHO, 2010, p. 54). É preciso que uma ação psíquica enlace essas excitações estrangeiras que adentraram o sistema psíquico e circulam livremente. O mecanismo que realiza a captura dessas intensidades é, segundo Freud, a repetição compulsiva do evento traumático, uma “reprodução retrospectiva da angústia” (DEAN-GOMES, 2019, p. 273) que se trata de “uma tentativa espontânea do psiquismo de dar conta de uma perturbação sem nome [...] um automatismo psíquico que tenta dominar o traumático” (MADUENHO, 2010, p. 67). A compulsão à repetição atua para dotar as excitações excessivas de características que as tornarão manipuláveis pelo psiquismo, conferindo-lhes, assim, uma cidadania psíquica. Esse processo de enlaçamento, realizado pela repetição, opera uma tradução psíquica daquilo que é intensidade em sentido: traduz as excitações traumáticas – que são pura energia circulante – em marcas psíquicas que podem ser reconhecidas e então manipuladas pelo princípio de prazer. Sem esse trabalho de ligação e inscrição psíquica “não serão mobilizadas, frente a essas intensidades, as forças mais inteligentes do psiquismo tais como o recalque, o princípio de realidade” (MADUENHO, 2010, p. 52) e nem se dará “o funcionamento harmônico freudiano que operava, até esse momento, num campo específico do sentido e do representacional” (MADUENHO, 2010, p. 53). Nas palavras de Freud,

Só depois de ter havido um enlaçamento bem-sucedido é que poder-se-ia se estabelecer o domínio irrestrito do princípio de prazer (e de sua modificação, o princípio de realidade). Enquanto isso não acontece, a tarefa do aparelho psíquico de processar (*bewältigen*) ou enlaçar a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio de

prazer, mas operando independentemente dele, e em parte, sem levá-lo em consideração. (FREUD, 1920 [2006], p.158-159).

Enlaçar e capturar a energia livre para defender-se das ameaças ao *status quo* psíquico é, portanto, prioridade. Como ressalta Freud, *é uma tarefa anterior, independente e mais fundamental que a obtenção de prazer* através da satisfação ou não das pulsões. Essa conclusão de Freud é bastante importante pois sedimenta o entendimento sobre o que está em jogo originalmente para o psiquismo: antes da preocupação com o prazer e o desprazer, é necessário proteger-se e garantir a integridade psíquica. E, independentemente do grau de organização narcísica – se mais ou menos estruturado –, *o evento traumático mobiliza uma reação que é típica das fases iniciais da vida psíquica*. Concepção que muda tudo, pois, como se vê, a abertura para o que está além do princípio de prazer e do conflito intrapsíquico lança os psicanalistas para o campo das relações objetais e da constituição do narcisismo.

Com essas elaborações Freud realiza simultaneamente alguns movimentos fundamentais com consequências profundas para o corpo teórico-clínico da psicanálise: (1) refunda a dimensão defensiva do aparelho psíquico que teria como função primordial proteger o psiquismo contra as ameaças narcísicas, (2) reconhece a repetição como uma das faces dessa outra tendência que atua no psiquismo desde os primórdios da vida psíquica, o que (3) diminui o protagonismo do princípio de prazer como tendência reguladora dos processos psíquicos, e com isso, (4) opera a descentralização do recalque como o único e principal mecanismo defensivo do aparelho psíquico e, assim, (5) relativiza a ênfase do trabalho com as representações no processo de análise.

Como anunciado no início desta seção, essas são elaborações bastante radicais para a tradição psicanalítica pois – como também já foi apresentado nas seções anteriores – a superação do recalque vinha sendo o objetivo central de todo o trabalho analítico<sup>14</sup>. Agora, uma vez que se admite a inevitabilidade da

---

<sup>14</sup> Estudando o verbete sobre o *Além do princípio de prazer* trabalhado por Roudinesco e Plon (1998), percebe-se o esforço dos psicanalistas de compreender como fica a teoria do recalque após esse descentramento do princípio de prazer como mecanismo regente dos processos psíquicos. A solução que os autores propõem é interpretar a compulsão à repetição como estando a serviço do recalque, subordinada ao desejo inconsciente de permitir que o recalque retorne. Nesta pesquisa o entendimento é diferente: Freud afirma claramente que a compulsão à repetição é um mecanismo *independente* e *anterior* ao princípio de prazer. Anterior não só no sentido daquele que chega primeiro para proteger o psiquismo do trauma, mas anterior também no sentido genético, que se desenvolve antes no psiquismo, sendo atuante desde antes do surgimento do princípio de prazer. Como

compulsão à repetição e se a compreende como um mecanismo fundamental que compõe o funcionamento psíquico normal dos sujeitos, é preciso não só que se repense a centralidade da tarefa de rememoração, mas que se inclua definitivamente na técnica psicanalítica o manejo da repetição.

É inegável que o recalque e seus efeitos (sintomas, atos falhos e sonhos) seguem tendo o mesmo potencial de trazer à luz o desejo inconsciente dentro da clínica psicanalítica, mas é preciso que se saiba operar também com *esse outro mecanismo defensivo que, ao contrário do recalque que trabalha para fazer esquecer, trabalha para fazer lembrar*.

Se o recalque é uma operação que pretende proteger o ego através do controle sobre as representações que lhe causam desprazer, mantendo-as longe da consciência, a compulsão à repetição pretende proteger o psiquismo como um todo ao impedir a dispersão desordenada das excitações pelo sistema psíquico. E, se a repetição passa a ter uma função psíquica fundamental, não pode mais ser reduzida a um obstáculo no curso de uma análise, como resistência, nem ser entendida simplesmente no âmbito do adoecimento psíquico ou de uma escolha defensiva. Apesar disso, é digno de nota que Freud escolha chamar esse mecanismo de “compulsão” à repetição, pois, mesmo se esforçando para descrever a função psíquica fundamental que a repetição realiza, ao chamá-la de “compulsão”, ele conserva um caráter patológico e sintomático deste mecanismo psíquico. Neste estudo, faz cada vez mais sentido, ao invés de considerar este mecanismo como uma “compulsão” à repetição, descrevê-lo como uma *tendência* à repetição. Aparentemente Freud ainda estava, apesar de todo esse esforço, vivendo a repetição de forma ambígua.

É nesse contexto de desenvolvimentos e de reformulações da metapsicologia que Ferenczi e Rank trabalharão para tentar atualizar a técnica psicanalítica que se apoiava predominantemente nas orientações prescritas em *Recordar, repetir, elaborar* (1914 [1996]).

Em *Metas do desenvolvimento da psicanálise* (1924 [2022]), a dupla de autores se dedica também a denunciar os efeitos problemáticos de uma atitude clínica orientada por uma concepção de psiquismo que não considera as novas

---

apresentado, a compulsão à repetição é o que cria condições para que se instale o princípio de prazer já que o recalque é uma operação psíquica que só pode surgir depois que existem representações para serem recalçadas.

compreensões sobre a dinâmica psíquica. É interessante apresentar os principais problemas que eles destacam, pois a crítica dos autores tem uma atualidade significativa.

Uma visão desatualizada do psiquismo tem como sintoma mais preocupante um estilo clínico que enfatiza a tarefa de revelação dos desejos infantis recalcados e a descoberta do significado oculto dos sintomas e dos impulsos inconscientes, o que promove uma excessiva intelectualização do processo analítico. Essa atitude, que os autores chamam de “fanatismo da interpretação”, configura uma imperícia técnica pois deixa o analista cego a algumas nuances da transferência.

O fetiche pela descoberta dos sentidos inconscientes das manifestações dos pacientes conduz a uma preocupação desmedida com o significado das associações que eles trazem. Para os autores isso fala de uma inversão que toma as associações “como se fossem o fator essencial e não uma bolha que emerge na consciência e que nos indica um ponto (ou eventualmente uma camada sob a superfície) no qual estão escondidos os impulsos afetivos atuantes” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p.44). Essa ênfase tem o risco de favorecer uma produção associativa vazia que, ao invés de ser reveladora, se constitui como resistência ao desenrolar da análise e acaba por impedir o *insight*. É digno de nota que a resistência à evolução da análise está sendo colocada pela primeira vez ao lado dos analistas.

Na visão dos autores, a obsessão dos analistas “pela tradução ‘correta’ dos detalhes faz com que a técnica da tradução esqueça que o todo – isto é, a situação analítica do paciente – também possui um significado, que na verdade é o principal de todos” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p.45). Ferenczi e Rank afirmam textualmente que esse fanatismo da interpretação e da tradução das associações conduz à uma mera esquematização na análise, mantendo-se estéril no plano terapêutico. Em suma, o que os autores estão criticando são as atitudes que criam empecilhos ao conhecimento e à análise do funcionamento mental do paciente como um todo.

A dupla crítica, finalmente, uma atitude que parece estar mais interessada em comprovar a exatidão da teoria psicanalítica (e atender ao narcisismo dos analistas) do que tratar o sofrimento do paciente<sup>15</sup>. Nas palavras deles,

---

<sup>15</sup> O narcisismo exacerbado dos analistas é reconhecido pelos autores como uma grave falha técnica pois isso influenciaria os pacientes a entregar somente o que o analista estaria esperando, reforçando suas convicções em detrimento de tratar das demandas dos pacientes. Este é um problema que

[...] a importância teórica nem sempre corresponde ao valor prático da análise. Não cabe à técnica explicitar de maneira didática um histórico das fases pré-definidas do desenvolvimento da libido, menos ainda avaliar e classificar a descoberta de todos os detalhes teóricos como se fossem princípios para a cura da neurose (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p.49).

Esse exercício apenas alongaria o trabalho da análise ao invés de aprofundá-lo.

A convicção de Ferenczi e Rank de que, para se aprofundar numa análise, é preciso caminhar em outra direção está assim tão firme porque todos esses avanços metapsicológicos posteriores a 1914 lhes permitiram desfazer a ambiguidade de Freud presente no artigo *Recordar, repetir, elaborar* (1914a [1996]). A descrição de mecanismos psíquicos que atuam desde o início da vida psíquica para proteger o psiquismo e que são anteriores ao desenvolvimento de outros recursos subjetivos (como o princípio de prazer) é fundamental para se compreender o que está em jogo numa situação transferencial tomada pela repetição. Já que somente a repetição estava atuante no momento inicial da vida dos sujeitos, somente ela é capaz de revelar os desafios do narcisismo precoce e as perturbações iniciais que o psiquismo estava enfrentando. *Esse entendimento permite que os autores reinterpretem a repetição como sendo uma manifestação que deixa o analista mais próximo da fundação da vida psíquica e do cerne do inconsciente do paciente.* Uma via de acesso privilegiada para os primórdios da organização do narcisismo que não são acessíveis pela via da representação pois, dada a precocidade desses acontecimentos, eles ainda não puderam ser inscritos psiquicamente.

Esse entendimento faz com que a elucidação e a interpretação desse material que se repete na análise representem, para Ferenczi e Rank, “a tarefa central da psicanálise” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 52), pois somente a partir disso é que os percalços do início do desenvolvimento subjetivo poderão ser perlaborados. Esse entendimento lhes permite argumentar em favor de uma outra atitude clínica que reconheça a centralidade da repetição para o método psicanalítico.

---

Ferenczi já vem alertando os analistas há tempos, desde suas primeiras experiências com a técnica ativa, ao falar da inibição da transferência negativa e dos afetos hostis em favor do amor de transferência, por exemplo. Um paciente submetido ao narcisismo do analista é um problema grave principalmente entre os pacientes mais severamente traumatizados para quem a identificação com o agressor (algo que surgirá no pensamento ferencziano em 1933) é uma questão delicadíssima.

Na visão deles, uma atitude clínica que não leva em consideração a repetição na transferência e o que se vive efetivamente com o analista configura um problema grave pois está se fechando para o material inconsciente mais importante. Para eles, um processo analítico bem-sucedido passa inexoravelmente pelo trabalho com a repetição e o aprofundamento necessário em uma análise significa ir além do conteúdo representacional, caminhando em direção aos percalços do narcisismo precoce.

Apesar de bastante coerente, essa é uma compreensão ousada pois com ela Ferenczi e Rank estão questionando qual é a natureza do conteúdo infantil que é mais importante para a psicanálise. As experiências infantis sempre estiveram na base das compreensões e do método da psicanálise e eles não estão negando que o conteúdo infantil seja de fato o mais importante num processo psicanalítico, mas eles estão questionando que infantil é esse. A ousadia dos autores está em, aparentemente, reconhecer que o conteúdo infantil mais importante é diferente do infantil que Freud reconhece como sendo o mais importante.

Orientados por essas novas concepção sobre o funcionamento psíquico, a dupla de autores desconstrói também aquela ideia – apresentada na seção anterior – de que há um “recordar ideal” que a repetição estaria atrapalhando. Embora ainda afirmem que a repetição precisa ser transformada em recordação, mantendo-se fiéis ao que defendeu Freud, os autores trabalham para enfatizar que a repetição não acontece em oposição à rememoração, mas em continuidade. Eles entendem que a repetição não impede a análise, pelo contrário: permite que ela se aprofunde e chegue aonde precisa chegar. Como dito anteriormente, a repetição trabalha para fazer lembrar permitindo que as experiências que ainda não têm um caráter representacional possam finalmente ser manipuladas pelo princípio de prazer, enriquecendo, com isso, a vida psíquica.

Uma conclusão importante dessas elaborações é que os conteúdos que se repetem compulsivamente na transferência não são inconscientes por estarem sob a ação defensiva do recalque (por trazerem desprazer ao ego), mas o são porque não puderam, sequer, ser simbolizados para adentrar o universo representacional e o princípio de prazer. Se são conteúdos que promovem angústia, não é somente devido ao desprazer que causam ao ego, mas devido à ameaça que eles representam para a integridade psíquica e para o narcisismo do sujeito.

Esse entendimento abre a possibilidade de uma outra atuação do analista que agora tem elementos metapsicológicos para ir além de sua ação original de ressignificar os conteúdos que estão barrados da consciência trazendo mal-estar. Ter ferramentas para manejar a repetição permite que o analista atue também no desenvolvimento do aparelho psíquico do paciente, pois permite que este simbolize e inscreva os acontecimentos da sua história precoce na cadeia associativa. A aposta que a dupla de autores faz é que, ao permitir a reencenação das situações arcaicas na transferência, o analista possa transformar a atitude libidinal do paciente. O que é fascinante pois isso diz respeito à possibilidade de transformar a organização subjetiva do sujeito em análise.

Assim, retomando a crítica inicial de Ferenczi e Rank, uma análise conduzida em conformidade com os avanços teóricos que eles chamam atenção se liberta da tarefa detalhista e intelectual de decifrar os sentidos de toda expressão do paciente, e se volta a uma incursão analítica no desenvolvimento do ego do paciente, o que para eles seria o real objetivo do tratamento psicanalítico. Freud, em *O ego e o id* (1923 [2007]) comenta sobre a importância de se fortalecer o ego para que este realize bem essa dura tarefa de estar entre dois senhores: as exigências pulsionais do id e as exigências do superego, representante da realidade externa. Segundo o entendimento dos autores,

É necessário que a análise aborde o desenvolvimento do Eu do paciente, tal como a análise da resistência também deve se aproximar da análise do Eu, que até hoje foi muito negligenciada e para a qual Freud recentemente forneceu algumas indicações valiosas (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 57).

No entanto, apesar de estarem apoiados nas descrições metapsicológicas apresentados por Freud, a recepção dessas ideias de Ferenczi e Rank pela comunidade psicanalítica, em especial pelo Comitê Secreto – o círculo mais íntimo dos discípulos de Freud – não foi nada boa. A ousadia em subverter uma das bases do método freudiano, que apostava na rememoração, interrogar sobre a natureza do material infantil que deveria ser o foco do tratamento psicanalítico e questionar a atitude do analista na condução do tratamento, não vai ficar impune. Tratar dessas tensões no escopo desta pesquisa imporia um desvio muito grande no curso deste trabalho, mas é digno de nota que, por mais que o campo da psicanálise estivesse



carecendo de desenvolvimentos no âmbito da técnica que pudessem dar conta de manejar as defesas precoces e o narcisismo, o empreendimento desses, que eram dois dos mais inventivos e dedicados discípulos de Freud (DEAN-GOMES, 2019), fica desacreditado.

## 2 REPETIÇÃO E NARCISISMO PRECOCE

Uma vez inserida no seio da organização psíquica, reconhecida como um mecanismo que atua desde os primórdios, antes e de forma independente do princípio de prazer, a repetição e sua relação com as origens da atividade do psiquismo surge como um campo de investigação fundamental – tarefa que será realizada nesta segunda parte do trabalho, a fim de explorar, especificamente, as funções que a atividade repetitiva exerce na arquitetura da mente. O estudo das funções da repetição no psiquismo foi um campo reconhecido por Balint, em *A falha básica* (1968 [2014]), como carente de investigações, o que encoraja a exploração desse tema.

Em se tratando de narcisismo precoce, o primeiro passo é o estudo do significado psíquico do nascimento e os efeitos da perda daquela condição descrita como sendo um estado oceânico: o sentimento de um vínculo indissolúvel, ilimitado e sem barreiras com o mundo externo. A primeira seção desta parte se dedica, assim, ao estudo do momento inaugural em que o psiquismo começa a trabalhar para lidar com as exigências da pulsionalidade; o estudo, em suma, dos significados psicológicos da invasão pulsional – esforço que será empreendido seguindo as trilhas deixadas por Ferenczi em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913 [2011]) que investigou os efeitos no psiquismo das frustrações.

A segunda seção é dedicada à biologia fantástica proposta por Ferenczi em *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (1924 [2011]) que, com suas proposições especulativas, funciona como o “totem e tabu” para esta pesquisa ao pôr para trabalhar as hipóteses da psicanálise num cenário mítico da existência humana. Ao invés da tribo primeva, Ferenczi reflete sobre os desafios da existência dos organismos ancestrais para testar suas hipóteses a respeito dos imperativos que movem o funcionamento psíquico. O brilhantismo de Ferenczi em *Thalassa*, dando sequência às proposições presentes em *O desenvolvimento do sentido de realidade*, está em estabelecer uma articulação entre os esforços subjetivos de adaptação à realidade extrauterina com a tendência regressiva que atua no psiquismo descrita por Freud em 1920. Isso lhe permite propor um paradoxo em que o psiquismo se desenvolve e se complexifica para tentar realizar um retorno ao estado anterior ao nascimento; construção que contém um *insight* importante acerca da função da repetição no narcisismo precoce.

A terceira seção discute uns dos principais pilares para se explicitar a função da repetição no psiquismo e para a compreensão dos destinos da onipotência infantil. A partir da investigação dos motivos que põem o aparelho psíquico a repetir uma situação desagradável, se pretende evidenciar a relação da repetição com a preservação do narcisismo.

A seção seguinte se dedica ao trabalho conjunto de Ferenczi e Rank e o esforço de atualização da técnica psicanalítica que, como foi dito, estava fixada numa posição em que a repetição, mesmo após os avanços metapsicológicos realizados na segunda metade da década de 1910, ainda era interpretada como um mero obstáculo para o sucesso das análises. Os autores reinterpretem aquilo que se repete na transferência à luz da inevitabilidade da compulsão à repetição e trabalham para incluir os percalços do narcisismo precoce nas análises.

A quinta e última seção desta segunda parte propõe uma compreensão geral dos processos em que a repetição está envolvida e das funções que ela exerce no aparelho psíquico. Uma condensação dos destinos da onipotência infantil que permite constatar algo como um *princípio de atividade* que rege e organiza o funcionamento psíquico e impulsiona o seu desenvolvimento. Um princípio de atividade que busca retirar o sujeito do estado de passividade que, em função da prematuridade do psiquismo, fica identificada como uma ameaça narcísica.

## **2.1 Os desafios do narcisismo precoce: o mundo, o outro e as relações**

Como foi apresentado, a teoria psicanalítica se complexificou vertiginosamente a partir da segunda metade da década de 1910, pois Freud estava bastante interessado em resolver alguns problemas e preencher algumas lacunas em seu sistema conceitual. Esse intenso trabalho de investigação culminou na elaboração de novos entendimentos sobre a dinâmica do psiquismo e novas descrições metapsicológicas que trouxeram consequências inescapáveis para o método psicanalítico, uma vez que interferiam nas compreensões acerca da estruturação e do desenvolvimento do aparelho psíquico.

Uma das consequências importantes dessa ampliação, como foi adiantado anteriormente, foi chamar a atenção dos analistas para o que acontece nas origens do desenvolvimento subjetivo. Quando Freud investiga, por exemplo, os percalços do

narcisismo em *Luto e melancolia* (1917 [2006]), ele aponta de forma significativa a importância das relações com os objetos primários que dão sustentação para o desenvolvimento e para a constituição do narcisismo. Em seguida, quando formula, em *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]), a concepção de compulsão à repetição, descrevendo-a como um mecanismo que atua no psiquismo antes e de forma independente das organizações do princípio de prazer, Freud chama atenção para os processos psíquicos em curso no início da vida psíquica.

Tais compreensões vão delinear, de forma mais definitiva, um campo de acontecimentos que o psicanalista precisa se atentar: o campo das relações objetais. Este campo se preocupa com o papel estruturante das primeiras relações que o sujeito estabelece com o mundo a sua volta e foi trabalhado por muitos psicanalistas pós-freudianos. Consiste num “tipo de pensamento teórico-clínico que surgiu e se desenvolveu no campo psicanalítico e que toma como foco central da vida psíquica humana o relacionamento com os outros” (GURFINKEL, 2017, p. 35).

É bom lembrar que a preocupação com o desenvolvimento do aparelho psíquico, desde sua origem, e a relação que o psiquismo estabelece com os objetos da realidade externa não eram preocupações novas para Freud. Muito pelo contrário, eram assuntos que ocupavam os psicanalistas já nos primórdios. O que é novo é o arsenal conceitual com o qual as relações do início da vida puderam ser abordadas após a virada que Freud opera em 1920, o que fez com que a relação com a realidade retornasse com outra força para a teoria psicanalítica. A realidade que importa para a psicanálise deixa de ser somente a realidade psíquica e passa a ser também uma entidade que tem qualidades próprias e concretas que podem interferir na estruturação do psiquismo dos sujeitos.

O que está em questão, essencialmente, nesse campo de conflitos das relações objetais são os efeitos no psiquismo da relação com os objetos da realidade: (1) como se dá a constituição do psiquismo a partir dessa relação, (2) quais são e como se desenvolvem os mecanismos psíquicos que organizam e protegem a experiência subjetiva da invasão pulsional no início da vida, e (3) como isso influencia o desenvolvimento das futuras relações com o mundo.

Nessa perspectiva, *o grande problema do narcisismo precoce é o fato de que se nasce para um mundo no qual as relações são fundamentais para a sobrevivência, uma vez que não existe mais um útero provedor capaz de satisfazer automaticamente*

*as necessidades vitais*; existem apenas objetos que podem trazer alguma satisfação. Desse modo, o desafio inaugural do sujeito, aquilo que dá a partida do desenvolvimento subjetivo, será a necessidade de desenvolver condições de lidar com as necessidades vitais e de se relacionar com os objetos. O estudo desse desafio inaugural é o foco desta seção que pretende destacar elementos que favoreçam a investigação posterior da relação entre a repetição e o narcisismo precoce. Para tanto, o narcisismo precoce será abordado a partir do impacto do nascimento sobre o psiquismo e do encontro com a realidade material.

Apesar de parecer óbvio que o nascimento marca o início da vida de uma pessoa, é necessária alguma reflexão sobre esta passagem da vida intrauterina para a vida extrauterina para se refletir sobre o narcisismo precoce e os desafios no início da atividade psíquica. A situação uterina é descrita por Ferenczi da seguinte forma em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913 [2011]):

Se o ser humano tem uma vida psíquica, mesmo inconsciente, no corpo materno – e seria absurdo acreditar que o psiquismo só começa a funcionar no momento do nascimento – ele deve ter, pela própria circunstância de existir, a impressão de que é realmente 'onipotente'. Pois o que é onipotência? É a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar. É o que o feto poderia pretender no que lhe diz respeito, já que possui constantemente tudo o que lhe é necessário à satisfação de suas pulsões, portanto, nada tem a desejar, é desprovido de necessidades (FERENCZI, 1913 [2011], p. 42).

Esta é uma afirmação interessante, pois Ferenczi admite que, antes do nascimento, o sujeito já seria capaz de autopercepção, mas que não conheceria a dimensão da necessidade nem a perturbação causada pela pressão das exigências pulsionais. Isso leva ao entendimento de que o nascimento e a separação do corpo da mãe significam um abalo na economia psíquica e marcam o momento inaugural da vida pulsional.

Esse início é um desafio para o sujeito porque, apesar de ser um acontecimento em que, do ponto de vista fisiológico, em condições normais de desenvolvimento, o bebê está pronto para vivenciar, do ponto de vista psíquico, no entanto, a possibilidade de o sujeito vir a ter uma existência autônoma no mundo vai exigir inúmeras aquisições subjetivas, sendo a convivência com a pulsionalidade a primeira delas.

O afluxo de pulsões para o interior do aparelho psíquico após o nascimento lança o sujeito numa vivência de perturbação sem precedentes. Uma situação em que o recém-nascido se experimenta passivo e impotente, e que produz uma angústia de desamparo. Essa angústia é um sinal da insuficiência do psiquismo diante da exigência de trabalho que a pulsionalidade impõe. É esta condição subjetiva do recém-nascido que permite a Freud afirmar que, na origem do psiquismo, está a angústia.

Se a angústia pode ser interpretada, portanto, como um índice da presença da pulsão desligada no interior do aparelho psíquico, a construção de vias de escoamento para a descarga da excitação tem uma importância capital para a experiência subjetiva do sujeito. Assim, nesse momento inaugural da vida psíquica, a tarefa fundamental é encontrar um destino, ou um caminho psíquico, para a descarga da excitação pulsional, o que se dá a partir das primeiras experiências de satisfação.

É muito celebrada na literatura psicanalítica a primeira mamada do bebê, que seria o momento mítico em que a primeira fome é satisfeita. Uma satisfação originária que marca o psiquismo e organiza, ainda que de forma incipiente, os destinos da pulsão, deixando o sujeito menos desvalido diante da exigência de trabalho psíquico que a emergência da fome, por exemplo, significa. À medida que as exigências pulsionais vão sendo satisfeitas, inscrevem-se caminhos de prazer por onde a pulsão poderá encontrar alívio novamente. Essas marcas constroem um circuito pulsional que faz com que a próxima fome não encontre o sujeito tão desamparado quanto da primeira vez, porque um psiquismo com marcas de satisfação impede que a pulsão circule tão livremente e cause tanta perturbação e angústia. É assim, nessa repetição, que vai se dando o enlaçamento da pulsão.

Essas marcas dão condições para que o bebê possa executar a primeira ação psíquica autônoma em resposta à perturbação econômica que o nascimento representou. Graças ao estabelecimento do circuito pulsional, diante da emergência da próxima fome, o bebê poderá recuperar de forma alucinatória a satisfação anteriormente obtida. Esta atividade alucinatória corresponde ao *processo primário*: o mecanismo psíquico que consiste na ativação retroativa das memórias e dos caminhos pulsionais deixados pelas experiências de satisfação anteriores quando uma nova excitação atinge o psiquismo, sem que haja necessariamente a presença do objeto que traz alívio. Esse prazer alucinado alivia a perturbação

momentaneamente, no entanto, esta é uma estratégia que não é lá muito eficaz porque não satisfaz de fato as exigências pulsionais que adentram o psiquismo: o bebê poderá se deliciar com a memória da experiência de ter sido alimentado com o leite morno que lhe foi oferecido anteriormente, mas a fome precisa de leite real para ser satisfeita.

É importante reforçar que as marcas de prazer só se inscrevem intrapsiquicamente porque houve um objeto da realidade que satisfaz de fato a pulsão. Foi o leite real que matou a fome e trouxe alívio para essa demanda pulsional. Assim, são os objetos do mundo que dão sustentação para que o psíquico se constitua e se desenvolva. É isto que permite afirmar que o psíquico só se desenvolve na presença de um outro humano: neste momento de extrema dependência, é a presença daquele que cuida que oferece alívio para as exigências pulsionais e sustenta os primórdios da organização psíquica do recém-nascido.

A satisfação alucinada que o bebê acredita estar criando para si triunfa como mecanismo psíquico porque o entorno oferece a satisfação necessária, fazendo corresponder a alucinação de satisfação com a satisfação real. Nas palavras de Ferenczi, aqueles que cuidam do bebê,

[...] assim que [a criança] manifesta seu desprazer com choro e agitação, colocam-na em condições que se aproximam o mais possível da situação intrauterina [...] com o objetivo manifesto de lhe dar a ilusão da cálida proteção materna [...] a fim de permitir-lhe continuar desfrutando da ausência de excitações próprias do estado fetal [de modo que] o mais curioso é que essa alucinação da criança – com a condição de que se ocupem normalmente dela – realiza-se efetivamente (FERENCZI, 1913 [2011], p. 49-50)<sup>16</sup>.

Assim, mesmo que o recém-nascido possa não reconhecer ainda o objeto da satisfação quando está alucinando o leite, é somente o leite real que alimenta. Isso porque, nesse início, o aparelho psíquico não dispõe da capacidade de distinguir entre uma representação do objeto satisfatório e a percepção dele (Coelho, Jr. 1995). Ou seja, na origem, o psiquismo não distingue as sensações causadas pelo encontro satisfatório com o objeto do próprio objeto.

---

<sup>16</sup> É evidente que a experiência de acolhimento que o entorno oferece ao bebê pode variar e muito. O intervalo entre a emergência das urgências pulsionais e sua satisfação pelos cuidadores pode ser diferente para cada criança, o que interfere na manutenção do sentimento de onipotência, e, por sua vez, deixa marcas no desenvolvimento psíquico posterior.

Partindo deste primeiro mecanismo de processamento das excitações, uma vez que ele não se sustenta sozinho e não é suficiente para processar os incômodos da pulsionalidade, o desenvolvimento psíquico deve caminhar na direção de conseguir perceber e operar com objetos do mundo real que possam trazer uma satisfação mais efetiva para as necessidades. Outra aquisição necessária para o psiquismo é a capacidade de suportar uma satisfação que não será idêntica à memória das primeiras satisfações, o que quer dizer que o psiquismo precisará lidar com as distâncias entre a satisfação fantasiada e a satisfação real. A lida com a realidade material requer um longo caminho de amadurecimento.

Ferenczi se dedicou no artigo já mencionado, *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913 [2011]), justamente ao estudo do amadurecimento psíquico a partir deste viés que parte do nascimento em direção à relação com os objetos da realidade. Nele o autor investiga o que denomina de “sentido de realidade”, que seria a percepção e a experiência que o sujeito faz da realidade exterior. É a forma como o sujeito interpreta a realidade, em cada um dos momentos de seu desenvolvimento subjetivo, e, de acordo com esse entendimento, como se relaciona com ela, isto é, quais as ações ele compreende serem necessárias para modificá-la e assim livrar-se do desprazer e da ameaça que as pulsões insatisfeitas representam. Nesse artigo, o autor parte de como a realidade é percebida pelo recém-nascido e apresenta uma sequência de estágios em que o sentido de realidade vai se sofisticando paulatinamente até que o sujeito desenvolva uma relação que suporte a indiferença da realidade em relação as suas necessidades e demandas pulsionais.

O autor parte do nascimento como problema para o desenvolvimento porque, para ele, a primeira realidade “percebida” pelo sujeito é a realidade da situação intrauterina – conforme indica no excerto destacado anteriormente. Para Ferenczi, antes do parto, o ser humano e sua organização psíquica ignoravam o mundo externo e estavam apenas às voltas com o prazer. Como ele diz,

[...] existe um estado do desenvolvimento humano que realiza esse ideal de um submetido unicamente ao prazer e não só na imaginação e de maneira aproximada, mas na realidade e de modo efetivo. Refiro-me ao período da vida passado no corpo da mãe (FERENCZI, 1913 [2011], p. 48).



Na situação uterina, o sujeito experimenta uma onipotência real, e uma experiência real de passividade vivida sem o desamparo e a impotência que o sujeito experimenta tão logo chega ao mundo. Em outras palavras, o bebê no útero não precisa ser capaz de realizar nenhuma atividade pois, uma vez que tem tudo o que precisa, não se faz necessário nenhum processamento psíquico para lidar com a pulsionalidade. Após o nascimento, o desafio inicial do bebê (que persistirá por toda a vida do sujeito) será, portanto, acostumar-se com a perda desta experiência de passividade pacífica e de onipotência que a situação uterina representa.

A primeira resposta subjetiva do recém-nascido, a primeira ação psíquica, é aquela que já foi descrita: o processo primário. O sentido de realidade no processo primário "pretende, pois, cobrir todas as suas necessidades sem esforço" (FERENCZI, 1913 [2011], p. 45), através da alucinação da satisfação, sem uma ação sobre o mundo real que conquiste a satisfação desejada. Essa é uma experiência de "realidade" que é uma continuação da onipotência vivida na situação uterina. O processo primário é uma ação psíquica que negligencia a existência de uma realidade percebida como uma entidade com existência própria, separada do sujeito, o que implica dizer que a percepção da realidade objetiva é uma aquisição do desenvolvimento subjetivo.

E esta não é uma aquisição que precisa de grandes acontecimentos para se dar. O simples fato de que a sustentação que o entorno oferece para a atividade alucinatória do bebê não corresponde exatamente à experiência uterina acaba com o sonho onipotente do recém-nascido. O útero foi perdido e o sujeito precisará conviver com esse intervalo incontornável que existe entre ele e o mundo que o cerca. É por estas frestas que a realidade se impõe para o sujeito e é essa experiência de frustração que impulsiona a sofisticação da relação com a realidade.

Uma realidade que não satisfaz a partir dos pensamentos mágicos e onipotentes do bebê (processo primário) ensina ao sujeito que é mais complexa do que ele supunha, e que será necessário o desenvolvimento de estratégias mais sofisticadas para agir sobre os objetos do mundo e obter a satisfação desejada. É importante pontuar que *a relação com o mundo externo será sempre atravessada por desejos de que este se modifique em favor da satisfação das demandas pulsionais*, isso independe do grau de amadurecimento do ego e não é jamais abandonado, como aponta Ferenczi nesse artigo. Essa esperança de encontrar satisfação nos objetos da

realidade cria uma “realidade erótica” (FERENCZI, 1913 [2011], p. 58) em que se experimenta uma existência possível.

Essa é uma construção que, como se nota, ainda conserva o desejo onipotente de que haja uma realidade a serviço da satisfação das necessidades e dos desejos do sujeito: uma realidade-útero. Isso para Ferenczi não indica uma fixação ou um problema no desenvolvimento necessariamente. Esse desejo onipotente será discutido na próxima sessão deste estudo, por hora interessa registrar que ele permanece agindo no psiquismo ainda que o ego amadureça, que se sofisticue a compreensão da realidade como entidade não-eu e que se complexifique o entendimento sobre as ações que poderiam aliviar a pressão das excitações.

É esse desejo onipotente que inventa, conforme o ego se desenvolve, formas cada vez mais sofisticadas para tentar preencher a lacuna entre o sujeito e a realidade. E, segundo Ferenczi, a linguagem é a mais alta realização do aparelho psíquico nesse sentido. A necessidade da comunicação evolui das primeiras alucinações onipotentes, passando pelos sinais e gestos mágicos que a criança acredita serem capazes de informar o cuidador do seu desconforto, indo em direção às palavras como forma de traduzir e comunicar desejos e necessidades. A comunicação é a forma mais avançada de conjugar o desejo onipotente de transformar a realidade com o reconhecimento de que ela é uma entidade exterior, alheia aos seus anseios pessoais. Um anseio infantil que se conserva na fé de que a palavra possa mudar o mundo.

Apesar dessa incrível capacidade de estabelecer uma ponte entre o sujeito e o mundo que o rodeia, a comunicação não elimina o fato de que “o peso, a dureza e a impenetrabilidade da matéria constituem a todo instante obstáculos em nosso caminho [...] a realidade é um duro combate pela existência” (FERENCZI, 1913 [2011], p. 61). Essa experiência, profundamente ambivalente, que o sujeito faz da realidade – que é, ao mesmo tempo, celeiro das possibilidades de satisfação e obstáculo para o prazer – é o maior desafio do desenvolvimento subjetivo e um conflito facilmente observável na clínica<sup>17</sup>. Saudável seria aquele que consegue realizar transformações na realidade externa em benefício do próprio prazer levando em conta (e apesar de) suas impossibilidades e limitações.

---

<sup>17</sup> Essa ambivalência em relação à realidade é um problema permanente para todos os sujeitos, independentemente do grau de amadurecimento do ego e do quão acolhedor foi o entorno que o recebeu, embora isso faça uma diferença significativa na forma como cada sujeito enfrentará tal desafio. Mas, novamente, este é um tópico que não poderá ser desenvolvido neste estudo.

Compreender e suportar o fato de que não há ação perfeita que possa realizar de uma vez por todas o desejo, nem eliminar definitivamente as perturbações causadas pela pulsionalidade, é, portanto, uma direção para o desenvolvimento do psiquismo. Conforme indica Coelho Jr., é necessário que “entre a submissão às exigências da realidade externa e a submissão às exigências das paixões, sobre algum espaço de manobra” (COELHO JR., 1995, p. 66).

Assim, em suma, a realidade é o que interrompe o pleno domínio do princípio de prazer e do processo primário e força o abandono (ou o recalçamento) dessas formas infantis de satisfação em direção ao desenvolvimento de outras formas de lidar com a pulsionalidade, em nome de uma maior adaptação ao mundo dos objetos. O problema de nascer é adaptar-se à realidade extrauterina. E a adaptação é o tema da próxima seção deste estudo.

## **2.2 Regressão talássica e a função adaptativa da repetição**

O objetivo aqui, a partir das ideias desenvolvidas por Ferenczi em *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (1924 [2011]), é demonstrar que o processo de adaptação do psiquismo à realidade se dá a partir de uma tendência regressiva que impera no aparelho psíquico. Ideia que não é difícil de dizer, mas se mostrou bastante difícil de apresentar por alguns motivos.

Primeiro porque a publicação de *Thalassa* se dá num momento bastante efervescente do movimento psicanalítico e é difícil apresentar simplesmente as ideias presentes nesse artigo sem relacioná-las aos acontecimentos daquele contexto.

Os psicanalistas, por exemplo, estavam preocupados em conferir uma maior cientificidade para a psicanálise. Aquela era uma época em que a produção científica em geral estava em ebulição, com muitas descobertas e teorias sendo propostas em diversas áreas do conhecimento, e a aposta dos psicanalistas para atingir seu objetivo foi vincular o saber psicanalítico a esses novos conhecimentos. Algumas publicações importantes dessa época se voltaram para a biologia com a expectativa de encontrar nela alguns *insights* para os desafios que a teoria psicanalítica enfrentava.

Freud mesmo, no artigo *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]), realiza um importante exercício especulativo a respeito das tendências que movem o funcionamento psíquico a partir de uma investigação dos desafios encontrados pelos

seres vivos diante da tarefa de existir. Ele toma como paradigma o comportamento dos seres unicelulares (a “vesícula viva”) para simplificar ao máximo o problema em questão e testar algumas hipóteses e, com base nas deduções desse movimento especulativo, formula a compreensão – já explorada anteriormente – de que a tarefa fundamental do aparelho psíquico, antes de processar e compreender o mundo à sua volta, seria a tarefa de proteger-se das perturbações que o atingem. O que lhe leva a concluir que as preocupações de cunho narcísico seriam, portanto, prioritárias em relação à busca pelo prazer. Nessa reelaboração dos fundamentos do funcionamento mental, Freud propõe também a existência da pulsão de morte que consiste numa força regressiva atuante no aparelho psíquico cujo objetivo é descarregar a tensão pela via mais rápida possível, visando um retorno imediato a um estado sem perturbações. Uma força que atua em oposição à ação da pulsão de vida que realiza um movimento de aglutinação e sofisticação das formas de escoamento da libido. Enquanto uma tenderia ao enriquecimento dos processos vitais, a outra tenderia ao inorgânico e à não-vida.

Na esteira de Freud, e influenciados por essa publicação fundamental, Rank e Ferenczi também se aventuraram nesse exercício de articular a teoria psicanalítica com a biologia. Logo após terem publicado seu trabalho conjunto *Metas do desenvolvimento da psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática* (1924 [2022]), cada um publica um texto que investiga as origens biológicas da neurose e da vida sexual a partir de reflexões sobre o nascimento e a experiência humana precoce – temas que também interessavam os psicanalistas naquele momento.

É difícil apresentar as ideias de *Thalassa* sem mencionar a famigerada publicação de Rank *O trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise* (1924 [2016]). Nesse trabalho, interessado em dar sequência às elaborações que desenvolvera com Ferenczi a respeito do valor da repetição no processo analítico, Rank arriscou mais uma revisão de aspectos fundamentais da teoria vigente e propôs novos parâmetros para a prática psicanalítica. Suas proposições apostavam todas as fichas na importância do nascimento para explicar a etiologia das neuroses. Freud, de fato, considerava que o ato do nascimento seria uma fonte importante de angústia para o sujeito, mas nunca esvaziou o valor metapsicológico da sexualidade na produção do adoecimento neurótico. Rank exagera a compreensão de que a separação biológica do corpo da mãe seria um protótipo de uma angústia psíquica, e

propõe que o trauma do nascimento e a angústia de separação seriam os únicos fatores que o analisando precisaria repetir e elaborar no tratamento. Essa ousadia de Rank caiu mal entre os psicanalistas e bateu de frente com a sanha mais ortodoxa que imperava na IPA, presidida na ocasião por Ernest Jones. Suas proposições diminuíam o valor dos conflitos edípicos e da angústia de castração, que eram pilares irremovíveis da teoria e da técnica psicanalíticas de então, e isso – somado a uma série de disputas afetivas e políticas entre os discípulos de Freud – foi o suficiente para que Rank e sua obra caíssem em desgraça.

Apesar de sua ênfase questionável no trauma do nascimento, o autor partiu de uma boa intuição e apontou para uma direção importantíssima para o desenvolvimento futuro da teoria psicanalítica. Se suas proposições não encontraram ressonância na comunidade psicanalítica na ocasião, as ideias sobre a relação originária do bebê com o entorno, a experiência subjetiva precoce e a fase pré-edípica encontraram um tratamento melhor na mão de outros psicanalistas e hoje são temas consolidados na literatura. Na época, no entanto, o descrédito das proposições de Rank, que desafiavam, sobretudo, a primazia da relação com o pai no pensamento psicanalítico, estigmatizaram os temas que giravam em torno da relação precoce com a mãe.

Uma das formulações que acabou sendo atingida por esta polêmica foi a fantasia infantil de retorno ao útero materno trabalhada por Rank. Ferenczi desenvolve os argumentos em *Thalassa* também considerando esta hipótese, de modo que a apresentação de suas ideias é atravessada pela delicadeza de sustentar uma premissa que foi desconsiderada por um conjunto de psicanalistas. No entanto, a formulação de uma fantasia de retorno ao útero se sustenta porque este parece ser um desenvolvimento que partiu da novidade recém proposta por Freud, a pulsão de morte: essa a força regressiva que atua no psiquismo e que impele ao inorgânico. Sedimentar melhor essa ideia no pensamento psicanalítico era uma tarefa necessária, uma vez que a noção de pulsão de morte não tinha sido tão bem aceita pela comunidade psicanalítica. Tarefa que Ferenczi e Rank pareciam estar comprometidos em realizar.

A afinidade e a correspondência do pensamento dessa dupla de autores foi uma delicadeza que Ferenczi também precisou manejar para manter uma boa relação com o movimento psicanalítico. Ele precisou se diferenciar de seu parceiro e acabou

virando as costas para ele. Posteriormente em *Adaptação da família à criança* (1928 [2011]), Ferenczi escreve:

Freud nos ensinou que os sintomas de angústia estão relacionados com as modificações fisiológicas particulares, ocasionadas pela passagem do ventre materno para o mundo exterior. Um de seus antigos alunos [Otto Rank] fez recentemente dessa concepção o ponto de partida de uma teoria, na qual, afastando-se das ideias psicanalíticas, procura simplesmente explicar todas as neuroses e psicoses por esse primeiro grande trauma; deu-lhe o nome de trauma do nascimento. Eu próprio me ocupei dessa questão de maneira muito profunda [em *Thalassa*], mas quanto mais eu avançava em minhas observações, mais se me tornava evidente que não havia nenhuma mudança nem evolução, na vida, para as quais precisamente o indivíduo estivesse mais bem preparado do que para o nascimento. A providência fisiológica e o instinto dos pais tornam essa transição tão suave quanto possível (FERENCZI, 1928 [2011], p. 4).

O que diferencia o trabalho de Rank das elaborações de Ferenczi a respeito do desafio que o nascimento representa para o psiquismo pode ser sintetizado da seguinte forma: se Rank enfatizou o nascimento pelo viés daquilo que se perde, Ferenczi abordou a questão pelo viés da adaptação à situação extrauterina.

O brilhantismo de Ferenczi em *Thalassa* – a construção fundamental para esta seção – está em estabelecer uma articulação entre os esforços subjetivos de adaptação à realidade extrauterina com a tendência regressiva que atua no psiquismo descrita por Freud. Isso lhe permite propor um paradoxo em que o psiquismo se desenvolve e se complexifica para tentar realizar um retorno ao estado anterior ao nascimento. Ou seja: o psiquismo se sofisticava e evolui visando realizar na verdade uma regressão.

Essa construção, que contém um *insight* importante acerca da função da repetição no narcisismo precoce, traz um outro problema difícil de não considerar: a ideia de que a adaptação, apoiada na biologia, seria um esforço conservador. Assim, uma dificuldade da apresentação das ideias de Ferenczi sobre adaptação e desenvolvimento psíquico é descrever essa tendência regressiva que move os processos de adaptação sem sugerir que haja no psiquismo uma tendência que somente rejeita o novo. É importante acompanhar Ferenczi, pois o esforço de adaptação que ele defende em *Thalassa*, apesar de pretender regredir ao estado

anterior às mudanças que o nascimento trouxe para a vida do sujeito, contém uma grande potência criadora.

Seu objetivo nesse artigo é teorizar sobre o significado profundo da sexualidade humana – qual desejo o erotismo pretende realizar? – e, para refletir sobre isso, ele investiga as tendências intrapsíquicas e os processos subjetivos que ocorrem no recém-nascido e que lhe permitem conviver com as exigências pulsionais. Afinal, o processo de adaptação à realidade extrauterina consiste justamente no desenvolvimento de recursos para suportar a perturbação constante que a vida pulsional representa para o psiquismo. Nesse sentido, *a adaptação é um processo que tem a memória de uma vida imperturbada na situação uterina marcando o psiquismo por um lado e a invasão das excitações após nascimento marcando-o por outro.*

Essa compreensão é importante porque dá condições para Ferenczi formular a existência de uma tendência de retorno que orienta os processos subjetivos de adaptação e todo o desenvolvimento psíquico. *Uma tendência que, diante do desafio da pulsionalidade, força o desenvolvimento de formas cada vez mais sofisticadas de aliviar a pressão das excitações para tentar, assim, restituir a paz psíquica experimentada antes do nascimento.* O modelo em que Ferenczi se apoia para elaborar a hipótese dessa tendência regressiva é a teoria da evolução das espécies vigente na época. Ferenczi propõe uma biologia fantástica e põe lado-a-lado o impacto que o nascimento tem no psiquismo de um indivíduo e o impacto que a secagem dos oceanos teria tido no processo evolutivo da vida na Terra<sup>18</sup>. Esta comparação lhe permite considerar que tanto o nascimento quanto a secagem dos oceanos representam uma catástrofe para o organismo porque configuram uma drástica mudança de ambiente (de aquático para terrestre) a qual o organismo terá de se adaptar para sobreviver. O autor sugere que o desejo do organismo, nessas duas situações (nascer e viver na terra), é permanecer existindo da forma que conhecia e que a memória da vida anterior vai orientar os esforços de adaptação para que a nova realidade seja o mais próxima possível da realidade anterior.

---

<sup>18</sup> É importante contextualizar que, na ocasião da publicação de Ferenczi, a teoria darwinista da evolução das espécies dividia a cena com as teorias do naturalista Lamarck. Diferentemente de Darwin – que defendia que as variações entre os indivíduos de uma espécie surgiam devido a mutações aleatórias em sua biologia e que a evolução consistia na consequente seleção natural das variações mais bem adaptadas às transformações do ambiente em que viviam – para Lamarck as alterações no ambiente causavam mudanças nas necessidades dos organismos que ali viviam, o que forçava mudanças definitivas em sua biologia que seriam transmitidas hereditariamente.

As estruturas e mecanismos que se desenvolvem pretendem, assim, anular os efeitos que a mudança de ambiente provocou na experiência do organismo e o desenvolvimento visa reestabelecer a condição anterior perdida de uma forma alternativa, para que este continue realizando as funções vitais como “se nada tivesse acontecido” – mesmo que tenha acontecido muita coisa.

A partir dessas ideias, a conclusão de Ferenczi é que, a fim de lidar com a pulsionalidade e a perturbação que ela representa para o psiquismo, todo o desenvolvimento erótico e genital dos sujeitos seria impulsionado por uma tendência regressiva que tenta anular o efeito do nascimento através de uma busca incessante por formas de satisfazer as pulsões. Isso permite a Ferenczi considerar que satisfazer as exigências pulsionais significa realizar uma regressão, mesmo que simbólica e momentânea, à alegria da experiência uterina. O que ele quer provar é que, no fim das contas, tudo na vida erótica humana pretende recuperar simbolicamente o repouso intrauterino e que a regressão seria na verdade o objetivo final do psiquismo. Um psiquismo que se desenvolve para, paradoxalmente, tentar voltar ao útero. Uma compreensão que está apoiada nas ideias de Freud, presentes em *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]), a respeito dos objetivos das forças que movem o psiquismo: “deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo que passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento.” (FREUD, 1920 [2006], p. 161).

Com base nessa compreensão, o coito, o ponto culminante do desenvolvimento erótico, seria compreendido por ele da seguinte forma:

O indivíduo é dominado por uma espécie de atração incoercível que o lança para o parceiro sexual; ele se esforça por diminuir por todos os meios a distância entre seu parceiro e ele próprio [...] essa atração mútua apenas expressa a fantasia de soldar-se verdadeiramente ao corpo do parceiro sexual, ou talvez penetrar nele por inteiro (enquanto substituto do útero materno); a união sexual é tão somente uma realização parcial dessa intenção" (FERENCZI, 1924 [2011], p. 305)<sup>19</sup>.

Essa tendência visa realizar isso que ele denominou de *regressão talássica*. Assim, o que move a adaptação do sujeito à sua nova condição de nascido é essa tentativa de recriar fora do corpo da mãe o estado de plenitude uterina que se gravou

---

<sup>19</sup> A pessoa que é penetrada viveria essa experiência de retorno ao útero pela identificação com aquele que está penetrando. Viveria essa regressão de forma ainda mais simbólica.



*no psiquismo*. O desejo de realizar esse reencontro está presente em cada satisfação pretendida e é com essa ambição que o sujeito se direciona aos objetos do mundo. É em resposta a esse desejo que se criam todas as invenções humanas, e é este desejo que faz do ser humano um ser dotado de criatividade e a evolução cultural uma rede de compensações criativas. Nas palavras de Garcia-Roza, “a cultura não é um resíduo inútil da pulsão, mas a multiplicação de suas possibilidades de satisfação” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 17).

No entanto, esse retorno, obviamente, não será realizado jamais e o sujeito terá de lidar com o fato de que a desadaptação é condição humana. É aqui que o processo de adaptação se abre para o novo. Como a pulsionalidade não se alivia nunca por completo, o psiquismo seguirá ao longo de toda a vida do sujeito respondendo a este imperativo regressivo de anular a perturbação gerada pelas exigências pulsionais através da busca de novas formas de satisfazê-las. Mas não importa quantas formas de satisfação sejam criadas, a vida extrauterina jamais recriará a experiência imperturbada que a condição uterina significou. Esse é o preço de se ter ganho a vida.

O desafio da condição humana, a partir dessas ideias de Ferenczi, é que, apesar do sujeito ser dotado de uma potência que lhe possibilita realizar encontros satisfatórios para suas exigências libidinais – tão satisfatórios que fazem lembrar a harmonia da situação uterina –, o sujeito segue impotente para realizar efetivamente a regressão talássica, o que o mantém eternamente dependente das relações estabelecidas com um ambiente rico em objetos para se satisfazer e garantir sua sobrevivência. Isso faz com que cada realização psíquica consista em “ações simbólicas por meio das quais o indivíduo revive o prazer da existência intrauterina, a angústia do nascimento e, enfim, a alegria renovada de escapar são e salvo desse perigo” (FERENCZI, 1924 [2011], p. 318). Dizendo de outra forma, todo o erotismo e a genitalidade são reproduções do prazer do encontro e da angústia do desencontro. Por este ângulo, chega-se novamente à relação ambivalente com a realidade, mencionada na seção anterior, fonte de todo o prazer e de toda a dor.

Assim, como é impossível regredir efetivamente e fazer repetir a situação uterina, a insatisfação é, em si mesma, parte da realidade. Uma parte que o sujeito precisará aprender a conviver. Nesta perspectiva, a adaptação se trata de um ajuste, um encaixe entre o sujeito e seu entorno que lhe permita viver uma experiência em que a possibilidade de ser está garantida apesar das inevitáveis frustrações. Em outras

palavras, adaptação é viver uma vida em que se suporta e se tem consciência das limitações que a realidade impõe, ao mesmo tempo em que se é capaz de criar e satisfazer-se com as possibilidades que a realidade oferece. O sujeito bem adaptado seria o sujeito castrado, mas não impotente; com o narcisismo preservado, mas não onipotente.

E de que forma a repetição se articula com essas ideias?

A descrição de uma tendência à regressão que orienta o desenvolvimento e o funcionamento psíquico tem muito a contribuir numa reflexão acerca da repetição na clínica psicanalítica.

A relação entre repetição e regressão, no entanto, não é tão clara. Mesmo Ferenczi e Rank que começaram abordando o tema da repetição em *Metas do desenvolvimento da psicanálise* (1924 [2022]) passaram a tratar de regressão em suas obras seguintes – em *Thalassa* (1924 [2011]) e *O trauma do nascimento* (1924 [2016]), respectivamente – sem detalhar essa relação. Este tema talvez mereça um estudo que o escopo deste trabalho não consegue abarcar. No entanto, a partir dessas leituras se pode formular algumas hipóteses.

Enquanto nessas obras a regressão aparece como uma tendência ou um movimento intrapsíquico, a repetição aparece como um comportamento observável na clínica – como também aparece em *Recordar, repetir, elaborar* (1914a [1996]) e *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]). A relação que se pode esboçar é que a repetição seria a forma exterior e visível da tendência à regressão que rege o funcionamento psíquico<sup>20</sup>. Assim, se a regressão é uma tendência, a repetição seria um mecanismo; se a regressão visa uma experiência, a repetição seria a ação psíquica que leva a ela.

A existência no psiquismo de uma tendência a regredir a um momento da existência em que ações não eram necessárias para a sobrevivência é o que, paradoxalmente, impulsiona o desenvolvimento de ações psíquicas que tentarão atingir esse objetivo. Ainda nessa linha, a repetição pode ser interpretada como uma ação que visa restituir um estado anterior imperturbado, ao mesmo tempo em que cria

---

<sup>20</sup> Mezan (2013) descreve justamente o contrário: que a regressão é forma exterior da repetição. O que traz ainda mais nebulosidades para esta imbricada relação entre regressão e repetição. A descrição de Mezan enfatiza, aparentemente, a repetição enquanto experiência regressiva, no sentido que será trabalhado na seção 3.2.1 deste trabalho: como algo que se vive com alguém. A forma como esta relação está sendo apresentada aqui está considerando a regressão como essa tendência que age intrapsiquicamente, e, portanto, – assim como as pulsões – não são visíveis.

condições para psiquismo adaptar-se à nova realidade que se lhe apresenta, ou seja, a repetição, ao mesmo tempo que busca o antigo, cria o novo. Nesse sentido, como afirma Mezan, “a tendência ao desenvolvimento aparecerá como um derivado da repetição” (MEZAN, 2013, p. 260). Isso faz da regressão e da repetição recursos vitais do psiquismo.

Assim, em suma, a tendência a regredir impulsiona a repetição de uma situação anterior e assim alivia e organiza o psiquismo invadido por excitações. É por esse ângulo que se pode considerar a repetição como uma ação de adaptação pois, ao organizar e proteger o psiquismo da energia livre, a repetição está trabalhando para tornar a vida extrauterina uma experiência possível. Na relação com os objetos de satisfação, a repetição garante uma forma minimamente eficaz e organizada de se relacionar com a realidade material. Essa ideia da repetição como um mecanismo psíquico que exerce funções na dinâmica subjetiva é importante nesta pesquisa. A próxima seção será dedicada a uma outra função fundamental que a repetição exerce no psiquismo.

### **2.3 A Pulsão de domínio e o papel da repetição no desenvolvimento do aparelho psíquico**

Dando continuidade à investigação dos desafios do narcisismo precoce e dos processos psíquicos em curso nos primórdios da constituição do aparelho psíquico, é chegado o momento de detalhar de que forma a repetição pode ser compreendida como uma estratégia ou um mecanismo do narcisismo precoce. Se na seção anterior foi abordada a tendência à regressão que impulsiona o desenvolvimento psíquico em sua tentativa de se adaptar às novas condições que desafiam a homeostase narcísica, o objetivo agora é demonstrar de que forma a repetição participa deste processo trabalhando em favor da constituição e do desenvolvimento do psiquismo.

A referência fundamental desta seção será o artigo de Freud *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]) em que ele reelabora as forças e tendências que movem o funcionamento psíquico e que contém descrições cruciais dos processos que atuam no psiquismo antes de uma organização mais sofisticada do ego e antes da instalação do princípio de prazer.

Como foi apresentado, a tendência de proteger a homeostase narcísica é o imperativo primordial que rege o funcionamento do aparelho psíquico, só posteriormente a busca pelo prazer passa também a organizar os processos subjetivos. Quando Freud estuda o trauma e seus efeitos na organização do psiquismo (a neurose traumática), ele reconhece o protagonismo e a radicalidade dessa tendência, que é capaz inclusive de perverter a função do sonho. A produção onírica – que era compreendida de modo geral pelos psicanalistas como um trabalho que realiza indiretamente as exigências pulsionais impedidas pela consciência –, diante de uma perturbação traumática, deixa de ser uma atividade orientada exclusivamente pelo princípio de prazer e passa a produzir os sonhos traumáticos que reconduzem repetidamente o sujeito de volta à situação do trauma, trazendo somente desprazer para o psiquismo.

Nesta seção, o caminho para investigar a função da repetição no funcionamento psíquico será explorar porque essa tendência que visa proteger o narcisismo repete a situação do trauma fazendo o sujeito reviver o desprazer e a angústia experimentados anteriormente. A investigação explorará, em suma, *qual a relação da repetição com a preservação do narcisismo*.

Freud, para trabalhar esta questão, sai do campo da psicopatologia e passa a considerar o funcionamento psíquico normal através do célebre exemplo do jogo do carretel – uma estratégia argumentativa que merece destaque porque imediatamente já deixa de considerar a repetição como algo exclusivamente ligado ao sintoma:

Essa boa criança passou a apresentar agora o hábito, às vezes incômodo, de atirar todos os objetos pequenos que conseguisse pegar para bem longe de si, para um canto do cômodo, para debaixo de uma cama, etc. [...] Ao mesmo tempo, com uma expressão de interesse e satisfação, emitia um sonoro e prolongado “o-o-o-o”, que, segundo o julgamento da mãe e do observador, não era uma interjeição, mas significava “*fort*” (foi-se, desapareceu, foi embora). Finalmente me dei conta de que isso era uma brincadeira, e de que a criança apenas utilizava seus brinquedos para brincar de “*fortsein*” (ter ido embora, estar longe) com eles. Um dia fiz então uma observação que confirmou minha maneira de ver. A criança estava segurando um carretel de madeira enrolado num cordão. [...] atirava o carretel amarrado no cordão com grande destreza para o alto, de modo que caísse por cima da beirada do seu berço cortinado, onde o objeto desaparecia da sua visão, ao mesmo tempo que pronunciava seu “o-o-o-o” significativo; depois puxava o carretel pelo cordão de novo para fora da cama e

saudava agora seu aparecimento com um alegre “*da*” (aí, está presente, está aqui). Era, então, a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Em geral, só se via o primeiro ato, que era incansavelmente repetido como uma brincadeira em si, embora o maior prazer estivesse sem dúvida vinculado ao segundo ato (FREUD, 1920 [2006], p. 141).

Segundo Freud, essa brincadeira indica a aquisição da criança que, ao suportar a partida de sua mãe, consegue renunciar à forma arcaica de satisfação pulsional que a presença dela significa para o psiquismo. Em sua observação, o autor destaca o fato de que a primeira parte da brincadeira era repetida incontáveis vezes sem que ocorresse a segunda parte – quando acontece o reencontro com o objeto e quando o prazer do menino era mais evidente. Este fato chama atenção de Freud, porque, em sua brincadeira, a criança estaria dedicando-se mais a representar deliberadamente a cena desagradável da separação do que a alegria do retorno do objeto. Ele se intriga, pois essa brincadeira, da mesma forma que o sonho traumático, contraria a tendência do princípio de prazer. O que estaria a criança realizando então que não a obtenção de prazer?

O que ele conclui a partir dessa observação é central para o entendimento da repetição como mecanismo psíquico: a renúncia àquela forma arcaica de satisfação é “ressarcida” através de *uma outra realização* envolvida na brincadeira de desaparecimento e retorno:

A criança transformou a vivência da brincadeira por outro motivo [que não o prazer de reviver a separação da mãe]. Ela estava passiva, foi atingida pela vivência, e eis que se engaja em um papel ativo, repetindo-a como brincadeira, apesar de ser desprazerosa. (FREUD, 2006 [1920], p. 142).

*Através da repetição a criança muda, portanto, de posição, de passivo para ativo, em relação ao ocorrido.* Uma realização psíquica que tem um papel fundamental.

A passividade da qual a criança está tentando escapar na brincadeira é também, segundo Freud, o fator principal das neuroses traumáticas. Ele chama atenção para o elemento surpresa que indica que o sujeito foi atingido passivamente pela perturbação, gerando uma ameaça inesperada ao narcisismo. A situação de passividade é uma ameaça para o psiquismo porque remete diretamente à condição original do recém-nascido diante do inédito afluxo de pulsões para o interior do

aparelho psíquico. No momento inicial da vida, a ausência de recursos psíquicos deixa o sujeito apassivado pela invasão pulsional e impotente diante dos desafios da nova realidade extrauterina, o que faz com que a vivência de passividade fique associada ao desamparo e às perturbações da pulsão insatisfeita. É essa correspondência que associa a condição subjetiva do narcisismo precoce com o que acontece no psiquismo no momento do trauma, e é o que permite tomar a angústia de desamparo como protótipo da angústia experimentada pelo sujeito nas situações traumáticas: ambas são situações em que a precocidade ou o despreparo do psiquismo diante das excitações são o fator decisivo.

É justamente por isso que a mudança de posição de passivo para ativo configura uma realização tão importante para o psiquismo. Ser capaz de agir diante de uma situação perturbadora é uma forma de se proteger do impacto traumático que tal situação poderia causar no psiquismo, pois, segundo a compreensão freudiana, mais perturbador para o psiquismo do que atravessar uma situação angustiante é estar impotente e passivo diante dela. Assim, mesmo que isso pareça não fazer sentido pela ótica do princípio de prazer, repetir uma situação traumática anteriormente vivida é uma forma de manter o psiquismo preparado para as próximas perturbações que virão. Uma realização que, como insiste Freud, é mais urgente para o psiquismo do que a obtenção de prazer.

A capacidade de ação do aparelho psíquico e a possibilidade de se experimentar ativo em relação a um acontecimento se torna algo tão fundamental para Freud que ele irá, no artigo *Sintoma, inibição e angústia* (1926 [2014]), lapidar melhor essas ideias e reconstruir toda a sua teoria da angústia atribuindo a ela (em especial à angústia sinal) a função de preparar o psiquismo para um acontecimento perturbador.

O objetivo maior de Freud, em *Além do princípio de prazer* (1920 [2011]), é refundar a dinâmica do aparelho psíquico a partir do reconhecimento de outras tendências que regem o funcionamento mental. Nesse processo, tendo se deparado com a importância para o psiquismo de se experimentar ativo em relação a um acontecimento perturbador, Freud se preocupa em instalar, no seio do funcionamento psíquico, uma força que busque essa realização. Ele propõe a existência de uma *pulsão de domínio* (ou pulsão de apoderamento) que seria uma força atuante no psiquismo *cujo objetivo é proporcionar ao sujeito a experiência de controle de uma situação incômoda vivida passivamente*.

O valor da pulsão de domínio e sua influência nos processos psíquicos chama atenção de alguns autores. Paul Denis (2002), conforme comenta Efken (2017), trabalha para trazer o conceito de pulsão de domínio para o primeiro escalão da metapsicologia psicanalítica e sugere que esse seria o conceito central da teoria das pulsões. Efken (2017), por sua vez, descreve que a pulsão de domínio, por ter o objetivo de controlar o meio circunvizinho, permite ao psiquismo se adaptar à realidade. Uma compreensão importante que subsidia as hipóteses desta pesquisa.

Laplanche e Pontalis, no dicionário de psicanálise, descrevem que a pulsão de domínio é entendida por Freud como uma pulsão originariamente não sexual, cuja meta é dominar o objeto, que se une à sexualidade secundariamente, quando já se estabelece o princípio de prazer. Inicialmente, quando realiza a pulsão de domínio, o sujeito não leva em conta o objeto, nem os efeitos das ações no objeto em questão. A pulsão de domínio pretende mais utilizar-se do objeto como veículo para exercer controle sobre a perturbação que abala a homeostase narcísica do que tem como meta causar qualquer efeito no objeto. O que quer dizer que a ação de dominação não tem por objetivo a produção de sofrimento no objeto, não se tratando de uma ação de sadismo, por exemplo. O sadismo só surge quando a pulsão de domínio se associa, com o avançar do desenvolvimento psíquico, à pulsão sexual, de modo que “fazer sofrer não faz parte da meta originária” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982 [1992], p. 399) da pulsão de domínio.

Para o psiquismo, encontrar um modo que proporcione a satisfação da libido funciona como uma forma de dominar a fonte de perturbação que a pulsionalidade representa – conforme as descrições já apresentadas sobre o funcionamento do processo primário. Segundo o entendimento de Efken (2017), o trabalho psíquico de ligação da energia que invade o aparelho se trata de uma operação de controle impulsionada pela pulsão de domínio. Por este ângulo, *a ação da pulsão de domínio está envolvida nos processos de constituição do ego desde o autoerotismo*, que é um modo onipotente de satisfação das pulsões que pretende uma independência do psiquismo em relação ao mundo objetal.

A repetição das satisfações prazerosas marcadas no psiquismo é uma ação de atividade que tenta reverter a condição de passividade em relação à vida pulsional através do domínio das excitações, fazendo com que, para o autor, o aparelho psíquico seja um aparelho de dominação. Diz ele:

Tal primazia [da pulsão de domínio] parece assinalar um redimensionamento dos princípios que regem a teoria freudiana, a saber, a tarefa primordial de domínio das excitações figuraria como o princípio mais fundamental do funcionamento psíquico, orientado a dominar o mundo externo em sintonia com o domínio interno. (EFKEN, 2017, p. 32)

Em seu artigo, contudo, o autor não dá o passo que, para esta pesquisa, é fundamental: articular a pulsão de domínio à repetição. O autor foca principalmente na esfera do domínio das excitações e na vivência de prazer através da satisfação das excitações, e não avança na direção de investigar a função da repetição que, segundo a descrição de Freud, é uma ação movida pela pulsão de domínio.

A ideia que se quer destacar aqui é que o domínio exercido através da repetição realiza mais do que o controle das excitações pulsionais. *A repetição, ao retirar o sujeito da passividade, permite, ainda que de modo ilusório, que ele não se sinta à mercê de um mundo que não pode dominar.* Nesse sentido, o domínio seria responsável por ajudar a estabelecer uma relação possível entre o sujeito e a realidade.

Nesse sentido, o domínio da pulsionalidade importaria menos pelo prazer – embora importe obviamente – e mais pela posição de atividade que o sujeito experimenta em relação às perturbações. Há uma clara intersecção entre o caminho adotado por Efken e o que está sendo proposto aqui, uma vez que controlar o prazer e desprazer deixa o sujeito mais ativo em relação ao que acontece em sua experiência subjetiva, mas, como o objetivo aqui é enfatizar a função da repetição nos processos psíquicos, o acento recai sobre a importância desta atividade que realiza a dominação daquilo que foi vivido passivamente. Estar ativo, e não passivo, realiza algo que não é, necessariamente, o prazer da satisfação pulsional. Nas palavras de Efken:

É na atividade de domínio que o sujeito se apropria de si à medida que se apropria das suas vivências, ou seja, construindo à sua maneira singular de domínio interno/externo ele edifica seu ego. (EFKEN, 2017, p. 32).

O que Freud está desenvolvendo ao propor um conceito como a pulsão de domínio é a ideia de que, antes de poder obter prazer com os objetos, é imprescindível



para o psiquismo ser capaz de experimentar alguma forma de controle sobre os acontecimentos. A existência de uma capacidade de ação é o que deixa o psiquismo menos desprevenido para enfrentar as turbulências em sua homeostase narcísica.

E a repetição, movida pela pulsão de domínio, é, nesse contexto, portanto, o mecanismo psíquico que realiza o domínio de uma vivência perturbadora protegendo e preparando o psiquismo para as próximas perturbações. É uma estratégia do aparelho psíquico – não do ego que só se desenvolve posteriormente – que tenta manter o psiquismo ativo em relação aos acontecimentos angustiantes, visando com isso proteger o sujeito da angústia de desamparo que a experiência de passividade evoca. *A repetição da cena traumática, se não altera o ocorrido, altera a disposição psíquica com que o sujeito vivencia as perturbações.*

Essa é a relação da repetição com a preservação do narcisismo. A repetição compulsiva realiza o ímpeto de mudar de posição e permitir ao psiquismo a possibilidade de assenhorar-se da experiência angustiante vivida passivamente. Ímpeto que subverte a função do sonho dos neuróticos de guerra, que faz o menino repetir compulsivamente a cena da separação de sua mãe na brincadeira do carretel e que recria a perturbação para que o psiquismo possa experimentar-se no controle dos acontecimentos.

A pulsão de domínio, alinhada ao imperativo de proteger o narcisismo, atua organizando os processos psíquicos desde o momento inicial da vida em que não há outras tendências mais elaboradas que orientem os mecanismos defensivos. Como diz Freud, são tendências “mais arcaicas e que atuam de forma independente do princípio de prazer” (FREUD, 1920 [2006], p. 143). Quando, finalmente, se instala o princípio de prazer, e na sequência seu sucedâneo, o princípio de realidade, haverá então outros imperativos organizando o psiquismo. Isso não quer dizer que as primeiras estratégias são abandonadas ou superadas, nem que sua permanência indique necessariamente um quadro psicopatológico. Assim como o princípio de realidade e o princípio de prazer seguem operando simultaneamente no psiquismo, a pulsão de domínio e a compulsão à repetição seguem atuando, agindo em maior ou menor cooperação com o princípio de prazer para cuidar de duas necessidades psíquicas contíguas, mas diferentes: a manutenção da integridade narcísica e a evitação de desprazer.

Por realizar essa operação, a repetição vai se destacando, portanto, como uma estratégia importantíssima do aparelho psíquico. Ao que tudo indica, a repetição é o primeiro recurso psíquico e está envolvida tanto na repetição das experiências prazerosas que organizam inicialmente o psiquismo (processo primário) quanto na repetição das situações perturbadoras com a intenção de controlá-las e criar um mundo que – pelo menos em fantasia – se pode dominar (compulsão à repetição). Essas associações sustentam a suposição de que compulsão à repetição e o processo primário sejam duas faces de uma mesma moeda, uma organizando o psiquismo a partir das experiências de desprazer, a outra organizando a partir do prazer. Esta, contudo, é uma suposição que não poderá ser desenvolvida mais detalhadamente nesta pesquisa.

Articular a pulsão de domínio elaborada por Freud com as proposições apresentadas por Ferenczi em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913) – em que se entende que o desenvolvimento do psiquismo consiste numa sucessão de formas, cada vez mais sofisticadas, de realizar a ambição onipotente infantil de controle da pulsionalidade e dos objetos do mundo – permite pensar que o desenvolvimento do psiquismo se dá na direção de um aumento gradual e progressivo da atividade sobre o mundo, processo em que a repetição tem um papel fundamental. A capacidade representacional, que começa com as primeiras inscrições psíquicas de prazer que o psiquismo buscará repetir, é a maior e mais sofisticada conquista da pulsão de domínio. Simbolizar, imaginar, sonhar o mundo é a forma mais sofisticada de sair da passividade em relação aos incômodos e perturbações que acometem o psiquismo e de se tornar um agente capaz de se relacionar com as experiências angustiantes.

A aquisição psíquica que Freud descreve no bebê que brinca de *fort-da* parece ser justamente a possibilidade de *se tornar agente* da separação de sua mãe através da repetição dessa cena penosa. Neste momento precoce do desenvolvimento egóico – quando o que mais importa para o sujeito é experimentar-se seguro diante dos abalos na homeostase narcísica –, tornar-se agente da separação é o que faz com que a criança possa experimentar *uma afirmação narcísica fundamental ao se ver no controle dos acontecimentos que lhe impactam*. É a conquista dessa capacidade de domínio, através da atividade repetitiva, que dá condições para a renúncia da satisfação pulsional imediata que a presença de sua mãe proporciona.

Em suma, é dessa forma, portanto, que a repetição participa da constituição e do desenvolvimento do psiquismo: ao realizar uma mudança de posição em relação a um acontecimento perturbador, a repetição proporciona ao sujeito uma experiência de controle e assim preserva um sentimento de onipotência necessário para se relacionar com os objetos. Um sentimento fundamental para a estruturação do ego e para o sentimento narcísico de preservação e de continuidade diante das perturbações inevitáveis que a vida proporciona.

Esse entendimento faz com que aquela visão de alguns analistas que considera a repetição na clínica como um sintoma a ser superado, uma mera resistência ou um obstáculo dentro do tratamento psicanalítico, seja uma má interpretação das tendências atuantes no psiquismo. A repetição é muito mais do que um mal indesejado, ela é um mecanismo que compõe o funcionamento psíquico normal e que trabalha em favor de proteger e realizar afirmações narcísicas através do aumento da capacidade de ação do sujeito, uma realização essencial para o desenvolvimento e para a estruturação do aparelho psíquico. Mais do que uma estratégia defensiva que precisa ser superada ou substituída por outras, a repetição trabalha para manter um sentimento de potência do aparelho psíquico na desafiadora relação com a realidade.

#### **2.4 A repetição na transferência: via de acesso à organização precoce do psiquismo e às condições da fundação do ego**

Depois da exposição de algumas importantes formulações metapsicológicas que descrevem os processos e fenômenos presentes no narcisismo precoce, tem-se estofo suficiente para retornar ao esforço de atualização da técnica psicanalítica empreendido por Ferenczi e Rank, em *Metas para o desenvolvimento da psicanálise* (1924 [2022]), e melhor compreender suas considerações que reposicionam a repetição dentro do tratamento psicanalítico. Esta seção será dedicada ao entendimento dos autores sobre a importância capital que a repetição passa a ter no processo psicanalítico.

O potencial de comunicação que a repetição tem na clínica consiste justamente – como já disse Freud em *Recordar, repetir, elaborar* (1914 [1996]) – em permitir ao analista acessar e manejar as experiências muito precoces da vida do sujeito, aquelas que estão fora da memória, que só se revelam em ato já que são experiências de

momentos anteriores ao desenvolvimento do ego e de recursos psíquicos mais sofisticados.

Como destacado anteriormente, a repetição pode ser compreendida como uma ação psíquica que realiza funções cruciais para o funcionamento e o desenvolvimento precoce do psiquismo, sendo uma delas a possibilidade de tornar uma experiência perturbadora vivida passivamente numa experiência que o psiquismo possa dominar.

Articulando essas duas compreensões, se o sujeito – recuperando as ideias de Freud em 1914 – repete aquilo que não tem condições lembrar, *o material inconsciente que está fora da memória seria um material angustiante sobre o qual o psiquismo estaria tentando exercer algum domínio*. Dizendo de outra forma, o que está tentando ser dominado pelo psiquismo através da repetição compulsiva são os acontecimentos perturbadores da vida precoce do sujeito, experiências de um momento em que a prematuridade do psiquismo e sua falta de recursos deixavam o sujeito passivo diante das intensidades desafiadoras que marcam o início da vida psíquica.

Nesse trabalho conjunto, Ferenczi e Rank defendem que o conteúdo psíquico que se manifesta na clínica através das repetições é o material inconsciente mais importante, pois pode-se dizer que a repetição reencena no presente, e na situação analítica, os acontecimentos angustiantes da pré-história do ego e da fundação do psiquismo, acontecimentos que o sujeito segue tentando exercer controle através dessa estratégia rudimentar que dá condições para o sujeito se experimentar ativo em relação ao ocorrido, preservando desta forma o sentimento de potência narcísica.

O principal desafio do início da vida, a maior fonte de angústia e perturbação, vem – como já foi apresentado – da convivência com as exigências pulsionais. Satisfação ou não satisfação dos impulsos libidinais, neste momento originário, não significa ter prazer ou desprazer somente, significa antes ter um aparelho psíquico ameaçado de desorganização por tais impulsos. De modo que a tarefa primordial do psiquismo é encontrar uma forma de suportá-los e não viver atormentado pela inevitabilidade das exigências pulsionais.

Nas origens, no entanto, a capacidade de lidar com a perturbação que as pulsões e as tendências libidinais significam para a homeostase psíquica é totalmente dependente da relação com o entorno, dada a escassez de recursos próprios que o recém-nascido possui. A experiência no mundo, cuja satisfação das necessidades

vem de uma relação com os objetos, é uma novidade para o sujeito que acaba de nascer já que antes, no estado uterino – como destacado anteriormente – a preocupação com a manutenção da vida e a satisfação das pulsões nunca se apresentou como questão. Essa nova forma de satisfazer-se precisa ser apresentada gradualmente para o bebê e deve ser sustentada pelo entorno.

Assim, a partir do encontro com um entorno provedor, a libido organiza-se a partir das satisfações possíveis e das insatisfações inevitáveis que a vida extrauterina permite experimentar<sup>21</sup>. A questão é que nas fases iniciais do desenvolvimento subjetivo, em função da dependência absoluta que o bebê vive, a desadaptação do entorno, os desencaixes entre as necessidades e a obtenção de satisfação, representam uma grande ameaça à organização psíquica como um todo, pois a libido insatisfeita se configura como uma verdadeira ameaça narcísica, o que faz com que o sujeito viva a desadaptação como uma experiência de impotência e de desamparo.

Em função disso, diante das desadaptações do entorno, *o sujeito se vê na obrigação de encontrar sozinho formas para proteger-se destas perturbações* e, dada a sua prematuridade e sua parca percepção da realidade das coisas, em geral, se desenvolve um sentimento de que a desadaptação é causada por alguns dos seus próprios impulsos libidinais e necessidades – os autores descrevem um sentimento inconsciente de culpa<sup>22</sup>. Este conjunto específico de demandas libidinais que não encontrou satisfação fica marcado como perigoso para o narcisismo precoce do sujeito que, por continuarem exercendo pressão, ameaçam insistentemente a experiência de encaixe com o entorno. Os autores descrevem essa organização primordial como “neurose originária”. Isso é inevitável, pois, como foi apresentado anteriormente, a adaptação nunca é tão perfeita como deseja a onipotência do bebê, mas em graus extremos – quando a desadaptação do ambiente em relação às suas necessidades é muito grande – o sujeito acaba por desenvolver formas muito drásticas e distorcidas para lidar com estas perturbações (como a cisão e a identificação com o agressor, por exemplo).

Assim, as impossibilidades de satisfação dos impulsos libidinais exercem pressões – maiores ou menores – para o ego prematuro do sujeito se adaptar às exigências e limitações *do mundo a sua volta*. Isso pode ser descrito como a formação

---

<sup>21</sup> A libido insatisfeita marca o psiquismo tanto quanto a libido que encontrou alívio.

<sup>22</sup> Essa mesma experiência subjetiva é descrita na obra de Balint (1968 [2014]) como um sentimento paranoide em relação ao entorno.

de um ideal de ego (ou mesmo um superego) precoce que passa a “vigiar” a realização de tais impulsos para proteger o sujeito da experiência de desadaptação. O efeito disso é que próprio psiquismo, no curso de seu desenvolvimento, irá se opor defensivamente ao fluxo natural da libido, e, assim, as tendências marcadas como ameaçadoras para a organização subjetiva serão inibidas<sup>23</sup>.

Vale enfatizar, como descrevem Laplanche e Pontalis (1982 [1992], p. 109), que “a pulsão só é perigosa em virtude dos danos reais a que a sua satisfação corre o risco de levar”, não sendo perigosa em si mesma. Seguindo essa linha, um impulso agressivo, por exemplo, não é perigoso em si mesmo, é perigoso apenas em função dos efeitos que causa na relação com o entorno – ou seja, depende de como o entorno é capaz de acolher e conter os impulsos agressivos do sujeito. Em geral, se certas tendências são um problema para o entorno, serão também para o sujeito. Assim, dependendo da história individual, essas primeiras organizações promovem inibições e interrupções maiores ou menores no livre desenrolar do fluxo da libido. Freud dirá o seguinte a este respeito:

[...] o ego aprende a adotar uma atitude defensiva também para com seu próprio id, e a tratar as exigências instintuais [pulsionais] deste último como perigos externos, isso acontece, pelo menos em parte, porque ele compreende que uma satisfação do instinto [da pulsão] conduziria a conflitos com o mundo externo [...] *o ego se acostuma a remover a cena da luta de fora para dentro e a dominar o perigo interno antes que se tenha tornado externo*” (FREUD, 1937a [1996], p. 252. Grifos meus)

São essas condições da instalação deste conflito no interior do ego precoce do sujeito o que se repetem na transferência. Ou seja, repete-se a reação psíquica que se organiza contra a ameaça que um dado impulso libidinal representa para a relação harmônica com o entorno (e conseqüentemente para a integridade narcísica). Do ponto de vista da organização libidinal, a repetição revela como se organizou inicialmente aquilo que, por um lado, pôde fluir livremente e encontrou satisfação e aquilo que, por outro lado, não pôde ser satisfeito e se manteve como ameaça no

---

<sup>23</sup> Este não é um processo que acontece sem que o sujeito sinta uma boa dose de ódio pelos desencaixes na relação com o entorno. Quando a criança experimenta a interrupção do estado de harmonia uterina que ela deseja continuar vivendo, mesmo após o nascimento, surge uma voracidade canibalesca de incorporar o objeto de satisfação para reinstaurar a completude perdida. Pode-se constatar aí também uma atividade psíquica de dominação sobre os objetos de satisfação. O manejo desses afetos será abordado adiante, no próximo capítulo.

aparelho psíquico, tendo então que ser inibido. Uma ameaça que precisava ser mantida sob domínio. *Aparecem, portanto, os efeitos do conflito original do sujeito e a constituição do ideal de ego precoce a partir da adaptação da sexualidade e dos impulsos libidinais às possibilidades de satisfação oferecidas pelo entorno.*

Num processo analítico, o paciente projeta essa relação original sobre a figura do analista e, nesse contexto, como o objetivo da análise é liberar os pacientes das fixações infantis da libido, a resistência surge como uma defesa contra a ameaça de desconfiguração narcísica que a situação analítica representa. O encontro do paciente com as tendências libidinais ameaçadoras faz com que ele experimente uma angústia que remete diretamente à que foi sentida na ocasião das primeiras relações e das primeiras organizações subjetivas de sua vida. Para defender-se, o sujeito se mantém fixado e repete insistentemente essas primeiras organizações como forma de se manter no controle da organização narcísica e do escoamento da libido, resistindo, assim, aos interesses do analista de conduzi-lo a um outro lugar subjetivo.

Com este outro olhar para a repetição, o que antes era visto como um obstáculo no caminho da rememoração se torna o fenômeno crucial numa análise interessada em compreender os percalços singulares da fundação do psiquismo e para um fazer psicanalítico mais coerente com as elaborações metapsicológicas contidas em *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]).

Nas palavras dos autores, isso que era usualmente chamado de resistência, na verdade, traz à tona

[...] os traços de caráter e formações ideais sustentadas pelo Eu [...] nestes casos, é o peso de toda a personalidade do paciente que, sob a forma de uma inibição, obstrui o percurso automático da libido para o qual tende o seu inconsciente (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 24).

Essa resistência deriva, portanto, do imperativo primordial do psiquismo de proteger o narcisismo da relação com o entorno pouco acolhedor e impõe, diante do reaparecimento das tendências libidinais ameaçadoras, o enrijecimento das fixações e das inibições desses impulsos como resposta a um sentimento inconsciente de culpa que “deriva do choque entre o Eu (ou melhor, o ideal do Eu) e as tendências libidinais” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 25). A dita resistência do paciente conta, assim, a história do acolhimento e das relações precoces que este sujeito viveu.

Assim, a repetição – enquanto mecanismo psíquico, nesta faceta que cria fixações – trabalha para criar uma organização psíquica que se sustente, protegendo o sujeito da angústia que certos impulsos passam a representar para a organização psíquica, ao mesmo tempo em que cria um entorno inteligível, mantendo o sujeito no controle da cena em que esses impulsos perigosos emergem. Dessa forma, a repetição cria e mantém uma organização pulsional que faz com que as tendências libidinais possam circular por um caminho seguro nesta relação com o entorno. A repetição é uma ação psíquica de criação de um mundo possível de se viver em segurança quando não há outro recurso nenhum que possa fazê-lo. Diante da ameaça de desadaptação ao entorno que a vida pulsional constantemente representa, a repetição do esquema pulsional é uma tentativa de retirar o sujeito da posição de passividade e de desamparo ao lhe conferir alguma gerência sobre sua segurança através de algum controle sobre o escoamento – ou não – da libido. Essas repetições pretendem criar um mundo erótico possível de ser habitado em que a pulsionalidade encontra satisfação sem que o narcisismo fique ameaçado.

Por sua vez, a repetição numa análise – enquanto construção sintomática que revela o inconsciente – remonta, na transferência, a situação da relação primordial com o entorno, revelando a organização precoce do ego para proteger a si mesmo e a relação com o meio acolhedor; isso traz à tona qual era a ameaça ao narcisismo que o sujeito experimentava naquela circunstância. A repetição refaz numa análise, nas palavras de Ferenczi e Rank, “com todos os seus estágios iniciais, ‘a neurose originária’ do conflito edipiano que nunca havia sido realmente ativada” (1924 [2022], p. 32). É por esse motivo que a repetição se torna para eles mais importante do que a rememoração num processo analítico, pois “a psicanálise permite ao paciente reviver ou ao menos viver pela primeira vez, de modo parcial, a situação pulsional originária da infância” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 33). Isso faz com que o paciente, com a ajuda do analista, possa redimensionar o perigo que tais impulsos representam para seu narcisismo e, sem o medo da desorganização, o sujeito pode encontrar formas condizentes com o seu ego atual de satisfazer essas tendências libidinais anteriormente inibidas, sendo capaz, finalmente, de integrá-las ao conjunto de sua vida psíquica, podendo “tomar para si as possibilidades de satisfação substitutivas que são oferecidas pela realidade” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 34).



O estudo de como se organiza a libido desde as origens nessa relação com o entorno é muito enriquecedor para a clínica psicanalítica e a contribuição conjunta de Ferenczi e Rank é fundamental. Essa publicação é interessante também porque deixa ver tomando forma as ideias sobre os processos de adaptação que vão posteriormente ocupar Ferenczi de forma arrebatadora e que vão contribuir para transformar a psicanálise. O que merece algumas linhas.

Se em *Metas do desenvolvimento da psicanálise* (1924 [2022]) e, posteriormente, em *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (1926 [2011]), Ferenczi se dedica ao processo de adaptação do bebê ao mundo pelo ângulo dos processos psíquicos que ocorrem no recém-nascido, a partir de 1928 ele olha para o outro lado desta moeda e passa a tratar dos processos de adaptação pelo ângulo da qualidade do acolhimento oferecido pelo entorno ao bebê.

Ferenczi já vinha trabalhando com a compreensão de que o nascimento não é um problema para o sujeito em razão da separação do corpo da mãe e da perda da condição de onipotência e passividade harmônica que experimentava no útero. O nascimento poderá vir a ser um problema porque o recém-nascido é absolutamente dependente de que alguém se encarregue dos seus cuidados vitais e, sem que haja um entorno capaz de adaptar-se para atender as necessidades do bebê, este fica à mercê de suas imperiosas exigências de satisfação. Como já foi apresentado anteriormente, o problema ao redor do nascimento não diz respeito somente àquilo que se perde ao nascer, mas no acolhimento que não se ganha<sup>24</sup>.

Na série de artigos que se considera (KUPERMANN, 2019) a virada de 1928 e nos textos que sucedem, o autor dedicou-se a enfatizar a importância da adaptação do ambiente às necessidades da criança no início de sua vida para um bom desenvolvimento psíquico<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Apesar de o nascimento não ser traumático em si, é um excelente modelo para descrever o trauma, pois o nascimento representa um acontecimento perturbador da homeostase narcísica que o psiquismo passará toda a existência tentando elaborar e lidando com as consequências desse acontecimento. Esse, no entanto, é um esforço psíquico fundamental que cria todo o mundo humano, e que Ferenczi descreve como sendo "uma festa comemorativa, celebrando o feliz desfecho de uma situação difícil" (FERENCZI, 1924 [2011], p. 311). O nascimento é um luto, mas é também uma festa.

<sup>25</sup> Desde os primórdios das investigações de Ferenczi já se pode flagrar o que virá a aparecer em sua plena forma nesta virada de 1928 que é um olhar que valoriza as relações de subjetivação e os acontecimentos que atravessam a biografia do indivíduo. Como ressalta Dean-Gomes, antes mesmo de se aproximar da psicanálise, Ferenczi já vinha preocupado com os efeitos do acolhimento e do cuidado no desenvolvimento dos sujeitos, preocupado, por exemplo, com "qual corpo é fabricado pela máquina escolar húngara?" (DEAN-GOMES, 2019, p. 75). Em 1908, antes mesmo de se aproximar da psicanálise, Ferenczi já estava afirmando que "as primeiras vítimas da educação seriam as emoções e as ideias, que deveriam ser 'negadas', impondo à criança relacionar-se com um mundo enviesado pela

Em *Adaptação da família à criança* (1928), por exemplo, o autor destaca os efeitos que uma exigência de adaptação muito rígida e um acolhimento pouco sensível às necessidades da criança teriam sobre o desenvolvimento de sua relação com a realidade e com sua vida libidinal. Diz Ferenczi: "As nossas investigações psicanalíticas mostraram-nos que o primeiro passo no sentido da adaptação devia partir de nós [os adultos], e damos sem dúvida nenhuma esse primeiro passo quando compreendemos a criança" (FERENCZI, 1928 [2011], p. 1). Esta compreensão a que se refere consiste em ajudar a criança a conviver com seus impulsos libidinais, não apenas proibindo que certas tendências existam ou sejam satisfeitas. A simples proibição não faz com que a criança estabeleça uma relação saudável com seus conteúdos internos e sua vida pulsional. Nas palavras de Ferenczi, "a maneira como o indivíduo, nos cinco primeiros anos de sua vida, adapta suas necessidades primitivas às exigências da civilização determinará também a maneira como enfrentará na vida todas as dificuldades ulteriores" (FERENCZI, 1928 [2011], p. 6), *assim, a proibição rígida e precoce demais das exigências pulsionais indesejadas não permitirá que o sujeito desenvolva a capacidade de conviver com elas ao longo de sua vida, uma vez que tais pulsões compõem o conjunto da vida psíquica humana sejam elas aceitas ou não pelo entorno.*

Posteriormente, em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929 [2011]), o autor defende a ideia de que a maneira como a criança é acolhida no início de sua vida vai influenciar a forma como vão se desenvolver sua vida pulsional e sua capacidade de administrá-la. Ferenczi afirma que a adaptação do entorno às necessidades vitais do bebê – no sentido de satisfazê-las adequadamente – é o que vai garantir uma injeção de vida e marcar uma pulsionalidade em que a satisfação e a experiência de prazer são possíveis; afastando a criança de uma experiência em que a pulsionalidade significa somente perturbação, impotência e desamparo. O acolhimento e a satisfação adequados realizam "a imunização progressiva contra os atentados físicos e psíquicos, por meio de um tratamento e de uma educação conduzidos com tato" (FERENCZI, 1929 [2011], p. 58-59) e garantem, assim, a

---

hipocrisia e a mentira [...] a pedagogia atual obriga criança a mentir para si mesma, a negar o que sabe e pensa" (FERENCZI, 1908, citado por DEAN-GOMES, 2019, p. 130), gerando efeitos em que "a personalidade de alguns entre nós se tornou mais ou menos inapta para desfrutar sem inibição dos prazeres da vida" (FERENCZI, 1908, citado por DEAN-GOMES, 2019, p. 124). Isso merece destaque porque há uma dimensão política importante nessas ideias de Ferenczi.

fundação de uma vida erótica que se marca pela possibilidade de uma vivência menos perturbadora das tendências libidinais.

O que é traumático, portanto, não é o nascimento em si, mas um acolhimento oferecido ao recém-chegado que não o livra da experiência de desamparo e impotência diante da invasão inevitável da pulsionalidade. Sem essa adaptação precoce do entorno, “aqueles que perderam tão precocemente o gosto pela vida apresentam-se como seres que possuem uma capacidade insuficiente de adaptação” (FERENCZI, 1929 [2011], p. 59).

Como se vê, Ferenczi estabelece uma relação de causalidade entre a capacidade de adaptação do entorno ao bebê e a conseqüente capacidade de adaptação do bebê ao mundo. Adaptação é, portanto, um processo que depende do esforço empreendido tanto pelo sujeito que chega ao mundo quanto pelo entorno que o recebe, mas o trabalho de acolhimento é fundamental para que o sujeito possa desenvolver seus próprios mecanismos psíquicos para enfrentar os desafios da pulsionalidade e da relação com os objetos da realidade.

A partir dessas compreensões ferenczianas, a repetição na transferência ganha mais uma camada de conteúdos que podem ser revelados ao analista. Além de todas as nuances que se buscou apresentar aqui, a repetição revela também como era o entorno que acolheu a criança. Permite ao analista acessar a qualidade do acolhimento e da adaptação precoce oferecida pelo ambiente ao sujeito recém-chegado, uma vez que a qualidade desta adaptação se marca profundamente na organização das tendências libidinais e na constituição do próprio psiquismo, podendo acompanhar o sujeito ao longo de toda sua vida.

É por conta dessas compreensões que Ferenczi e Rank defendem, nesse trabalho escrito a quatro mãos, a importância capital de se poder repetir e reviver essas experiências fundadoras da subjetividade diante de alguém capaz de perceber seus significados. Somente essa experiência poderá alterar a atitude libidinal dos pacientes e lhes permitir, enfim, integrar e suportar seus próprios impulsos e afetos que, desprazerosos ou não, compatíveis ou não com as exigências egóicas e com as exigências do entorno, compõem o conjunto de sua vida psíquica. Afirmar isso é tratar de adaptação por um outro ângulo. A partir da admissão – e não da superação – dos impulsos infantis, o que requer uma mudança na atitude do analista – assuntos do terceiro e último capítulo desta pesquisa.

## **2.5 Reflexões acerca do aumento da capacidade de ação que acompanha o desenvolvimento psíquico**

Ao longo deste segundo capítulo, o estudo da constituição do narcisismo precoce e do desenvolvimento de suas estratégias subjetivas se deparou várias vezes com o fato de que a pulsionalidade representa um incômodo para o psiquismo. O principal entendimento é que a lida com a pulsionalidade é um imperativo para o aparelho psíquico e é o motor que impulsiona o seu desenvolvimento na direção de encontrar formas cada vez mais sofisticadas de se livrar das exigências pulsionais, ambicionando com isso um retorno ao estado anterior à emergência de tais perturbações.

Para atingir os objetivos deste estudo – investigar a função da repetição no funcionamento mental e então refletir sobre o manejo da repetição na clínica psicanalítica – optou-se por se concentrar no estudo do desenvolvimento precoce do aparelho psíquico, mantendo uma certa distância das complexidades que envolvem a teoria das pulsões. Acontece que, como constatado nas seções deste segundo capítulo, no que diz respeito ao funcionamento do aparelho psíquico, a repetição e a pulsionalidade são temas intimamente articulados.

Convém lembrar que, no curso do amadurecimento do saber psicanalítico, a repetição anunciava algo que a teoria ainda não tinha podido compreender sobre o funcionamento da mente e, quando Freud se debruçou sobre este enigma teórico e clínico, ele encontrou algo que o fez rever justamente a teoria das pulsões. Suas descobertas fizeram com que ele tivesse que reconsiderar não apenas seu entendimento sobre as neuroses e a relação analítica, mas as leis que regem o funcionamento psíquico como um todo.

O estudo desse campo específico do conhecimento psicanalítico, a teoria das pulsões, deixa o psicanalista numa região bem mais obscura da metapsicologia. Diferentemente, por exemplo, do estudo das leis que orientam o trabalho do sonho, onde se encontra descrições mais bem delineadas – típicas das postulações do início da produção teórica de Freud –, fazer esta aproximação dos assuntos que circundam a teoria das pulsões e sua relação com o psiquismo envolve passear por descrições mais especulativas, mais enigmáticas e até mais confusas. O próprio conceito de pulsão é um desafio. Trata-se de uma noção abstrata, que não se observa diretamente

na clínica; descreve uma entidade limite que é, ao mesmo tempo, psíquica e somática, que ao mesmo tempo faz parte do aparelho psíquico e lhe é estrangeira. É tão enigmática que não encontra consenso nem entre os tradutores da obra freudiana para a língua portuguesa, que ficam entre *pulsão* e *instinto*. Isso parece indicar que se está caminhando sobre as fronteiras do conhecimento psicanalítico, o que requer um pouco de cautela e paciência. Como previne Freud, “as pulsões são o mais importante e também o mais obscuro objeto de investigação psicológica” (FREUD, 1920 [2006], p. 158). Essa discussão, no entanto, apesar de um tanto vertiginosa, é fundamental pois diz respeito à visão de homem da psicanálise. Um assunto capital para o saber psicanalítico sem o qual a tarefa de compreender o que faz sofrer e o que faz curar perde em rigor.

Assim, fazendo as aproximações necessárias, mas mantendo uma distância segura desse atoleiro conceitual, o que se quer afirmar, principalmente, quando se defende que o psiquismo se desenvolve a partir da relação com a pulsionalidade, é que a pulsionalidade, por ser essa exigência de trabalho inescapável que se impõe ao psiquismo, tem uma ação absolutamente passivizante. Essa é uma compreensão que ajuda a nortear o entendimento acerca dos imperativos que regem a organização e o desenvolvimento do aparelho psíquico.

A este respeito, Renato Mezan propõe uma forma interessantíssima de navegar por esta zona nebulosa existente entre as forças que movem e as leis que organizam o funcionamento psíquico e ajuda a melhor compreender o lugar e o papel da repetição na arquitetura da mente. Ele afirma que a teoria das pulsões pode ser vista como um “conjunto transcendental de princípios”, em que se destacam, após a reformulação em 1920, “dois princípios transcendentais, a Repetição e a Ligação, fundando respectivamente as pulsões de morte e as pulsões de vida” (MEZAN, 2013, p. 268).

A repetição como um princípio, elevada à categoria de fundamento do funcionamento mental, incluída desta forma no seio da atividade psíquica, é um entendimento crucial que possibilita reinterpretar a atividade repetitiva e os seus efeitos na dinâmica psíquica.

Como se viu ao longo das seções deste segundo capítulo, a repetição está embrenhada nos processos psíquicos desde as origens de forma quase onipresente. O que se evidencia paralelamente é a profunda relação da repetição com o controle

da pulsionalidade – entendimento que permite fazer um giro a partir da descrição de Mezan.

O desejo onipotente de se livrar, de uma vez por todas, dos incômodos da pulsão segue imperando independentemente do grau de amadurecimento do ego do sujeito. O que evolui – como descreve Ferenczi em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913 [2011]) – não é esse desejo, mas as formas de tentar realizá-lo. Isso reforça a tese da *presença transversal de uma necessidade de controle que molda as ambições do psiquismo e que permanece ao longo do amadurecimento*. Essa necessidade de controle é o que aumenta gradualmente a capacidade de ação do aparelho psíquico e que inventa formas cada vez mais sofisticadas de tentar repetir a primeira experiência de satisfação – do chupar de dedo do bebê às construções da cultura.

O que as noções estudadas neste capítulo ajudaram a ver é que o psiquismo talvez não queira necessariamente repetir: *sua ambição primordial talvez seja estar no controle, se sentir ativo e potente diante do desafio de existir numa vida em que a satisfação não está garantida*. A repetição seria, por este ângulo, um meio para um fim. A partir deste ponto de vista, faz sentido olhar para esse princípio de repetição, proposto por Mezan, também como um *princípio de atividade*, que impulsiona o psiquismo numa direção contrária à passividade imposta pela pulsão.

Longe de querer propor a existência de algo novo na dinâmica do psiquismo, pensar num princípio de atividade é uma ousadia que conjuga os achados deste estudo com a proposição de Mezan e com a elaboração de Efken (2017) – que descreve o aparelho psíquico como um aparelho cuja tarefa primordial é o domínio das excitações, entendimento que lhe faz considerar a dominação como o princípio mais fundamental do funcionamento psíquico.

Mas qual seria a utilidade deste tipo de proposição?

Considerar um princípio de atividade é uma forma condensada de descrever o que a repetição faz pelo funcionamento psíquico. Permite localizar melhor na arquitetura da mente o desejo onipotente de controle, que segue agindo normalmente no psiquismo, livrando-o, assim, da carga patologizante que comumente o acompanha no pensamento psicanalítico. Nesse sentido, a onipotência infantil, longe de ser apenas uma fixação adoecida, é um sentimento necessário para proteger o narcisismo dos golpes frustrantes da realidade, já que, sem uma experiência de potência

minimamente preservada e sem que o sujeito experimente uma capacidade de controle suficiente, a relação com a realidade fica insuportável. Experimentar-se ativo é crucial para que o sujeito possa confiar no próprio psiquismo e possa viver a relação com os objetos da realidade de uma forma menos desafiadora. Em função disso, a descrição de um princípio de atividade tem um valor heurístico que ajuda a incluir no seio do funcionamento mental a importância da realização da potência do sujeito, que o livra das angústias despertadas pela passividade e pelo desamparo através da atividade repetitiva.

Aumentar a atividade e a capacidade de ação, no entanto, não é somente uma necessidade defensiva contra o horror da passividade e da impotência; é também uma forma de tentar garantir aquilo que se perdeu, num esforço em que o sujeito tenta se bastar. Assim, pode-se considerar que a sofisticação da capacidade de ação objetiva desempenhar substitutivamente o papel do útero ou do entorno que acolhe, possibilitando ao sujeito reviver simbolicamente a harmonia do estado uterino por meio do controle das satisfações pulsionais. Nesse sentido, o psiquismo como um todo, e o ego em especial, seriam construções que almejam tapar os buracos deixados pela desadaptação do entorno cuidador, controlando aquilo que incomoda através do remendo dos desencaixes, na tentativa de recriar a situação uterina perdida.

A presença deste imperativo de atividade e de controle é tão radical que se verifica inclusive na formulação de Freud de que o organismo deseja “morrer a sua própria maneira” (FREUD, 1920 [2006], p. 162). O que se constata é que, do confronto entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, emerge um psiquismo com a ambição de ser agente do seu próprio destino. Um psiquismo que não quer perder o controle sobre nada. Aí que mora o problema.

O fracasso desse empreendimento onipotente de controle sobre os objetos de satisfação é inevitável. Por mais que o psiquismo se esforce para se tornar ativo nesse processo perturbador de perder o útero e encontrar satisfações substitutas perfeitas, ele é constantemente frustrado por aquilo que lhe escapa e que não pode controlar, sendo repetidamente lembrado de que é impossível recriar, na vida, uma experiência de completude e de harmonia análoga à experiência uterina.

O impacto dessa frustração tem muitos destinos possíveis dentro da dinâmica subjetiva, mas, como já foi anunciado, ela é fundamental para o desenvolvimento do aparelho psíquico. É justamente este fato de que o sujeito não chega nunca a realizar

inteiramente suas ambições de controle que garante, paradoxalmente, que o princípio de atividade siga impulsionando o desenvolvimento do psiquismo. Se bastasse ao sujeito uma ação que desse conta inteiramente da pulsionalidade, não seria necessário o desenvolvimento de outras estratégias. Assim, hipoteticamente, tendo o sujeito conseguido dominar completamente a pulsionalidade e tendo ela deixado de ser uma perturbação, o estado uterino teria sido recriado e a ambição onipotente infantil teria sido finalmente satisfeita. Descanse em paz.

Para sorte dos humanos, a pulsionalidade não deixa que isso aconteça. Como fonte inesgotável de perturbações, a pulsionalidade segue desafiando a capacidade de ação do psiquismo, que terá constantemente que se reinventar para continuar se experimentando ativo em relação às demandas pulsionais. Assim, se a necessidade de controle é o que impulsiona o desenvolvimento das estratégias psíquicas, é o fracasso dessas formas de controlar que efetivamente faz o psiquismo avançar e se sofisticar. Desse modo, são as frustrações que mantêm o psiquismo aberto para os objetos do mundo e impelem a construção constante de novas estratégias para satisfazer a pulsão. Para tanto, é fundamental que haja no psiquismo, além deste princípio de atividade, uma outra tendência organizadora, algo que o impulsiona na direção do novo e oriente o esforço incessante de ligar a pulsão aos objetos que possam satisfazê-la. Na descrição de Mezan, o que garante esse movimento é o princípio de ligação, associado às pulsões de vida.

Para finalizar essa apresentação, a descrição de um princípio de atividade vem contribuir para a importante discussão sobre os princípios que organizam os processos psíquicos. Sem uma clareza sobre as leis que regem o funcionamento subjetivo, o psicanalista fica no escuro para compreender aquilo que faz sofrer e aquilo que faz curar. Ter em mente um princípio de atividade auxilia no entendimento das causas do sofrimento psíquico e permite compreender de que forma a repetição, paladina do controle, participa dos processos psíquicos que levam ao adoecimento.

Como se pretende demonstrar no terceiro e último capítulo desta pesquisa, muito se ganha ao interpretar o adoecimento psíquico como um adoecimento das formas de controle.



### 3 MANEJO DA REPETIÇÃO E OS DESTINOS DA ONIPOTÊNCIA INFANTIL

Tendo apresentado algumas nuances dos processos psíquicos e do desenvolvimento do narcisismo precoce, é chegada a hora de refletir sobre a atitude do analista e o estilo clínico necessário para o enfrentamento dos impasses que os imperativos onipotentes que atuam no aparelho psíquico trazem, através da repetição, para a sala de análise.

A primeira seção desta última parte do trabalho se foca nos esforços do aparelho psíquico e em suas insuficiências, para preencher as rachaduras que a frustração das exigências pulsionais abrem na experiência subjetiva do ser humano. A ênfase recai sobre a forma como a frustração abala as ambições onipotentes que imperam no psiquismo e desafiam o narcisismo a reencontrar modos de manter-se organizado. Uma ambição extremamente ambivalente que está envolvida com a construção de formas saudáveis de adaptação, ao mesmo tempo que está implicada na produção do adoecimento psíquico.

Em seguida descreve-se de que forma o manejo da repetição, enquanto experiência regressiva, exige uma certa atitude do analista para acolher os conteúdos infantis que são reencenados pelo paciente na transferência. Por trazer à tona modos infantis de relacionamento com os objetos frustrantes, a repetição deixa o paciente numa posição limite entre reviver os traumas infantis ou experimentar um acolhimento diferente para as suas dores. Por esta razão, a capacidade do analista em suportar a emergência de afetos profundos e de angústias intensas é crucial para o processo, pois é a maneira como essas frustrações são enfrentadas pela dupla analista-analisando que permite que a relação com a pulsionalidade e com os objetos da realidade material seja amadurecida, sendo fundamental compreender as nuances desse processo.

Na última seção deste trabalho, faz-se um esforço para delinear, a partir dessas reflexões, um outro paradigma relacional que não esteja apoiado no horror à castração e à passividade. Argumenta-se, aqui, em favor da importância de se manter aberto para os objetos do mundo e a aceitação da condição de passividade como única via possível para se livrar das ambições onipotentes adoecidas que tentam proteger o psiquismo da única coisa que pode, verdadeiramente, satisfazer suas necessidades: os objetos da realidade.

### 3.1 O limite das ambições onipotentes e o encontro com a castração

Depois de muito trabalhar para redescrever o modelo de aparelho psíquico da psicanálise, Freud, no artigo *Neurose e psicose* (1924a), se dedica a apresentar de uma forma objetiva e esquemática como se dá o adoecimento psíquico. Segundo ele, tanto nos quadros neuróticos quanto no caso das psicoses,

A etiologia comum é a mesma: a privação, a não-realização de algum daqueles *desejos da infância, sempre indomáveis e tão profundamente enraizados na nossa organização psíquica*. [...] *Essa privação parte, em última análise, sempre de uma circunstância externa*, mas, em certos casos, ela também pode partir daquela instância interna (situada no Supra-Eu [superego]) que se incumbiu de assumir a função de representar as exigências da realidade. (FREUD, 1924a [2007], p. 97, grifos meus).

O que faz sofrer, portanto, é a frustração resultante do desencontro entre as exigências da pulsionalidade e as possibilidades de satisfação oferecidas, ou “autorizadas”, pelo entorno. Diante desse desencaixe, Freud descreve que algo como um “dilema” se põe para o psiquismo:

É preciso saber se, em uma situação de tensão causada por um conflito, ele permanece fiel à sua dependência do mundo externo e tenta silenciar o Id ou se ele se deixa subjugar pelo Id e dessa forma desgarrar-se da realidade (FREUD, 1924a [2007], p. 97).

Segundo ele, o efeito patogênico dessa privação depende da reação do ego, que pode se organizar de uma forma neurótica ou de uma forma psicótica. Ler essa esquematização de Freud à luz das elaborações de Ferenczi, em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913 [2011]), traz *insights* interessantes.

Nesse artigo, como detalhado anteriormente, Ferenczi se dedica justamente a descrever como se desenvolve a relação com a realidade a partir das frustrações. Segundo sua leitura, são os desencaixes frustrantes que vão mostrando ao sujeito que o mundo externo é mais complexo e mais insubordinado do que ele espera. No caso de as frustrações serem severas e precoces demais, quando se dão num momento do desenvolvimento psíquico em que a pulsionalidade é mais real do que a relação com a realidade, menos recursos subjetivos o sujeito terá para lidar com a

estranheiridade do mundo que se impõe através dos desencaixes. E, em função dessa relação com a pulsionalidade ser mais íntima e mais originária do que a relação com os objetos externos, já que o sentido de realidade só amadurece gradualmente, o que se vê nesses casos é que o ego se afasta da realidade, configurando um quadro de psicose.

O efeito de uma privação intensa e precoce demais, portanto, é que o sujeito estabelece uma relação distorcida com sua vida pulsional, mas, sobretudo, com a realidade: ele não viverá a experiência de uma pulsionalidade que pode ser satisfeita na realidade tal qual ela lhe foi apresentada, não sendo possível negociar com suas limitações. Diante disso, como também são incontornáveis as urgências da pulsão, o sujeito termina por recriar uma realidade a partir de suas demandas pulsionais, “subtraindo a ela [a realidade] os elementos perceptivos e substituindo-os por alucinações construídas sobre os resíduos mnêmicos de antigas percepções” (MEZAN, 2013, p. 318), sobre as marcas deixadas pelas antigas experiências de satisfação, pode-se pensar.

Na neurose, diferentemente, como a apresentação da realidade se dá de uma forma menos invasiva e se constitui um elo mais seguro com suas nuances, se mantém preservada a relação com a realidade como um celeiro de possibilidades de satisfação. O efeito disso é que o sujeito compromete sua relação com as demandas pulsionais, manipulando-as: o sujeito “recria” uma pulsionalidade mais adequada às possibilidades de satisfação encontradas na realidade, às custas do adiamento de sua satisfação ou do impedimento de sua satisfação direta – uma concessão feita em nome da esperança de que alguma negociação com os objetos de prazer seja possível (princípio de realidade). Nas palavras de Freud,

o Eu, colocando-se a serviço do Supra-Eu e da realidade, acabou entrando em conflito com o Id [...] o Eu tomou o partido das forças [da realidade], cujas reivindicações se fazem ouvir mais fortes dentro dele, de modo que, ao fim, elas se mostram mais influentes do que as reivindicações pulsionais do Id (FREUD, 1924a [2007], p. 96).

Isso posto, a ideia anterior de um ego que se vê, numa situação de frustração, diante do *dilema* de comprometer sua relação com a pulsionalidade ou comprometer a relação com a realidade, não é assim tão justa, pois, quando as privações são precoces demais, o ego não tem recursos suficientes para reagir de uma forma que

não seja organizando-se de forma psicótica. O valor dessa ideia, no entanto, está no protagonismo que Freud atribui ao ego, deixando transparecer uma noção que, embora esteja oculta, está presente nessas elaborações sobre o adoecimento psíquico: a ambição onipotente infantil que resiste no psiquismo, conforme destaca Ferenczi em sua obra. A fórmula mais completa dessa esquematização de Freud, conjugada às ideias de Ferenczi, poderia ser descrita, então, do seguinte modo: a situação de privação põe o ego diante do dilema de “escolher” o que sacrificar – se a satisfação das pulsões ou a adaptação à realidade – *em nome proteger o narcisismo das frustrações e preservar o sentimento de onipotência*.

Freud, em *A perda da realidade na neurose e psicose* (1924b [2007]), afirma algo que corrobora esse entendimento:

Neurose e psicose são ambas a expressão da rebelião do Id contra o mundo externo, a expressão do seu desprazer ou, se quisermos, de sua incapacidade em se amoldar à real necessidade (FREUD, 1924b [2007], p. 128).

Parece que, nessa passagem, o id está representando o psiquismo como um todo, de forma metonímica, o que permite que essa rebelião seja pensada como uma reação do psiquismo, frustrado em suas ambições onipotentes, que recusa a submeter-se inteiramente aos limites da realidade. Neurose e psicose seriam, então, construções sintomáticas do ego que pretendem contornar as insuficiências do mundo objetal e se manter no controle das satisfações. É em nome de manter real a onipotência narcísica que se sacrifica a conexão com a realidade do mundo externo e/ou a conexão com a realidade incômoda das pulsões. A partir desse entendimento, isso que Freud chama de “perda da realidade” (1924b [2007]) pode ser interpretado como um efeito da preservação do sentimento de onipotência infantil. O ego, trabalhando com os recursos que possui, ergue defesas que tentam anular a experiência de frustração, na esperança de que a existência continue sendo possível apesar deste golpe no narcisismo.

O que se deduz a partir dessas reflexões é, em suma, que, ao psiquismo, na verdade, é exigido articular três imperativos diferentes: (1) a onipotência infantil de se manter no controle e dominar as discontinuidades que ameaçam o narcisismo, (2) atender as demandas do id, eliminando o incômodo causado pela pulsão que exige satisfação incessantemente e (3) a adaptação às possibilidades limitadas de

satisfação que a realidade dispõe para o sujeito. Imperativos que são não só conflitantes entre si, como são impossíveis de serem realizados inteiramente. De modo que, para um desenvolvimento psíquico satisfatório, esses três imperativos terão que se contentar com uma realização apenas parcial.

A grande causa do adoecimento psíquico não está, portanto, exatamente na frustração, mas *reside na impossibilidade de o psiquismo se contentar com uma experiência de potência narcísica que é apenas parcial.*

O que a descrição de Ferenczi em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913 [2011]) permite ver é que as defesas são fixações em certas organizações que pretendem, imaginariamente, garantir, ao mesmo tempo, a realização desses três imperativos, como se a onipotência não tivesse sido abalada. O problema dessas fixações é que elas se apoiam numa concepção limitada da realidade e conservam uma forma empobrecida de se relacionar com ela, o que impede a boa adaptação do sujeito. Freud, em *Análise terminável e interminável* (1937a [1996]), comenta o seguinte a este respeito:

São medidas primitivas de defesa, tomadas pelo ego imaturo, débil. Nos anos posteriores não são levadas a cabo novas repressões, mas as antigas persistem, e seus serviços continuam a ser utilizados pelo ego para o domínio dos instintos [pulsões]. (FREUD, 1937a [1996], p. 242-243).

Dizendo de outra forma, o sujeito está tentando relacionar-se com uma realidade complexa com mecanismos e organizações que concebiam uma realidade muito mais simples. De novo com Freud:

O primeiro passo no sentido de chegar ao domínio intelectual de nosso meio ambiente é descobrir generalizações, regras, leis que tragam ordem ao caos. Fazendo isso simplificamos o mundo dos fenômenos, mas não podemos evitar falsificá-lo. (FREUD, 1937a [1996], p. 244).

É em função disso que essas estratégias defensivas seguem produzindo sofrimento, pois, apesar de tentarem realizar a adaptação do sujeito à realidade frustrante, elas criam na verdade desadaptações. A existência de pulsões que não se domina e a existência de uma realidade que insiste em ser diferente dos anseios onipotentes são fatos incontornáveis e lembram o sujeito constantemente da insuficiência de seus esforços defensivos. Assim, quanto mais ardentemente o sujeito

nega a realidade do mundo objetal e a urgência de suas tendências pulsionais, mais duramente suas organizações defensivas fracassarão e mais exposto ficará o sujeito às frustrações e ao sofrimento causado pelo sentimento de impotência. Nada garante o controle absoluto sobre o id.

Assim, em suma, pode-se considerar o adoecimento psíquico como um adoecimento das formas de controle que, ao criar fixações, impedem o desenvolvimento de estratégias mais bem adaptadas às complexidades do mundo externo. Com isso, “o ego do adulto, com sua força aumentada, continua a se defender contra perigos que não mais existem na realidade” (FREUD, 1937a [1996], p. 254). Essas formas adoecidas de controle revelam, nas palavras de Zygouris, a existência de um “Eu, como um todo, submetido ao charme, hipnotizado pelo ausente” (ZYGOURIS, 1995, p. 121); isto é, hipnotizado pela ilusão de completude que imperava antes da experiência de frustração.

No entanto, como foi apresentado anteriormente, se, por um lado, é em nome das ambições onipotentes que se adocece, também é a partir delas, por outro lado, que se pode encontrar uma posição minimamente confortável no meio de tantas limitações. Nas palavras de Freud,

A neurose não renega a realidade, ela somente não quer tomar conhecimento dela; a psicose renega-a e procura substituí-la. Consideramos normal, ou ‘saldável’, aquele comportamento que reúne características de ambas as reações, ou seja, que tal como a neurose, não renega a realidade, e tal como a psicose, empenha-se em modificá-la. (FREUD, 1924b [2007], p. 129).

O que se vê é que se adaptar é estar submetido a uma realidade frustrante e desagradável, mas também conservar a ambição de poder transformá-la e então encontrar nela formas de, ainda assim, satisfazer satisfatoriamente as demandas pulsionais. Formulação que abre espaço para o potencial criativo que há na onipotência infantil, para além da necessidade patológica de negação das frustrações. Isso descreve uma posição subjetiva particularmente paradoxal, que conjuga a potência e a impotência narcísica, e que merece detalhamento por estar na fronteira entre o que é adoecimento psíquico e o que não é.

Em *Análise terminável e interminável* (1937a [1996]), Freud toca este tema quando, interessado em refletir novamente sobre os objetivos do tratamento psicanalítico, se questiona a respeito dos limites da intervenção da psicanálise. Quão

profundamente na organização psíquica dos sujeitos a psicanálise pode, e deve, intervir?

Partindo do entendimento de que o esforço terapêutico da psicanálise é tratar simultaneamente dos conflitos do ego com a pulsionalidade e com a realidade externa, Freud reconhece que o conflito mais suscetível à influência da análise é o embate com o mundo exterior, isto é, o fator acidental da vida do sujeito, responsável pelas privações. Isso porque o tratamento, nesses casos, consistiria “apenas” na análise da relação do sujeito com o mundo externo.

Para ele, o enfrentamento dos conflitos do ego com a pulsionalidade seria bem mais complexo, pois envolve tratar aquilo que é constitutivo do aparelho psíquico, ou seja, as intensidades das pulsões e a estruturação subjetiva que lida com essas intensidades – o que requer um entendimento ainda mais profundo sobre o funcionamento do psiquismo. Freud admitia, naquela época, que “nosso conhecimento desses assuntos ainda é insuficiente. Só agora eles estão se tornando matéria de estudo analítico” (FREUD, 1937a [1996], p. 236). “Esses assuntos” parecem ser justamente os temas do narcisismo precoce: a constituição e o desenvolvimento do aparelho psíquico a partir da relação precoce com a realidade exterior – temas aos quais Ferenczi se dedicou intensamente, especialmente após a virada de 1928, e que culminou na proposição do ambientalismo psicanalítico, que hoje está consolidado no campo.

Em *Análise terminável e interminável* (1937a [1996]), no entanto, Freud está justamente divergindo do que Ferenczi apresentou em *O problema do fim da análise* (1928b [2011]) sobre até onde pode ir o trabalho do analista e qual deve ser sua postura diante do paciente para atingir seus objetivos. Isso é interessante observar porque essa diferença entre as compreensões de Freud e Ferenczi determina entendimentos diferentes sobre adoecimento psíquico e os limites da intervenção psicanalítica.

As ideias de Ferenczi serão trabalhadas em profundidade na próxima seção deste estudo, mas vale adiantar que, para ele, o principal objetivo da análise é desfazer as fixações e inibições patológicas da libido, livrando o paciente das organizações precoces do circuito pulsional que tentaram, nas origens, garantir a satisfação das pulsões e uma boa relação com os objetos de satisfação. O objetivo último da análise é, em suma, penetrar profundamente na organização psíquica do

paciente e refundar sua relação com pulsionalidade e, conseqüentemente, com a realidade.

Segundo seu entendimento, a cura somente se efetiva quando se consegue estabelecer uma rigorosa separação entre o que é real e o que é fantasia. Mas não toda e qualquer fantasia: especificamente a fantasia onipotente infantil que nega a realidade e que leva ao adoecimento psíquico.

Ferenczi, ao analisar nesse artigo a necessidade compulsiva de mentir de um paciente, parece levar em consideração as afirmações de Freud, em *A perda da realidade na neurose e psicose* (1924b [2007]), quando se preocupa em enfrentar os malabarismos que o psiquismo é capaz de fazer para contornar as frustrações e se proteger das pulsões insatisfeitas, cuja realização contraria o ideal de ego precoce e ameaça o narcisismo. Para desfazer esses malabarismos a análise precisa, nos termos de Ferenczi, *desmentir* o significado dessas moções pulsionais para que elas possam ser incorporadas ao conjunto da atividade pulsional e, com isso, livrar o sujeito das fixações defensivas que visam controlá-las de forma onipotente. Somente o enfrentamento dessas fixações permitiria que o sujeito pudesse estabelecer uma relação mais bem adaptada entre seu ego, sua vida pulsional e as possibilidades de satisfação presentes na realidade. Isso quer dizer que, para Ferenczi, para análise ser concluída, ela precisa ser, além de uma análise de sintoma, uma análise de caráter, e realizar mudanças profundas na organização psíquica dos pacientes. Ele está convencido de que o processo analítico é capaz de realizar tal façanha e, em função disso, aposta no poder profilático da psicanálise, que seria capaz levar o paciente a estabelecer definitivamente uma relação menos onipotente e mais “real” com a realidade.

Freud por sua vez, ao contrário de Ferenczi, não acreditava que a psicanálise pudesse intervir tão profundamente assim na organização psíquica dos sujeitos e que ela não teria esse poder profilático de prevenir o sujeito de sofrimentos futuros: “acho que quanto a isso Ferenczi estava pedindo muito” (FREUD, 1937a [1996], p. 269). Ele concorda que o objetivo da análise é “amansar” a pulsão, fazer com que ela deixe de ser tão ameaçadora para o sujeito e que possa estar “em harmonia com o ego” (FREUD, 1937a [1996], p. 241), porém, segundo seu entendimento, uma análise não é capaz de “imunizar” o paciente contra os conflitos com suas próprias pulsões – mesmo que se consiga realizar uma “alteração profunda em de sua personalidade”



(FREUD, 1937a [1996], p. 240). Para Freud, a análise não consegue atingir tamanha profundidade e “partes dos antigos mecanismos permanecem intocadas pelo trabalho da análise” (FREUD, 1937a [1996], p. 245). É em *Análise terminável e interminável* (1937a [1996]) que Freud postula que as ambições terapêuticas da psicanálise estancam diante do famigerado *rochedo da castração*<sup>26</sup>.

Apesar do tema da castração provocar bastante antipatia, por se apoiar – tanto científica quanto politicamente – em pressupostos imprecisos de Freud e de seus contemporâneos no que diz respeito à feminilidade, carregando uma compreensão sexista, falocêntrica e um tanto antiquada sobre a diferença anatômica entre os sexos e suas consequências psicológicas (AMORIM, 2022), a castração, colocada como esse limite para a tarefa da análise, merece detalhamento. É preciso que se dedique um momento ao significado psíquico da castração.

Esse é um tema extremamente abrangente e fundamental para a psicanálise que aparece como questão quando se reconhece as teorias sexuais que as crianças constroem, no curso do amadurecimento psíquico, para tentar compreender a diferença anatômica dos sexos (ROUDINESCO; PLON, 1998). É uma construção imaginária que busca explicar essa diferença pela imaginação de um processo que teria extirpado algo da mulher. Mas não qualquer algo: o mais importante objeto autoerótico que está revestido de um altíssimo valor narcísico. Por esse motivo, a fantasia de castração é também um ingrediente que compõe as vivências emocionais da fase fálica, em que os genitais – tanto o pênis, quanto o clitóris – sustentam a fantasia infantil de um ego completo e onipotente (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992 [1982]). Completude que se vê ameaçada, no momento edípico, pelas interdições que a cultura impõe ao prazer da criança e à realização dos seus desejos infantis. Em função disso, a castração é, para Freud, o complexo nuclear das neuroses e a maneira como cada indivíduo responde a ela é determinante dos destinos de sua organização subjetiva posterior.

*A centralidade que o conflito entre completude e incompletude narcísica tem para o funcionamento psíquico é o que confere para a metáfora da castração um poder*

---

<sup>26</sup> Na edição que está sendo trabalhada na elaboração desta dissertação, não consta a expressão *rochedo da castração*. Na presente tradução, essa ideia aparece da seguinte forma: “Frequentemente temos a impressão de que o desejo de um pênis e o protesto masculino [a recusa da passividade] penetraram através de todos os estratos psicológicos e alcançaram o *fundo*, e que, assim, todas nossas atividades encontram um fim” (FREUD, 1937a [1996], grifos meus). Por *rochedo da castração* ser uma expressão bastante difundida no campo, mais do que o “fundo do psiquismo”, e por articular o problema da castração, crucial para os argumentos desta pesquisa, optou-se por utilizar tal expressão.

*heurístico tremendo*. Muitos psicanalistas, contemporâneos de Freud, reconheceram essa importância e se dedicaram a aprofundar a compreensão dos seus significados. Rank, por exemplo, quando formula o trauma do nascimento, em 1924, está pensando numa forma de reinterpretar o que Freud descrevia como a angústia de castração, levando o problema da perda de um objeto de altíssimo valor narcísico para o momento da separação do corpo da mãe. Mas Freud rejeitou esses esforços que tentavam metaforizar o complexo de castração, que o distanciavam da situação edípica e da fase fálica, e insistia na sua importância enquanto fenômeno psíquico apoiado nas diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Mas, é preciso olhar para a castração, como sugere Amorim (2022, p. 180), “suspendendo algumas premissas que consideramos muito comprometidas pelo falocentrismo”. É a psicanálise pós-freudiana que consegue melhor resolver essa questão da castração desassociando-a da anatomia – ser portador ou não de um órgão com representações fálicas – e reinterpretando-a como uma castração imaginária, ligada às fantasias de onipotência do sujeito em ser, ele mesmo, narcisicamente completo – ou o próprio falo.

Interessa neste estudo, portanto, a fantasia de castração ligada à dimensão da interdição da onipotência infantil, especialmente no momento inicial da vida em que a frustração e a ameaça ao narcisismo não são experiências subjetivas tão distintas, e quando a vivência desse conflito entre fálico-castrado é vivida na oposição entre atividade e passividade, ou potência e impotência.

Voltando a Freud, em *Análise terminável e interminável* (1937a [1996]), “se torna evidente que aqui [na análise] um princípio geral está em ação” que orienta uma “atitude para com o complexo de castração” (FREUD, 1937a [1996], p. 268). Freud quer dizer que, mesmo que muito tenha sido trabalhado numa análise em favor do amadurecimento da relação do sujeito com sua vida pulsional e que as formas de satisfazer as pulsões e os desejos tenham se tornando mais adequadas à sua vida atual, o sujeito resiste a aceitar o fato da castração. O rochedo da castração é uma descrição que indica um apego intransponível do sujeito pela ambição de realizar, de alguma forma, a onipotência infantil. Uma onipotência que resiste para proteger, nas palavras de Kupermann (2019, p. 96), a “inexorável fragilidade e vulnerabilidade subjetiva”.

O rochedo da castração é uma expressão que descreve a existência de um ponto de fixação a partir do qual a intervenção analítica encontra seu limite pois, para além desse ponto, a vivência de passividade causada pelas frustrações, que expõem o sujeito às suas insuficiências narcísicas, tornam-se perigosamente ameaçadores da organização de seu aparelho psíquico e de seu funcionamento.

Isso é bem importante destacar porque Freud está descrevendo com isso que o *rochedo da castração é o reduto onde se preservam as ambições onipotentes infantis* – a sede do princípio de atividade pode-se pensar. A partir desse ponto, os esforços psicanalíticos não operam mais transformações, pois a verdade da castração precisa ser, em alguma medida, recusada pelo sujeito, em nome da preservação da fantasia de onipotência narcísica – criadora de um mundo possível de se habitar – mesmo que persista causando alguma desadaptação e mal-estar. Esse ponto, no entanto, é altamente impreciso, o que faz com que a fronteira entre o fim de uma análise ou uma mera resistência sintomática, e mesmo a fronteira entre saúde e adoecimento psíquico, se tornem muito difusas.

Assim, retomando o fio da meada, *o que está em debate entre Freud e Ferenczi, em certo sentido, é se a angústia de castração e a recusa das insuficiências do psiquismo são tratáveis ou não pelo psicanalista, e até que ponto; o quanto de fantasia onipotente, encastelada no rochedo da castração, se mantém em nome da saúde e da boa adaptação do sujeito à realidade e o quanto e ela precisa ser enfrentada por provocar um afastamento patológico da realidade.*

O que faz Freud e Ferenczi divergirem, aparentemente, é quão fundo nas fundações do aparelho psíquico um analista pode penetrar e intervir numa análise. Por mais que Freud admita que superar essa fixação infantil seja “indispensável em muitos relacionamentos na vida” (FREUD, 1937a [1996], p. 269), essa é uma construção em que a organização subjetiva se apoia de tal forma que “impede a ocorrência de qualquer mudança – tudo fica como era” (FREUD, 1937a [1996], p. 270). A proposta de Ferenczi, por sua vez, envolve tratar da relação do sujeito com sua pulsionalidade no âmbito do narcisismo precoce, que tanto lhe chamou atenção em seus escritos. Envolve, em outras palavras, cuidar da organização inicial que se deu no início da vida e que constituiu os circuitos pulsionais a partir da relação com o entorno, e antes que tenha sido organizada a unidade egóica que faz a mediação entre demandas do id e objetos da realidade.

Flagrar a divergência existente ao redor desse ponto crítico de fixação, em que se conjugam de forma tão radical a onipotência narcísica com a castração e a insuficiência do psiquismo, evidencia quão fundamentais são esses temas para o pensamento que sustenta a prática psicanalítica. O que este estudo permitiu ver é que, nessa fronteira entre a saúde e o adoecimento psíquico, mais do que eliminar esse paradoxo, o trabalho da análise consiste em auxiliar o sujeito a habitá-lo com algum conforto. Nesse ponto, além do paciente, também o psicanalista e a teoria psicanalítica como um todo são confrontados com a castração. O trabalho da análise não consiste em livrar o paciente do sofrimento que a castração traz para sua vida, mas ajudá-lo a sofrer melhor com isso.

Pode-se dizer que é por esse motivo que Freud discorda de Ferenczi, pois sua ambição de eliminar inteiramente as fantasias onipotentes contraria um dos princípios fundamentais que organizam a atividade psíquica no processo de adaptação e enfrentamento da estrangeiridade do mundo. Como Freud descreveu no excerto destacado acima, a posição de saúde psíquica conserva uma rebeldia contra a castração: o psiquismo se organiza para preservar, apesar de todas as frustrações, uma forma de domínio sobre os objetos de satisfação do mundo externo. Diante disso, Freud sugere que “só podemos consolar-nos com a certeza de que damos à pessoa analisada todo incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele [o fato da castração]” (FREUD, 1937a [1996], p. 270). As elaborações de Ferenczi, no entanto, como se verá a seguir, indicam que seria possível, sim, aprofundar um pouco mais na direção dos primórdios da organização do aparelho psíquico e reconfigurar a relação do sujeito com a passividade e a insuficiência do seu controle sobre os objetos de satisfação.

O que é indiscutível é que, nessa fronteira difusa entre saúde e adoecimento psíquico, tratar o horror à castração e à passividade é a chave para um amadurecimento psíquico mais satisfatório e para uma relação menos angustiante com a alteridade, pois o que se vê é que, quanto mais o sujeito recusa seus limites e as insuficiências da sua condição extrauterina, mais adoecido ele estará, pois mais fantasiosa e mais onipotente será sua atividade sobre o mundo e, conseqüentemente, menos espaço para alteridade haverá em suas relações.

Assim, o desafio da análise é auxiliar o sujeito a renunciar ao desejo de uma perfeita adaptação à realidade para deixar preservado, paradoxalmente, algum traço

do sentimento de onipotência narcísica, crucial para que se mantenha a confiança na sua capacidade de ação para suportar o fato de que os desencaixes são inevitáveis.

O esforço terapêutico seria, em suma, a integração das posições de passividade e de atividade em relação à alteridade, mas, como foi apresentado, a rejeição da posição de passividade é o maior obstáculo no percurso de uma análise. Assim, como se tentará demonstrar na próxima seção, para o enfrentamento das resistências e insistências que aparecem na transferência, a estratégia envolve fazer uma aliança com a ambição infantil do paciente que deseja dominar a fonte da angústia e se proteger das frustrações de forma onipotente. Somente após a compreensão de seus significados e trabalhando em favor dela é que se pode construir uma saída melhor para a ambição infantil de controle.

### **3.2 Nuances do manejo da repetição**

Como foi dito em muitos momentos ao longo desta dissertação, para que o psicanalista faça algo que possa curar, é necessário antes conhecer o que faz sofrer. Em função disso, para se discutir aspectos da função analítica, foi necessário ter mergulhado em alguns pontos da metapsicologia que descrevem a constituição e a dinâmica do aparelho psíquico, para assim compreender algo sobre as vias de construção dos sintomas e as origens do adoecimento psíquico. Este esforço, que, nos capítulos anteriores, destacou elementos para fundamentar o manejo da repetição na clínica psicanalítica, converge finalmente para as articulações presentes nas páginas que se seguem.

#### ***3.2.1 A experiência de regressão: repetição diferencial***

De acordo com o que este estudo permitiu ver, a repetição se destaca como uma ação psíquica que realiza importantes funções na dinâmica do psiquismo. Esta constatação permitiu a Ferenczi e Rank elevar a repetição a um outro patamar no tratamento psicanalítico, pois, da mesma forma que os psicanalistas descobriram a importância dos sonhos e dos atos falhos para o tratamento, eles se deram conta de que a repetição tem uma função terapêutica muito importante.

Anteriormente (na seção 2.4), tal descoberta foi abordada pelo ângulo do seu potencial de comunicar os acontecimentos da pré-história do ego e revelar as primeiras organizações do aparelho psíquico que buscaram, nas origens, escoar as pulsões pelos caminhos ofertados pela realidade exterior. Porém, perceber os significados daquilo que se repete é apenas uma parte da tarefa. Nesta seção, será explorada uma outra vertente da função terapêutica da repetição: a sua importância como *experiência regressiva*.

A regressão é uma noção que está presente desde o início no pensamento psicanalítico. Pode-se considerar o funcionamento psíquico como uma sobreposição de diferentes formas de organização que se complexificaram ao longo do tempo, que operam simultaneamente e que se intercambiam de acordo com a necessidade de reação aos estímulos que atingem o psiquismo. Nesse cenário, a regressão descreve um movimento intrapsíquico em que se inverte a direção usualmente progressiva do processamento subjetivo e faz ressurgir organizações e funcionamentos de uma outra temporalidade. Por este motivo Garcia-Roza (1987) descreve o movimento regressivo como uma repetição vertical, que traz à tona formas menos complexas (anteriores inclusive à estruturação do ego) de o psiquismo lidar com os desafios da existência. O fato de a repetição restaurar modos mais infantis de funcionamento faz dela, além de um processo intrapsíquico, também um fenômeno interpessoal.

Em função dessa dupla função da repetição (comunicar o passado remoto e resgatar antigas modalidades de relação de objeto), Ferenczi e Rank (1924 [2022]) passaram a considerá-la o acontecimento mais importante de uma análise, mais importante até do que a rememoração. Balint (1968 [2014]), por sua vez, dando sequência às elaborações ferenczianas, destaca a fundamental importância da atitude e da capacidade de acolhimento do analista diante do paciente que regride a modos infantis de relacionamento. “Por esse motivo”, segundo Kupermann (2019, p. 139), “toda análise seria, com efeito, análise da criança que habita cada analisando”.

Somando essas constatações com o reconhecimento da inevitabilidade da repetição nos processos psíquicos, Ferenczi e Rank, no esforço de atualização da técnica psicanalítica, retornam às origens da teorização freudiana e de lá resgatam a noção de catarse e de ab-reação afetiva, para sedimentar os argumentos em favor do valor terapêutico de reviver, na transferência, os conflitos fundamentais da organização psíquica. O método catártico (apresentado no início do trabalho) continha

a descrição metapsicológica perfeita para sustentar a importância da regressão porque apostava no potencial curativo, de finalmente, se viver algo que a imaturidade do ego impediu de ser vivido de forma adequada num momento anterior e, com isso, integrar, finalmente, a complexidade afetiva suscitada por um acontecimento perturbador.

Como, para os autores, o sucesso terapêutico de uma análise consistia em interferir no fluxo da libido do paciente, de modo a liberá-la das inibições e das fixações que se instalaram para proteger a experiência narcísica do sujeito no início de seu desenvolvimento, a regressão é um acontecimento fundamental, pois, nas palavras deles,

[...] ao transportarmos a libido do paciente para as antigas relações parentais, permitimos que aos poucos ele transforme retroativamente, por assim dizer, a sua personalidade atual na personalidade dos primeiros estágios da infância (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 29).

Favorecer que a personalidade do sujeito volte a ser como era na infância, antes das “deformações” que os desencaixes inevitáveis na relação precoce causaram na sua organização, deveria ser a principal meta do tratamento, pois quando o sujeito repete sua organização infantil na presença do analista, *ele pode reviver seu conflito original numa repetição que, por conta da presença e da ação do analista, pode levar a uma diferença*. A repetição pode ser diferencial porque o analista, sensível aos dramas envolvidos no conflito originário (entre a realidade que frustra e as tendências libidinais que perturbam a homeostase psíquica), pode desfazer as fixações e inibições defensivas que sustentam de forma onipotente a organização subjetiva do paciente. Tal experiência possibilita que ele, finalmente, ressignifique e elabore as intensidades das experiências que ameaçaram a organização narcísica precoce. A aposta é que, com isso, a vida psíquica do sujeito possa se transformar, sua capacidade de produção de sentidos possa ser incrementada e sua relação com sua pulsionalidade e com os objetos do mundo, amadurecida. Isso significa que, a partir da regressão e da experiência de ab-reação, o ego se torna mais capaz de conviver com as intensidades que, antes, eram muito ameaçadoras. É em função disso que Ferenczi e Rank defendem que “a ab-reação originária dos afetos continua a ser, a despeito de toda as ampliações do nosso conhecimento, o agente terapêutico fundamental” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 40).

No entanto, esse processo não é tão simples assim. A experiência de ser como uma criança diante de um adulto, mais uma vez, com suas necessidades e angústias à flor da pele, correndo o risco de que as frustrações e traumas possam se repetir como da primeira vez, é o que faz da regressão uma experiência que, apesar do altíssimo valor terapêutico, seja bastante tensa para a relação analítica. Por um lado, a realização dessas tendências antes proibidas, quando instigadas pela transferência, ameaça a personalidade e a organização atual do paciente. A satisfação dessas tendências, como já apresentado, entra em conflito com o ideal de ego do sujeito, o que faz o ego levantar fortes resistências contrárias à liberação do fluxo da libido para proteger o narcisismo e o *status quo* psíquico. Nesse processo regressivo, para desfazer as fixações e inibições é preciso, em certo sentido, *refundar o ideal de ego* para que a relação do sujeito com as tendências inibidas possa ser transformada e que elas possam, finalmente, compor sua vida psíquica. Isso significa, de acordo com as ambições de Ferenczi e Rank, penetrar profundamente na personalidade do sujeito e interferir sobre aquela primeira organização psíquica que estabeleceu o corte que separou as tendências libidinais possíveis de serem satisfeitas, de um lado, e as ameaçadoras, de outro, na tentativa de dominar a pulsionalidade. Isso quer dizer que a regressão na situação analítica pode ser reparadora dos abalos no narcisismo precoce. A partir disso, com o paciente mais livre das necessidades infantis de controle, é possível trabalhar com ele para que uma nova relação consigo e com o mundo possa emergir.

Por outro lado, mesmo que essa transformação no ideal de ego aconteça e que esses impulsos possam circular pelo aparelho psíquico sem ameaçar o narcisismo, o sujeito ainda segue tendo motivos para se defender, pois uma coisa é a libido voltar a circular, outra coisa é ela encontrar satisfação. Por ser acolhedora para o que antes era proibido, a situação analítica se torna fonte de satisfação libidinal, fica identificada como a relação em que é seguro experimentar tais tendências – o que é verdade em certo sentido, mas não inteiramente. A situação analítica autoriza de fato, mas não oferece satisfação pulsional (como preconiza o princípio de abstinência), de modo que a análise não se presta a livrar os sujeitos da frustração de seus anseios infantis. A frustração é uma realidade da vida extrauterina que precisa ser encarada. Assim, nas palavras dos autores, “a análise deve almejar que o paciente desista parcialmente



dessa libido infantil ao compreender que ela não pode ser realizada” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 36).

Como foi justamente a angústia causada pelas frustrações dessas tendências libidinais que originalmente mobilizou tais defesas, o risco que a relação analítica corre, nesse ponto do processo, é que a frustração gerada pela análise venha a representar, para o paciente, uma repetição dos traumas e das ameaças precoces ao narcisismo. Assim, nas palavras de Ferenczi e Rank, a segunda grande dificuldade de toda análise, depois das resistências do ego, é a “a reação natural contra uma frustração que obrigatoriamente é imposta: o reconhecimento, produzido pela análise, de que os desejos [infantis] não são realizáveis” (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 36). Pode-se associar essa situação com o momento crucial de enfrentamento das resistências impostas pelo rochedo da castração, que, de forma mais ou menos adoecida, defende o narcisismo contra as frustrações que, no início da vida psíquica, mostraram para o sujeito as insuficiências do psiquismo e os horrores do desamparo.

Quando o paciente regride, na análise, ao ponto nodal do encontro das suas exigências pulsionais com os objetos da realidade, ao momento da adaptação primária, e quando está se sentindo ao mesmo tempo livre e ameaçado, ele tem diante de si a oportunidade de realizar um *novo começo*. É o momento em que ele pode entender – ganhar consciência – que tanto a satisfação quanto as frustrações de certas tendências libidinais não são tão ameaçadoras assim para sua existência e seu narcisismo. Os autores descrevem essa resignificação da relação com a vida pulsional da seguinte forma:

Nesse percurso em que as tendências infantis da libido passam pela vivência e um atravessamento inéditos, acompanhadas por uma resolução na qual a consciência apreende algo em um estado de frustração, o paciente aprende de uma vez por todas a renunciar à realização inadequada e à satisfação patológica da libido infantil (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 31).

Em outras palavras, o trabalho da análise envolve ajudar o paciente a abandonar a ânsia de satisfazer, a qualquer custo e de forma onipotente, suas exigências pulsionais e a suportar as frustrações inevitáveis do encontro com a realidade. Porém, para realizar o redimensionamento dos efeitos psíquicos de uma frustração, é crucial que o processo analítico trabalhe para criar um lugar seguro no psiquismo para a experiência de desencaixe e para a face insatisfatória da realidade, de modo que “o

que era representado não era mais o que era agradável [a satisfação] mas o que era real mesmo que tivesse que ser desagradável" (FERENCZI, 1913 [2011], p. 45)<sup>27</sup>. Criar um lugar para a insatisfação no psiquismo é fundamental porque complexifica a relação do sujeito com o mundo; afinal, "a realidade [...] é também constituída por sensações subjetivas, como uma insatisfação" (COELHO JR., 1995, p. 65).

O amadurecimento pretendido numa análise envolve, em suma, que o paciente possa compreender que a castração, por mais que envolva a renúncia às ambições onipotentes, é diferente da impotência e do desamparo e, portanto, não configura uma ameaça narcísica tão assustadora. Recorrendo, mais uma vez, às palavras de Ferenczi e Rank,

É precisamente esta disposição para suportar uma renúncia parcial sem incorrer em um recalque integral que capacita os seres humanos a tomar para si as possibilidades de satisfação substitutivas que são oferecidas pela realidade (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 33).

E ainda:

Tomar consciência é um fenômeno psíquico que os seres vivos jamais produzem sob alguma outra circunstância que não seja a pressão exercida por uma situação de frustração ou pela evitação do desprazer" (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 41).

Em síntese, é a capacidade de suportar o fato de que as satisfações são sempre parciais<sup>28</sup>, ao lado do redimensionamento da potência narcísica, que possibilita o desenvolvimento de melhores estratégias para suportar e conviver com as insuficiências da realidade. Quando isso acontece, "toda a existência psíquica é transportada para um outro plano: o da adequação à realidade" (FERENCZI; RANK, 1924 [2022], p. 42).

---

<sup>27</sup> Essa frase de Ferenczi aparece praticamente da mesma maneira no texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911 [2004]) de Freud: quando dizia da introdução de "um novo princípio da atividade psíquica: não mais era imaginado o que fosse agradável, mas sim o real, mesmo em se tratando de algo desagradável" (p. 66). Optou-se por manter a frase tal qual ela foi escrita por Ferenczi por compor melhor com o texto que está sendo escrito.

<sup>28</sup> Retomando algumas ideias do capítulo anterior, como não se pode realizar a ambição infantil de retorno ao útero e de satisfação plena de todas as pulsões, as satisfações serão sempre e apenas parciais.

### 3.2.2 A atmosfera de confiança e o manejo da frustração

Em função desse movimento regressivo exigir o enfrentamento de frustrações muito ameaçadoras para o paciente, a sensibilidade do analista, seu tato e sua capacidade de acolher e manejar esses aspectos infantis são fundamentais para que as dificuldades do processo possam ser atravessadas. A criação de um lugar seguro no psiquismo para os desencaixes nas relações objetais e para as angústias decorrentes da frustração, necessita que, antes, isso possa caber na relação analítica. Ferenczi foi um dos maiores advogados da importância da atitude do analista para o bom desfecho dos processos terapêuticos, especialmente com os pacientes cujo início da vida foi mais acidentado e que apresentam maiores traumas constitutivos. Ele foi o primeiro a afirmar que a resistência numa análise não é do paciente, mas do analista, que não se permite ir além do que as exigências superegóicas da técnica psicanalítica clássica preconizam. Segundo a observação de Ferenczi, a atmosfera criada pela técnica clássica, de frieza e distância emocional, reconduz o paciente regredido à experiência de desadaptação vivida na infância e aprofunda suas defesas primárias contra o entorno insensível. Isso é importante destacar porque objetivo da análise, afinal, é o amadurecimento do ego para que o sujeito consiga se relacionar melhor com a realidade, e não ser um dispositivo de retraumatização.

Numa situação de regressão, como foi adiantado anteriormente, é a atitude do analista que possibilita que a repetição seja mesmo diferencial. Uma atitude que, segundo Ferenczi, precisa ser distinta do ambiente que cuidou do sujeito em sua infância:

É uma vantagem para a análise quando o analista consegue, graças a uma paciência, uma compreensão, uma benevolência e uma amabilidade quase ilimitadas, ir o quanto possível ao encontro do paciente. Cria-se desse modo uma base graças à qual pode-se lutar até o fim na elaboração dos conflitos [...] na perspectiva de uma reconciliação. O paciente ficará então impressionado com nosso comportamento, contrastante com os eventos vividos em sua própria família, e, como se sabe agora, protegido da repetição [o analista não vai reproduzir o trauma], atrever-se-á a mergulhar na reprodução do passado desagradável (FERENCZI, 1931 [2011], p. 85).

Esse mergulho a que Ferenczi se refere significa que o paciente pode, finalmente, abandonar as posições de controle da situação desagradável e permitir-

se relaxar diante de uma figura confiável. A confiabilidade do analista é o que garante a segurança para reviver um velho conflito sem tanto medo de encontrar o mesmo destino desagradável. Em outras palavras, é a vivência de um mesmo drama, mas com um outro desfecho, que favorece ao sujeito afrouxar as necessidades de controle da situação perturbadora, pois o encontro com um objeto (ou um ambiente) diferente – que recebe suas demandas pulsionais ameaçadoras sem ser destruído por elas e sem retaliações – refunda, em um outro ponto, a confiança do sujeito em si mesmo e nos objetos da realidade. Paradoxalmente, é a necessidade de repetição que permite ao sujeito, numa análise, parar de repetir.

A questão da confiança é crucial para esse processo e é importante deter-se um pouco nela. O efeito das inevitáveis desadaptações precoces é que a criança se vê obrigada a amadurecer e aprender a agir sobre as perturbações. Isso associa a passividade – própria do início da vida em que o sujeito tem uma dependência absoluta do entorno cuidador – ao perigo. Balint (1968 [2014]) fala de um momento pré-paranoide, anterior à intromissão da realidade frustrante na experiência subjetiva do sujeito. Um momento das relações com os objetos do mundo no qual o sujeito experimenta uma relação de “mistura interpenetrante harmoniosa”: uma relação em que as distâncias e os desencaixes são sentidos como inexistentes, como se fosse uma continuação da vivência uterina. Uma relação em que o sujeito não tem percepção nem de suas necessidades, nem dos objetos que as satisfazem, e vive a passividade e o relaxamento com segurança. Um momento da vida que, nos termos de Ferenczi (1933 [2011]), poderia ser descrito como de *ternura infantil*. A interrupção inevitável desse estado é o que inaugura a relação com a alteridade, mas é também o que instaura uma relação de “desconfiança” com o entorno, uma relação na qual ações psíquicas são necessárias para processar o desprazer dos desencaixes. É o início de uma relação com a alteridade em que o sujeito, em maior ou menor grau, não pode mais confiar inteiramente na agência dos objetos dos quais depende para satisfazer-se e precisa contar mais com o seu psiquismo. A vivência subjetiva do sujeito é que algo, que geralmente é sentido como “possuindo qualidades mágicas”, “foi irreparavelmente perdido” (BALINT, 1968 [2014], p. 100). Se tais desadaptações são traumáticas demais, o amadurecimento se dá também rápido demais, e a relação com o entorno fica atravessada por profundas desconfianças, o que leva à solidão e

a um exacerbamento das ambições onipotentes, produzindo formas profundas de adoecimento.

Como as fixações organizadoras do funcionamento psíquico, nas origens, são respostas que pretendem proteger o narcisismo da passivização ameaçadora imposta pelos desencaixes, a possibilidade de confiar no analista é um ingrediente necessário para a restauração da segurança na condição de passividade na relação com os objetos do mundo exterior e para a superação das formas infantis de controle. Dizendo de outra forma: diante de uma figura que inspira confiança, é possível relaxar e superar a relação paranoide estabelecida com os objetos frustrantes.

Essa presença asseguradora do analista é crucial porque a confiança, afinal, é uma experiência subjetiva que somente se experimenta se uma quantidade considerável de passividade pode ser suportada pelo sujeito e, para isso se realizar, ele precisa projetar, em certo sentido, a onipotência numa outra figura, de modo a experimentar novamente a passividade sem horror e apaziguar-se. Viver essa experiência, favorece que se recupere algo da mítica experiência intrauterina ao realizar um “mergulho numa existência paradisíaca onde não havia ainda lutas, somente crescimento e desenvolvimento, sem a necessidade de qualquer esforço” (KUPERMANN, 2019, p. 141). Nos termos de Zygoris (1995, p. 178), a experiência de regressão leva o paciente à “recuperação de uma intimidade perdida [...] metáfora de reencontros de um mundo mais materno”. Com isso, nessa regressão ao ponto nodal do seu conflito com a realidade, espera-se que o sujeito possa refundar sua relação com a alteridade.

A regressão, nos termos que esse conjunto de autores trabalha, parece descrever um retorno ao ponto imediatamente anterior ao estabelecimento do rochedo da castração, sugerindo uma penetração mais profunda na organização subjetiva do paciente. Sugere uma regressão a uma situação em que o sujeito se sente em paz, sem que precise contar com sua mente e sua atividade psíquica para se apaziguar. É uma experiência precoce de confiança nas relações e uma vivência segura da passividade, do relaxamento e da espontaneidade. A frustração nesse momento não é apenas aquela da libido, é também a decepção na relação com o entorno, uma interferência profunda na capacidade de se relacionar e confiar. Por essa razão, a relação com um analista confiável é importante, porque é o que favorece a cura das feridas deixadas pela desadaptação precoce que tiraram a fé do sujeito no entorno,

interromperam a experiência de relaxamento e harmonia na relação com os objetos do mundo e fizeram a passividade ficar intimamente associada com o desamparo e a impotência.

Quando Ferenczi propõe o princípio de relaxamento (1930 [2011]) ele está tentando descrever a modalidade de relação objetal que se deve estabelecer com o paciente para que, durante o processo regressivo, o analista se alie à parte mais infantil da personalidade do paciente: uma infância pré-paranoide na qual o sujeito justamente não precisava se preocupar com o entorno. Com essa atitude, de acordo com Kupermann (2019, p. 142), “o *setting* analítico orientado pelo princípio de relaxamento simbolizaria, portanto, o meio talássico capaz de promover no analisando o resgate de sua vitalidade” e a restauração da confiança na relação com um objeto do mundo exterior, que não precisa necessariamente ser controlado. Isso faz com que a “experiência de onipotência primordial capaz de despertar os impulsos vitais e o desejo de continuar existindo” (KUPERMANN, 2019, p. 138) se organize num outro ponto e permite que a frustração possa ser reinterpretada como uma perturbação na economia psíquica e não uma ameaça ao narcisismo como um todo. O encontro com alguém que autorize e sustente um relaxamento, mesmo numa situação incômoda de frustração, redimensiona, portanto, o impacto no psiquismo da insatisfação da libido infantil e realiza uma *reconciliação* com os objetos da realidade: os únicos capazes de promover alguma satisfação – ainda que parcial – para a libido. Com isso, o paciente pode, finalmente, abandonar as posições infantis de controle e amadurecer esses anseios onipotentes, uma vez que a mera frustração não significa necessariamente impotência e desamparo como significou da primeira vez, quando o ego era imaturo demais para articular todos os imperativos que pesavam sobre ele – satisfazer as pulsões, adaptar-se à realidade e proteger-se.

Em outras palavras, a perlaboração do desejo onipotente atualiza suas formas de realização às condições atuais do ego e da realidade na qual o sujeito está metido. Com isso, a passividade deixa de ser tão angustiante, pois a confiança no outro e a fé na alteridade configuram formas simbólicas, ou deslocadas de realizar as necessidades infantis de controle onipotente.

Uma observação interessante: os desacordos entre Freud e Ferenczi sobre o manejo das demandas infantis que apareciam na transferência giravam em torno da dependência ou independência do paciente em relação ao analista. Freud achava que

era impossível satisfazer as demandas de um paciente regredido e ainda assim ajudá-lo a conquistar a autonomia psíquica necessária para se relacionar com o mundo. Confiar no analista – projetar sobre ele a onipotência infantil – seria, em certo sentido, alimentar uma relação infantil de dependência, o que, de acordo com a interpretação de Freud, não é desejável. Por outro lado, nessa perspectiva trabalhada por Ferenczi, a insistência numa independência absoluta pode conduzir à cronificação de uma posição muito defendida, na qual se mantém uma relação de desconfiança com a alteridade e não se pode contar com os objetos do mundo<sup>29</sup>. É verdade que a regressão pode ser patológica ou terapêutica, mas isso não é motivo para demonizá-la. É justamente por isso que é preciso saber a manejá-la. Uma discussão que se assenta, também, pode-se dizer, sobre as ambivalências concernentes ao rochedo da castração e os destinos da onipotência infantil na vida psíquica.

Retomando a tarefa de perlaboração do conflito original que abalou o sentimento de onipotência, para que o paciente possa abandonar as posições de controle e confiar no analista é preciso que ele viva efetivamente uma relação de harmonia mesmo que haja frustração. O paciente precisa confiar que a conexão com o analista é real mesmo que nela existam desencaixes, pois somente isso permite a ele fazer o luto das ambições onipotentes de uma adaptação perfeita ao mundo e do mundo a si. A grande delicadeza é que um analista confiável ocupa a posição de um objeto significativo com quem o sujeito revive as dores das relações importantes para a sustentação da experiência narcísica. Confiar e amar trazem consigo os temores de voltar a se decepcionar com os objetos e se experimentar sozinho outra vez. É isso, numa situação de regressão, traz à tona um estado infantil difícil para o analista sustentar que, se pudesse falar em primeira pessoa, se comunicaria, segundo Balint, da seguinte forma:

[...] preciso ser amado e cuidado em tudo por todos e só no que me interessa, sem que ninguém possa exigir qualquer esforço ou compensação por isso. O que importa é apenas meus próprios desejos, interesses e necessidades; ninguém que seja importante para mim pode ter quaisquer interesses, desejos, e necessidades diferentes dos meus e, se os tiver, precisa subordiná-los aos meus, sem nenhum ressentimento ou solicitação; na verdade, seu prazer e

---

<sup>29</sup> Balint (1968 [2014]) descreve essas duas polaridades como *ocnofilia* e *filobatismo*, descrições de formas dos sujeitos se relacionarem com os objetos: se mais ou menos dependentes deles. Segundo ele, ambas as modalidades de relação precisam ser trabalhadas numa análise para uma relação mais saudável com os objetos do mundo.

alegria devem estar de acordo com meus desejos. Se isso ocorrer, serei bom, agradável e feliz, mas é só isso. Se isso não acontecer, será terrível, tanto para o mundo como para mim (BALINT, 1968 [2014], p. 85).

Nessa hora, o desafio do analista é, portanto, sustentar a complexidade afetiva (ambivalência) suscitada pela relação com um objeto idealizado que insiste em ser frustrante, enfrentando as angústias regressivas do processo de desidealização que o tempo todo lembra o sujeito de sua condição de nascido. Somente a possibilidade de visitar e reexperimentar, em novos termos, as intensidades do conflito fundador da organização do aparelho psíquico, sem que “nada de nocivo se[ja] dirigido a ele [o paciente] e, ao mesmo tempo, nada de nocivo nele se[ja] dirigido ao entorno” (BALINT, 1968 [2014], p. 140), permitirá que se articule, de formas diferentes, no psiquismo, atividade e passividade, confiança e frustração, dependência e independência, onipotência e impotência, ante os incômodos causados pelas insistências da pulsão insatisfeita.

Com esse *novo começo*, reduz-se a dependência do sujeito das condições irreais de relação objetal. Isso possibilita que ele ancore sua organização subjetiva (seus ideais de ego) em um outro ponto e viva, finalmente, a posição de passividade sem um horror tão imenso da impotência narcísica. Quando se fala em passividade sem horror não se pretende afirmar um estado em que não há risco de frustração. A intenção é descrever uma condição subjetiva em que as frustrações, decorrentes do encontro com os limites da potência narcísica e com os limites dos objetos de satisfação, sejam meros inconvenientes do fato de estar vivo.

Segundo Kupermann (2019), a perlaboração é, em suma, um processo em que o psicanalista precisa desempenhar paciência, sustentação, frustração, construção. Isso pode ser interpretado da seguinte forma: paciência para que o paciente, no seu tempo e de acordo com suas possibilidades, esbraveje contra as decepções que viveu com seu entorno cuidador; sustentação da legitimidade dessas queixas, independentemente de quão infantil elas sejam e mesmo que elas não possam ser satisfeitas do jeito que o sujeito deseja; também é tarefa do analista apaziguar o paciente diante das frustrações inevitáveis da vida extrauterina, redimensionando seus efeitos perturbadores e; por fim, sustentar a construção de novos ideais que possibilitem a integração das tendências libidinais impedidas de



circular e a criação de novas formas de satisfazê-las, formas que levem em conta as condições objetivas da realidade que habita.

Assim, mais do que um processo intelectual de ampliação da consciência dos sujeitos sobre seus desejos infantis inconscientes, uma análise tem um valor terapêutico também por ser uma *experiência que se vive com alguém*, por ser uma relação em que ambos, analista e paciente, sobrevivem e compartilham, de modo autêntico e honesto, as dores da condição humana de viver cercado pelas distâncias existentes entre si e os objetos do mundo. Diante de um analista sensível e acolhedor, que, apesar de reconhecer que frustrações são inevitáveis, também trabalha para tentar diminuir as distâncias, o sujeito pode se entregar a este estado de confiança, não sem risco de desadaptação, mas sem o risco de vivê-la de forma tão paranoide. Sustentada por uma “parceria harmoniosa” (BALINT, 1968 [2014], p. 87), a perlaboração, em suma, reconstrói a relação com a realidade ao resignificar a vida fora do útero: é preciso entender que as relações são frustrantes, mesmo que sejam maravilhosas, e vice-versa.

### *3.2.3 Condição de passividade e a relação com a alteridade*

A análise, na medida em que é um dispositivo para evidenciar a realidade psíquica, permite que, através do acolhimento dos fenômenos e tendências de repetição, se conheça as perturbações profundas originadas na relação com o mundo externo que os sujeitos estão tentando manter alguma gerência. Como visto anteriormente, o sujeito não adoece somente porque não consegue lidar com a privação, ele adoece porque não consegue abdicar do desejo onipotente infantil de restabelecer a mítica relação de completude que experimentava antes dessas intromissões da realidade. Por isso, constrói uma realidade alternativa e/ou uma pulsionalidade alternativa que são a expressão da impossibilidade do psiquismo de se encontrar com os limites de sua potência e de se submeter à insuficiência frustrante dos objetos.

Os desejos onipotentes que compõem a vida psíquica dos sujeitos, independentemente do grau de amadurecimento de seu ego, são o alvo das intervenções psicanalíticas, sobretudo na situação de regressão. O objetivo é trabalhar ao redor do rochedo da castração e enfrentar a negação das insuficiências

narcísicas e o horror da condição de passividade. A aposta não é eliminar onipotência, posto que isso é impossível conforme defendia Freud (1937a [1996]), mas amadurecer as formas infantis de domínio, transformando as fixações precoces que, através da repetição, tentam controlar a vida libidinal, em formas de organização subjetiva mais compatíveis com as características objetivas da realidade material e com a verdade da castração. Tal enfrentamento visa o esvaziamento das fantasias onipotentes de completude, que almejam uma adaptação perfeita ao mundo, para que emergja uma potência realista, tanto do próprio sujeito, quanto dos objetos de satisfação. É esse esvaziamento da onipotência que, paradoxalmente, permite que ela seja, em certo sentido, projetada sobre os objetos e que alimenta a esperança dos sujeitos de que bons encontros são possíveis.

Essa fé nos objetos do mundo é a aquisição do processo de perlaboração do conflito fundador que realiza a integração e assenta em outras bases as posições de atividade e passividade nas relações objetais. Isso conduz ao estabelecimento de modalidades relacionais que suportem a estrangeiridade do mundo e cria condições para que o sujeito desfrute dos objetos da realidade e das possibilidades de prazer criadas pela cultura. Como diz Balint (1968 [2014], p. 80), “a intenção de todos os esforços humanos é estabelecer – ou, provavelmente, restabelecer – uma harmonia envolvente com o entorno para poder amar em paz”, e a capacidade de se utilizar dos objetos do mundo é a melhor forma de viver essa experiência e realizar, simbolicamente, a regressão talássica.

No entanto, é somente a partir do reconhecimento das brechas existentes entre o paciente e seu analista que se pode estabelecer uma “parceria cooperativa” em que ambos trabalhem juntos para minimizar as angústias causadas pelas distâncias incontornáveis que compõem a relação. Nos termos de Balint,

Procuramos estabelecer uma relação na qual nenhum de nós fosse todo-poderoso, na qual ambos admitíssemos nossas limitações, na esperança de que assim pudesse ser estabelecida uma colaboração produtiva entre duas pessoas que não eram fundamentalmente diferentes em importância, peso e poder (BALINT, 1968 [2014], p. 171).

A possibilidade de estabelecer essa parceria cooperativa é o que Balint descreve como sendo o *amor adulto* (em contraste com o amor primário). Uma modalidade relacional em que os envolvidos, conscientes das impossibilidades de eliminar

completamente as distâncias, podem trabalhar para diminuí-las. Uma parceria cooperativa “é ainda a maneira mais comum de restabelecer a mistura harmoniosa primária” (BALINT, 1968 [2014], p. 87) e tentar chegar o mais próximo possível da situação de completude que o psiquismo tanto deseja reencontrar.

Vale enfatizar essa ideia de Balint de amor adulto porque ela aponta para uma direção de saúde psíquica e traz elementos para aprofundar as reflexões sobre os objetivos do tratamento e o fim das análises. Numa formulação simples, se pode pensar que, de fato, é muito importante que o sujeito consiga sustentar uma existência autônoma, sem depender da infalibilidade dos objetos, mas, para Balint, tão valioso quanto isso é saber se relacionar e poder nutrir-se dos objetos.

O autor enfatiza a importância de trabalhar, numa situação de regressão, o desenvolvimento de formas mais maduras de relacionamento com a alteridade porque ele percebe que alguns pacientes ficam fixados na ambição onipotente infantil de eliminar completamente as distâncias existentes entre ele e os objetos de satisfação, para assim realizar uma adaptação perfeita à realidade, acabando, conseqüentemente, com as frustrações. Ele chama essa regressão que não realiza a perlaboração de *regressão maligna*.

Um tipo de regressão em que o sujeito não se nutre do reencontro com um objeto confiável para a restauração da fé nas relações objetais, mas, pelo contrário vê na regressão uma oportunidade de, finalmente, repetir a desejada e mítica situação uterina. Assim, ao invés de se curar das ambições infantis, o sujeito busca a realização absoluta de suas demandas e a eliminação definitiva das perturbações da vida. Essa exigência de satisfação das expectativas onipotentes pretende realizar efetivamente, e não simbolicamente, a regressão talássica. Uma impossibilidade que faz com que essa seja uma ambição mortífera, já que o sujeito deseja eliminar o incômodo de estar vivo e depender inteiramente dos objetos para continuar existindo, eliminando, inclusive, a própria atividade psíquica<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Num primeiro olhar, essa fixação na posição de passividade aparenta negar o suposto “princípio de atividade” que atua no psiquismo, descrito anteriormente. Mas é possível interpretar a fixação nessa posição de busca por uma relação análoga à relação uterina como uma *ação psíquica*: uma resposta subjetiva precária ante o problema imposto pela necessidade das relações objetais. Esse é um tema que se insere na preciosa discussão proposta por Figueiredo e Coelho Jr., no livro *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura* (2018), onde os autores descrevem modos de adoecimento que se dão por ativação ou por passivação, uma diferenciação importante que traz luz sobre os desafios da escuta psicanalítica. Eles apontam o paradoxo que existiria numa *defesa passiva*, posto que todas as defesas são *atividades* psíquicas, mas a própria descrição feita por eles do que seria o adoecimento por passivação abre espaço para essa possibilidade paradoxal de uma progressão que visa uma

A regressão sem perlaboração do conflito fundador da organização subjetiva se configura, assim, apenas como uma repetição traumática do mesmo conflito que o sujeito segue tentando dominar sem sucesso, pois, sem a perlaboração, o sujeito não abandona as posições de controle onipotente e nem refaz a sua relação com a condição de passividade, que permanecerá patologicamente identificada como perigosa. A regressão em que não se experimenta uma repetição diferencial se configura como regressão maligna, enfim, porque traz para a relação analítica a faceta mais temida da repetição, aquela associada ao ódio, à destruição e a não-vida.

Nessas situações, ocorre aquilo que Freud condenava: a cronificação da dependência emocional do paciente das satisfações que a análise pode proporcionar nesse estado regressivo. Balint, várias vezes, em *Falha básica* (1968 [2014]), faz alusão a uma forma de relacionamento com os objetos que seria como a toxicomania: um paciente dependente de um objeto idealizado que realiza seus anseios onipotentes infantis de que não haja mais frustração nem descontinuidade entre si e o mundo. Um sujeito hipnotizado pelo ausente, recuperando a ideia de Zigouris (1995), que projeta a onipotência infantil, sem nenhum amadurecimento, sobre os objetos.

A diferença entre regressão maligna e benigna é que, nesta última, o paciente se regozija da aceitação e da autorização, por parte do analista, de suas tendências libidinais que anteriormente foram marcadas como ameaçadoras para sua relação com o entorno, e não deseja unicamente a satisfação dessas pulsões. Numa regressão benigna, o analista se alia àquela parte mais infantil da personalidade do paciente que carece de “um consentimento tácito de utilizar o mundo externo de uma forma que lhe permita lidar com seus problemas internos” (BALINT, 1968 [2014], p. 148), e oferece pertencimento para tais conteúdos, tanto na relação com o mundo externo quanto no mundo interno do sujeito. No espaço da análise, o paciente pode descobrir o prazer das boas relações e “durante algum tempo, pod[e] se despir de

---

regressão: “o que é fundamental nesse novo contexto [do adoecimento por passivação] é o reconhecimento dos ‘traumatismos precoces’, experiências de ruptura que produzem [...] uma verdadeira aniquilação das capacidades de defesa e resistência. As angústias não chegam a se formar, são liminarmente evitadas por uma verdadeira extinção de áreas do psiquismo que morrem, ou melhor, *deixam-se morrer*” (COELHO JR; FIGUEIREDO, 2018, p. 15). É possível reconhecer uma agência do psiquismo, não do ego, nesse deixar-se morrer, no sentido em que foi descrito o princípio de atividade. Algo que remete ao processo de autotomia ou de autoclivagem narcísica descrito por Ferenczi (1931) que consiste em processos psíquicos para lidar com os traumas severos que acometem o psiquismo no início da vida.

todos os tipos de caráter e armaduras defensivas e sentir que a vida [se tornou] mais simples e mais verdadeira – uma verdadeira nova descoberta” (BALINT, 1968 [2014], p. 141). A descoberta, enfim, de um mundo possível de se habitar, construído sobre o paradoxo existente na conjugação da onipotência com a castração, no qual a realização da potência narcísica é dependente das circunstâncias indomáveis da realidade externa.

Balint chama de *falha básica* os efeitos inevitáveis que os desencaixes na relação precoce com entorno causam na organização psíquica<sup>31</sup>, e descreve a perlaboração dessas marcas como uma *travessia do abismo*, processo que ele equipara ao trabalho de luto, uma vez que a falha básica “não pode ser removida, resolvida ou desfeita; talvez ela possa ser curada parcialmente, deixando uma cicatriz que mostra que o fato existente no passado permanece detectável para sempre” (BALINT, 1968 [2014], nota de rodapé, p. 180).

Um luto da condição uterina, que está para sempre perdida, e cuja perda deixa marcas profundas no psiquismo, marcas que impulsionam a atividade psíquica em direção à anulação desse fato e em direção aos desafios do campo relacional. Apesar de conflituosas e insuficientes, é somente através das relações que o sujeito se salva do abismo que pode emergir nos intervalos entre as demandas pulsionais e a satisfação dessas necessidades. Somente as relações podem recriar algo que se pareça, ainda que bem de longe, com a experiência imperturbada de completude e de harmonia vivida no ventre materno.

Para tanto, é imprescindível que a condição de passividade seja tolerada e, inclusive, vivida com algum prazer pelo sujeito. A descoberta de algo novo, a possibilidade de ser cuidado, a condição para esperar e para dormir, a vida em comunidade, são só algumas das realizações que somente são possíveis quando se está livre das necessidades de controle e da clausura dos anseios narcísicos de onipotência. A próxima e última seção deste estudo se dedica a afirmação do valor da condição de passividade.

---

<sup>31</sup> O que se pode associar à ideia de rochedo da castração.

### 3.3 Problemas de fronteira e a afirmação de uma ética da passividade

Os estudos até aqui permitiram que se fizesse uma leitura dos princípios que regem e organizam os processos psíquicos em que se constata um repúdio da condição de passividade nas relações com os objetos de satisfação, em especial diante das frustrações que ameaçam a homeostase narcísica. Por estar identificada com a impotência e o desamparo, o horror da passividade impulsiona o desenvolvimento psíquico na direção do aumento e sofisticação das formas de controle da satisfação pulsional. Essa ambição onipotente, se, por um lado, encontra sucesso na criação de formas de ter uma vida erótica satisfatória, em que o prazer é possível, por outro, está fadada ao fracasso, uma vez que a realidade insistentemente se mostra indomável e expõe o sujeito repetidamente às insuficiências de sua capacidade de criação.

Em função disso, a condição de passividade se anuncia reiteradamente a cada desencontro que o sujeito experimenta na relação com seu entorno. A cada nova frustração, o ser humano é lembrado do desafio de levar uma vida em que as relações com os objetos são indispensáveis para a sobrevivência. Suas reações frente a esta verdade inexorável da insuficiência dos objetos podem levar, inúmeras vezes, ao adoecimento psíquico. A capacidade de se relacionar bem com a exterioridade dos objetos do mundo requer que se desenvolva uma condição psíquica particular na qual se articulam a confiança de que bons encontros são possíveis e a tolerância às características singulares, muitas vezes incômodas, dos objetos. O objetivo de uma análise consiste, então, em conduzir o paciente em direção a esta posição subjetiva para que o sujeito possa estabelecer um bom relacionamento com a alteridade e possa suportar a condição de passividade e vivê-la sem o horror da castração.

Freud, em *Análise terminável e interminável* (1937a [1996]), propõe uma compreensão que dá fôlego para essas interpretações, que precisa, porém, ser lida com algum cuidado. O autor afirma que preservar a onipotência narcísica e contornar a castração são imperativos que os sujeitos buscam ardentemente realizar, mas, para descrever esses anseios que habitam o psiquismo de todos – independentemente do sexo –, Freud recorre à infeliz expressão “repúdio à feminilidade” (FREUD, 1937a [1996], p. 270).

É até possível se compreender as associações que fizeram Freud escolher esses termos, pois, ao lado dos erros de interpretação que a miopia da misoginia, do falocentrismo e de uma visão limitada de masculinidade induzem, ele, ao longo de todas as suas investigações, manteve-se apegado às determinações biológicas da anatomia, e considerava que, “para o campo psíquico, o campo biológico desempenha realmente o papel de fundo subjacente” (FREUD, 1937a [1996], p. 270). Assim, a questão da diferença anatômica entre os sexos se mantinha como algo determinante para sua produção teórica. É em função disso que Freud interpreta o horror à passividade e as angústias diante das insuficiências da condição castrada dos sujeitos de forma tão literal, como sendo uma aversão do homem de se ver efetivamente numa posição rebaixada, emasculada, diante de outro homem, e, na mulher, como uma inveja do pênis<sup>32</sup>. Ele descreveu o que aqui, neste trabalho, está sendo descrito como um princípio de atividade como um “desejo de masculinidade [que] foi retido no inconsciente e que [...] exerce uma influência perturbadora” (FREUD, 1937a [1996], p. 269).

Como os estudos até aqui ajudaram a ver, o que o psiquismo rejeita, desde as origens, são as *insuficiências narcísicas e o fim do sentimento de onipotência*, o que não tem necessariamente uma relação com a presença ou a ausência de um elemento, ou um órgão, específico – essa associação até pode ocorrer de fato, mas é uma construção secundária no psiquismo dos sujeitos. No entanto, apesar de serem decepcionantes essas formulações tão apegadas à anatomia, quando Freud descreve as dificuldades em superar as resistências do paciente que nega patologicamente a verdade da castração, ele vislumbra algo que deixa uma brecha em suas elaborações, por onde se pode entrar e realizar alguns pequenos giros nessas descrições para reafirmar justamente sua potência descritiva: o objetivo de Freud, numa análise, era conduzir o paciente para a compreensão de que “a atitude passiva para com homens nem sempre significa castração e que ela é indispensável em muitos relacionamentos na vida” (FREUD, 1937a [1996], p. 269).

O que se enxerga aí é a valorização de Freud da posição de passividade, que erroneamente foi associada à feminilidade. Isso encoraja que se trabalhe em favor da afirmação de paradigmas relacionais menos adoecidos e menos atravessados pela

---

<sup>32</sup> O que é contestado já há muito tempo por psicanalistas mulheres, conforme discute Amorim (2021), por invisibilizar a existência da vagina e por pensar a mulher de uma forma limitada como sendo o negativo do homem.

necessidade infantil de dominar e afirmar a onipotência narcísica. Isso é necessário pois, como ajudam a ver Saez e Carrascosa (2022), o horror à castração, na medida em que mobiliza afetos poderosos, determina modos de funcionamento e de relacionamento, e institui uma *política da impenetrabilidade*. Como contraposição a isso os autores vão advogar em favor de uma *ética da passividade*. Proposição que vem reforçar os achados desta pesquisa em que se deparou com a importância de abandonar as ambições de controle onipotente e da aceitação das insuficiências do narcisismo para se usufruir de forma saudável das relações objetais.

Para afirmar uma ética da passividade, os autores, de forma bastante provocativa, propõem pensar a condição de passividade e a questão da incompletude narcísica fora do paradigma binário pênis-vagina e analisá-lo a partir do *ânus*, uma vez que este é um órgão que iguala a todos. Isso é interessante porque, alinhada ao projeto de Freud, a proposta ainda deixa lugar para a anatomia nas teorizações. Segundo os autores, um outro paradigma relacional, que tome o ânus como representante dos buracos do narcisismo, sustenta uma outra forma de interpretar as dificuldades humanas decorrentes da condição incontornável de incompletude, uma forma menos segregativa e menos definidora de posições a partir das diferenças individuais. Ou seja, um outro paradigma livre do binarismo que cria um imaginário no qual, de um lado, se tem alguém completo e, de outro, alguém falho, rebaixado e submisso. Para eles, a discussão sobre passividade *versus* atividade não deveria estar apoiada sobre o que é específico em cada sujeito (pênis ou vagina), mas, sim, posto que todos são esburacados, sobre aquilo que é universal à condição humana. Assim, na metáfora dos autores, o ânus é o que melhor pode representar os buracos narcísicos que se abrem na experiência subjetiva humana, tão logo se sai do ventre materno, e que deixa a todos na mesma condição de habitar um mundo em que se depende inteiramente das relações para sobreviver. Um buraco que não pode ser negado, que é constituinte da composição corporal de todos e que não pode ser extirpado ou tapado pelo bem do funcionamento do organismo.

Descrevem os autores que

[...] o corpo é especialmente sensível naquelas partes onde existem aberturas, onde existe intercâmbio, ou seja, nos orifícios, no lugar onde sai, entra ou perde algo. É o caso da boca, do ânus, ou dos olhos. Existe uma relação especial entre o corpo e a separação de certos objetos; é nessas bordas da separação entre o interior e o exterior que



se instala um interesse especial, onde aparece uma excitação particular. (SAEZ; CARRASCOSA, 2022, p. 125).

É também ao redor desses orifícios que se organizam formas particulares de sofrimento ao se lidar com esses trânsitos. Orifícios lembram o tempo todo da porosidade do narcisismo, de sua insuficiência e da dependência do mundo externo, e imediatamente instauram *problemas de fronteira*.

No binarismo do narcisismo precoce, que vive a onipotência, a completude e a atividade em oposição à impotência, à insuficiência e à passividade, estar aberto aos objetos é estar em perigo, à mercê das decepções. Assim, a rejeição da incompletude conduz a uma rejeição da passividade e ao conseqüente anseio por *um narcisismo impenetrável*. A ideia de ser impenetrável, a quem nada falta e, portanto, nada entra, produz uma mentalidade incompatível – ou pelo menos muito desadaptada – com a condição humana que necessita incontornavelmente de objetos para se sustentar. Como lembram Saez e Carracosa, o desejo pela impenetrabilidade pode conduzir à própria morte, quando se vê, por exemplo, a recusa de certos homens diante da necessidade de realizar o exame de toque para checar a próstata. É possível verificar esse mesmo desejo num quadro de anorexia ou de bulimia, por exemplo, em que o controle extremo do que entra e do que sai do corpo é um ponto central para a manutenção do ideal narcísico de completude e suficiência. Esse discurso é altamente problemático porque retira a passividade dos circuitos de prazer, conduz a formas de afirmação extremamente fálicas, e alimenta o terror paranoide que atravessa as relações com objetos imperfeitos com os quais o sujeito teme se encontrar com as insuficiências – as suas próprias e as dos objetos.

Esse *insight* dos autores é valioso, pois: como um sujeito poderá estabelecer uma *parceria interpenetrante harmoniosa* com uma outra pessoa, nos moldes do que descreve Balint (1968 [2014]), quando vive a “penetração” e os buracos do narcisismo com tanto horror? Este desejo onipotente infantil de ser impenetrável faz com que o sujeito se defenda das relações e obstaculize a construção de uma relação saudável com a alteridade. Ou estabelece modos de relação que somente são possíveis nos termos daquela descrição tirânica feita por Balint (destaca na seção anterior) em que o objeto de satisfação é totalmente anulado em sua subjetividade, e qualquer desencaixe, qualquer traço de alteridade, é ferozmente repudiado pelo sujeito. Abandonar os anseios onipotentes expõe o sujeito ao risco de se ver diante de objetos

que possuem características próprias, que não estão aí para produzir os encaixes perfeitos que os anseios infantis gostariam de experimentar. O que esse sujeito, mimado e tirânico repudia é o trabalho de aceitar o mundo como ele é: insuficiente.

É para favorecer essa abertura que a afirmação de uma ética da passividade surge como uma força que se contrapõe aos afetos mobilizados pela castração e tenta pôr em movimento outros afetos menos paranoides – como a alegria do encontro, o prazer da descoberta, e o alívio da ampliação do horizonte de possibilidades – para inspirar outros modos de se relacionar com as insuficiências do mundo e de si mesmo. Um movimento importante que permite um outro olhar para se enfrentar as vivências paranoides que se dão nas fronteiras do narcisismo quando o assunto é a relação com o que entra e o que sai, o que se ganha e o que se perde.

Como disse Freud (1924b [2007]), a condição para se estar bem adaptado ao mundo requer que se conjugue, ao mesmo tempo, uma certa submissão às condições objetivas da realidade e uma rebeldia que ouse negociar com ela, para que se encontre (ou se crie) caminhos possíveis para a realização dos desejos em meio às impossibilidades que a realidade apresenta. Isso é importante enfatizar porque a boa adaptação não é uma realização de ordem fálica: a posição de saúde psíquica consiste na articulação da capacidade de ação com os limites da potência narcísica. Enfim, da atividade e da passividade, que, é bom lembrar, são ambos componentes intrínsecos da vida psíquica dos sujeitos; um par de opostos que está presente simultaneamente em cada um, “isso é fundamental para entender que cada sujeito pode adotar papéis ou posições ativas ou passivas, [...] penetrantes ou penetradas” (SAEZ; CARRASCOSA, 2022) p. 123).

Nesse sentido, para catalisar processos de cura é importante legitimar e dar testemunho para as dores decorrentes dos desencaixes entre o sujeito e seu entorno que tanto incomodam sua experiência subjetiva. O reconhecimento de que existem de fato dores nas relações ajuda a inscrever a faceta frustrante da realidade e contribui para sedimentar uma potência narcísica, que fica preservada apesar das frustrações. Uma potência que seja suficientemente consistente para enfrentar a existência extrauterina, mesmo que a ilusão de um psiquismo onipotente e impenetrável tenha sido desfeita. Essa é a hora da valorização da posição de passividade, do enfrentamento das ambições de dominação e anulação da alteridade, e da afirmação das possibilidades de criação a partir do encontro com as condições objetivas da

realidade e dos buracos que unem a todos na mesma condição. Assim, em suma, o esforço do psicanalista orientado pela ética da passividade é conduzir seu paciente para a percepção de que há potência mesmo num ego esburacado, incompleto e aberto ao mundo. Como Ambra (2022) ajuda a ver, a possibilidade de o sujeito se regozijar verdadeiramente das satisfações parciais oferecidas pelos objetos da realidade depende de que ele tolere uma “penetração da alteridade”, que se insinua nas suas diferenças em relação aos ideais que são projetados sobre ela.

Desse modo, no contexto de uma parceria interpenetrante harmoniosa com os objetos do entorno, o sujeito é capaz de levar o outro em consideração, tolerar suas particularidades, sem que isso signifique uma invasão destruidora da sua subjetividade, ao mesmo tempo em que se mantém conectado às suas próprias necessidades individuais e pode empreender um esforço de “negociação” com o parceiro, para criar condições em que ambos possam ser mutuamente levados em consideração em suas singularidades e possam contornar as frustrações que se instalam entre eles. O enfrentamento dos problemas de fronteira não envolve decidir quem ganha e quem perde, mas um trabalho que busca descobrir como a dupla perde menos, posto que é inevitável que haja alguma perda. Nader (2019), autor que defende a construção de uma comunidade pela via da falta e não pela via dos atributos individuais, faz uma provocação necessária nesse sentido: quanto se está disposto, ou em condições, de abrir mão das ambições narcísicas para que se possa conviver bem com a diferença?

O desejo de se viver relações perfeitas e habitar um mundo perfeito é uma ambição violenta que nega a própria humanidade. O ser humano é um ser esburacado, falível, que envelhece, adocece e morre – fatos que não se pode contornar, por mais que se deseje. Na medida em que essa ambição, como dito anteriormente, instaura políticas e modos de funcionamento que tentam violar a realidade e seus objetos insuficientes, a psicanálise, nascida com uma vocação para desconstruções, tem condições de confrontar essas forças que produzem subjetividades com tanto horror à passividade e movimentar as estruturas para fazer ver aquilo que deveras existe, mas que foi tornado indigno de aparição: a abertura para os objetos do mundo e a condição de insuficiência. A solução para os problemas humanos não está no fechamento narcísico e na edificação de fixações, que mais estreitam a experiência subjetiva e geram desadaptações do que aliviam a pressão

das exigências incessantes da vida pulsional. A vida é um problema sem resolução com o qual se vive. Nesse sentido, mesmo que a psicanálise não possa salvar o mundo, ela pode trabalhar para que os sujeitos se relacionem melhor entre si e com o entorno que habitam. Para a vida em comunidade é importante que seus membros parem de pensar tanto e só no próprio umbigo – ou no próprio cu – e se abram para o risco das relações. Como dizem Saez e Carrascosa (2022, p. 57), “todo sistema social é um sistema aberto, necessita de intercâmbios de energia, informação, população, força, matéria. Tente fechar uma cidade e ela morrerá. Tente fechar o cu de uma pessoa e ela morrerá”.

A frustração é a pedra no sapato da existência humana. É a faceta da realidade mais dura de assimilar, que mais ardentemente se tenta eliminar. Não morrer, não adoecer, não ter dificuldades no cotidiano e não sofrer foram motores poderosíssimos que impulsionaram a construção de um mundo extremamente complexo e especializado. A civilização começa assim. Há muita beleza nesse potencial criativo e transformador que é capaz de inventar um mundo melhor e mais confortável para se habitar, mas a busca pela perfeição tem uma faceta tirânica que alimenta um progresso predador que adoce os sujeitos e viola o mundo. O ser humano é capaz de coisas incríveis, mas não é capaz de tudo. Isso precisa ser lembrado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que as articulações nesta dissertação tenham cumprido o propósito de evidenciar a importância capital que os movimentos de repetição desempenham na dinâmica do aparelho psíquico e que, com isso, o leitor possa se sentir um pouco mais instrumentalizado para acolher esses conteúdos tão sensíveis que dizem respeito às dores do narcisismo precoce e seus mecanismos primitivos.

Os achados desta pesquisa fortaleceram as convicções de que, para que a associação seja efetivamente livre, a transferência precisa ser um espaço poroso para as mais desafiadoras necessidades infantis, que envolvem as dores profundas de ser alguém incapaz de contornar os desencaixes existentes na relação com o mundo. Como apresentado, o sofrimento decorrente da impossibilidade de satisfação do desejo onipotente de viver um encaixe perfeito com o entorno é, em certo sentido, legítimo: a dor da perda do estado oceânico. E, diante dessa dor, é fundamental que o psicanalista não recue e possa acompanhar seu paciente na travessia desse doloroso processo de desidealização das relações. É o acolhimento dessas dores que ressignifica a condição de solidão e leva o sujeito a compreender que, numa relação, se está sozinho e acompanhado ao mesmo tempo, o tempo todo.

Nesse sentido, tudo o que é próprio do humano cabe no processo analítico. Não para ser satisfeito, obviamente, mas para ser dignificado, e então poder fazer parte das relações e da vida do sujeito. Sem esse acolhimento, a relação não amadurece e a possibilidade de experimentar espontaneidade, confiar no outro e superar a relação paranoide com o entorno fica impedida. Sem esse amadurecimento, o sujeito sempre vai temer que algo emerja e estrague seu sonho onipotente. Onipotência, aliás, que, mesmo após o amadurecimento, não esmorece e se conserva na fé de preencher o intervalo existente entre a pulsão e os objetos de satisfação, impulsionando o sujeito em direção ao mundo em busca de bons encontros.

Talvez o leitor tenha suscitado de uma presença oculta neste texto e talvez seja interessante que ela seja explicitada. Por conta desses caminhos tortuosos da formação psicanalítica, e por conta do destino infeliz das ideias de Ferenczi na história da psicanálise, antes das ideias do húngaro serem descobertas por mim, muito estudo foi dedicado à obra de Winnicott. De modo que Winnicott e suas elaborações sobre o desenvolvimento subjetivo, os processos psíquicos e sobre o manejo clínico

exerceram alguma “influência” na leitura que faço de Ferenczi, o que não deixa de ser irônico. Alguns dos achados desta pesquisa certamente foram iluminados pelas elaborações de Winnicott – especialmente a importância da onipotência infantil para o desenvolvimento precoce do psiquismo e a extrema importância do acolhimento das demandas primitivas do paciente pelo analista. Todavia, ao longo do trabalho, a decisão foi permanecer na companhia principalmente de Ferenczi e de Freud e das descrições metapsicológicas que esses autores propuseram.

A íntima relação entre repetição e os anseios onipotentes infantis é o *insight* fundamental dessa dissertação que procurou compreender os fenômenos de repetição por um outro ângulo e dar um outro tratamento para as tendências regressivas atuantes do psiquismo, indo além das associações mais usuais que pareiam de cara a repetição com a pulsão de morte. A repetição não só esvazia e opera desligamentos, a repetição estabelece fixações e organiza, ajuda a preencher o vazio que existe entre os sujeitos e seus objetos de satisfação. É uma ação psíquica que transforma algo do mundo, exterior ao sujeito, em algo próprio, que o psiquismo possa manipular.

A decisão de estudar a repetição pela via do narcisismo precoce – sua constituição, seu funcionamento, suas necessidades nas relações objetais – abriu outras possibilidades de escuta para essa gama considerável de manifestações que desafiam o psicanalista no cotidiano da clínica, especialmente as dores decorrentes das insuficiências narcísicas e dos problemas de fronteira que despertam ódio, intensas disputas e formas violentas de controle da alteridade. Uma vez que essas reações podem ser interpretadas como respostas às relações precoces acidentadas, que marcaram, desde as origens, a relação do sujeito com a alteridade como algo perigoso e ameaçador, conforme se tentou detalhar para o leitor, tais reações não precisam mais ser lidas apenas como manifestações de uma força naturalmente destrutiva, que existe no psiquismo do paciente, contra a qual o psicanalista pouco pode fazer.

A interpretação dessas angústias regressivas como uma expressão da destrutividade do paciente, além de ignorar todas as nuances que se tentou apresentar nesta dissertação, mantém o analista numa posição impenetrável, narcisicamente defendida, em que nada precisa ser questionado acerca de sua escuta ou sua forma de conduzir os casos. Isso pode ser desastroso porque essas

manifestações comunicam justamente as angústias de se relacionar com os objetos indiferentes e distantes que fizeram parte da história das relações daquele sujeito. Nesses momentos, como se procurou demonstrar, o risco de retraumatismo é imenso e o acolhimento é o ingrediente que faz toda a diferença para a superação dessas modalidades profundamente adoecidas de relacionamento.

Os estudos para a elaboração desta dissertação fortaleceram as convicções de que o fator decisivo para o sucesso das análises é a qualidade da presença do analista, uma atitude que não recua e que aposta no poder curativo das relações. Este trabalho, ao lado de uma valorização da passividade, faz uma valorização de modos menos paranoides de relacionamento. Aposta numa sociabilidade que possa ser mais empática e solidária. Como já disse Guimarães Rosa (1956) “só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”.

## REFERÊNCIAS

AMBRA, P. Por uma (re)erotização da psicanálise. *In*: AMBRA, P. (org.). **As subversões do erótico**. São Paulo: Editora Bregantini, 2022.

AMORIM, P. M. de, **Karen Horney, o feminismo e a feminilidade**: um desmentido na história da psicanálise. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

AMORIM, P. M. de. A metapsicologia feminina: contribuições de Karen Horney para o desenvolvimento da psicanálise. *In*: KUPERMANN, D. et al. (orgs.). **Psicanálise: pesquisa e intervenção**. São Paulo: Zagodoni, 2022.

BALINT, M. (1968). **A falha básica**: aspectos terapêuticos da regressão. São Paulo: Zagodoni, 2014.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

COELHO JR., N. **A força da realidade na clínica freudiana**. São Paulo: Escuta, 1995.

COELHO JR., N. E.; FIGUEIREDO, L. C. **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura**: matrizes e modelos em psicanálise. São Paulo: Blucher, 2018.

CELES, J. A. Nascimento psíquico. *In*: ARAGÃO, R. O. (org.). **O bebê, o corpo e a linguagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DEAN-GOMES, G. **Budapeste, Viena e Wiesbaden**: o percurso do pensamento clínico teórico de Sándor Ferenczi. São Paulo: Blucher, 2019.

DENIS, P. **Emprise et satisfaction**: les deux formants de la pulsion. 2. ed. Paris: PUF, 2002.

EFKEN, P. H. de O. A dimensão de domínio na constituição do Ego. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 22-34, janeiro, 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692017000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100003&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 26 set. 2022.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.5192>

FERENCZI, S. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios *In*: **Obras completas, Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



FERENCZI, S. (1924). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. *In: Obras completas, Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, S. (1928a). Adaptação da família à criança. *In: Obras completas, Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, S. (1928b). Elasticidade da técnica psicanalítica. *In: Obras completas, Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, S. (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. *In: Obras completas, Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, S. (1930). Princípio de relaxamento e neocatarse. *In: Obras completas, Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes - 2011.

FERENCZI, S. (1931). Análise de crianças com adultos. *In: Obras completas, Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes – 2011.

FERENCZI, S. (1933). Confusão de línguas entre adultos e crianças. *In: Obras completas, Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes - 2011.

FERENCZI, S.; RANK, O. (1924). **Metas para o desenvolvimento da psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática**. São Paulo: Quina Editora, 2022.

FIGUEIREDO, L. C. A tradição ferencziana de Donald Winnicott. Apontamentos sobre regressão e regressão terapêutica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 36, n. 4, p. 909-927, 2002.

FORTES, I.; MACEDO, M. K. Quem é o psicanalista pesquisador? Questões cruciais sobre o método psicanalítico de pesquisa. *In: FULGENCIO, L. et al. (orgs.). Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni, 2018.

FREUD, S. (1894). *Neuropsicoses de defesa*. *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1900) **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. *In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

- FREUD, S. (1913). Totem e tabu. *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1914a). Recordar repetir e elaborar. *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1914b). À guisa de introdução ao narcisismo. *In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, S. (1915). O inconsciente. *In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. *In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1919). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 15. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. *In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1923). O eu e o id. *In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, S. (1924a). Neurose e psicose. *In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, S. (1924b). Perda da realidade na neurose e psicose. *In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. *In: Obras completas*. Vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *In: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. (1937a). Análise terminável e interminável. *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1937b). Construções em análise. *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FULGENCIO, L.; COELHO, D. As relações entre a empiria e a teoria na psicanálise - uma discussão de dois psicanalistas pesquisadores. *In: FULGENCIO, L. et al. (orgs.). Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni, 2018.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GAY, P. (1988) **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012

GONDAR, J.; CANAVÊZ, F. Psicanálise: o desvio como método. *In: FULGENCIO, L. et al. (orgs.). Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni, 2018.

GUIMARÃES ROSA, J. (1956) **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GURFINKEL, D. **Relações de objeto**. São Paulo: Blucher, 2017.  
KUPERMANN, D. **Estilos do cuidado**: a psicanálise e o traumático. São Paulo: Zagodoni, 2017.

KUPERMANN, D. et al. Da “ciência bastarda” à crítica à lógica identitária: transescolas e transgêneros na psicanálise contemporânea. *In: FULGENCIO, L. et al. (orgs.). Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni, 2018.

KUPERMANN, D. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1982) **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MADUENHO, A. A. M. **Nos limites da transferência**: dimensões do intransferível para a psicanálise contemporânea. 2010 (Doutorado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MASSON, J. M. **Atentado à verdade**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.

NADER, A. **O não ao manicômio: fronteiras, estratégias e perigos**. São Paulo: Benjamim Editorial, 2019.

RANK, O. (1924). **O trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise**. São Paulo: Cienbook, 2016.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta** e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke. São Paulo: Globo, 2013.

ROUDINESCO, R.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAÉZ, J.; CARRACOSA, S. **Pelo cu: políticas anais**. Salvador: Devires, 2022.

TAVARES, T. A. O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo. São Paulo: Blucher, 2019.

UCHITEL, M. **Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. (Col. clínica psicanalítica).

ZYGOURIS, R. **Ah! As belas lições!** São Paulo: Escuta, 1995.